



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ANA CLÁUDIA BIANCONI

**“A GENTE TINHA QUE SE VIRAR SOZINHA”: PROCESSOS
EDUCATIVOS EMERGENTES DA ANDARILHAGEM DE
MULHERES ATLETAS DE FUTSAL**

São Carlos

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ANA CLÁUDIA BIANCONI

**“A GENTE TINHA QUE SE VIRAR SOZINHA”: PROCESSOS
EDUCATIVOS EMERGENTES DA ANDARILHAGEM DE
MULHERES ATLETAS DE FUTSAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos - na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior.

São Carlos

2023

Bianconi, Ana Cláudia

"A gente tinha que se virar sozinha": processos educativos emergentes da andarilhagem de mulheres atletas de futsal / Ana Cláudia Bianconi -- 2023. 131f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Osmar Moreira de Souza Junior
Banca Examinadora: Iraí Maria de Campos Teixeira, Silvana Vilodre Goellner
Bibliografia

1. Futsal de mulheres. 2. Processos educativos. 3. Andarilhagem. I. Bianconi, Ana Cláudia. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (Sin)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Cláudia Bianconi, realizada em 09/11/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Profa. Dra. Irai Maria de Campos Teixeira (UFSCar)

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (UFPel)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

DEDICATÓRIA

Às minhas avós, Brigida Manzini
Bianconi e Benedita Amélia dos Santos
Fargoni, e minha tia, Diomar Aparecida
Bianconi, *in memoriam*, por me
ensinarem sobre a vida e sempre me
incentivarem a estudar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Dirceu Biancone e Marta Fargoni Bianconi, por serem meu maior exemplo, por me ensinarem que nunca devemos deixar de lutar por algo que desejamos, por me permitir estudar mesmo quando trabalhar pudesse ser uma necessidade, por nos educar tão bem.

Aos meus irmãos Ivan Mateus Bianconi e Cláudio Moisés Bianconi (in memoriam) e minha irmã, Elizabeth de Cássia Bianconi, por estarem sempre por perto, por todos os momentos compartilhados, eu amo vocês.

Ao meu sobrinho Ivan Mateus Bianconi Junior e minha sobrinha Valentina Malimpensa Bianconi, vocês são minha alegria no viver.

À Carol por me acompanhar lado a lado nessa jornada árdua, de dias mal dormidos, cansaço, estresse e também de realização e alegria, por toda força e companheirismo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior por todos os ensinamentos, por acreditar em mim, por me acompanhar nesse caminho, por tamanha humildade e coração, por ser inspiração, por me tranquilizar quando me desesperava, por mostrar que eu podia e contribuir para minha formação. Serei eternamente grata a você e levarei comigo todos os ensinamentos e momentos compartilhados.

Às mulheres participantes desta pesquisa, amigas que fiz e levarei comigo para a vida toda. Obrigada por compartilhar comigo suas histórias, vocês fazem parte de um sonho realizado que só foi possível devido às suas generosidades, muito obrigada.

Às minhas alunas do futsal, meninas que com certeza tornaram meus dias mais leves e felizes nessa caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar, compreender, analisar e descrever os processos educativos que emergem da prática social da andarilhagem de mulheres atletas de futsal. Para participar deste estudo foram selecionadas, a partir de registros em diários de campo de uma roda de conversa, cinco mulheres atletas de futsal que integravam o elenco da equipe principal do clube Associação São-carlense de Futsal – ASF. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pautada na dialogicidade e centrada em sujeitos, que se desenvolveu a partir de entrevistas com as participantes, as quais foram gravadas e transcritas em diários de campo. Para a análise de dados optamos por realizar uma análise episódica, em que excertos das entrevistas foram selecionados, apresentados e discutidos, de forma a promover a reflexão em torno dos episódios associando-os, quando possível, a conceitos freirianos. Os resultados encontrados apontam para a denúncia de processos de desumanização e situações de opressão experienciados por mulheres atletas de futsal na andarilhagem por se firmarem profissionalmente como atletas, e desvelam processos educativos de enfrentamento, cuidado mútuo, apoio, identidade, os quais funcionam como alicerce e contribuem no processo de desenvolvimento da consciência crítica que leva a práxis libertadora, a partir do estado permanente e constante de ser sujeitos que estão sendo.

Palavras-Chave: Futsal de mulheres. Processos Educativos. Gênero. Andarilhagem. Humanização.

ABSTRACT

This research aims to identify, understand and describe the educational processes that emerge from the social practice of wandering among female futsal athletes. To participate in this study, five women futsal athletes who were part of the main team of the club Associação Sãocarlense de Futsal – ASF were selected from records in field diaries of a conversation circle. This is a qualitative research based on dialogicity and centered on subjects, which was developed from interviews with the participants, which were recorded and transcribed in field diaries. For data analysis, we chose to carry out an episodic analysis, in which excerpts from the interviews were selected, presented and discussed, in order to promote reflection around the episodes, associating them, when possible, with Freirean concepts. The results found point to the denunciation of processes of dehumanization and situations of oppression experienced by female futsal athletes when walking as they establish themselves professionally as athletes, and reveal educational processes of coping, mutual care, support, identity, which function as a foundation and contribute to the process of developing critical consciousness that leads to liberating praxis, based on the permanent and constant state of being subjects that they are being.

Keywords: Women's futsal. Educational Processes. Gender. Wandering. Humanization.

Lista de Quadros

Quadro 1: Perfil das atletas participantes da pesquisa	52
---	----

Lista de Figuras

Figura 1: Organograma de estudos envolvendo o futsal de mulheres	18
Figura 2: Modelo esquemático – Transmodernidade	32

Sumário

INTRODUÇÃO	12
Questão de Pesquisa e Objetivo	20
1. ANDARILHANDO.....	21
2. GÊNERO E AS MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL E FUTSAL NO BRASIL	36
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
4. ANÁLISE DE DADOS E CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.	58
4.1 Generificação: “para o feminino pesa mais que para o masculino, na minha visão, né, e as vezes a gente sai sempre sendo a prejudicada, né?!”	58
4.2 Do contexto de empréstimo a educação da saúde: “Com doze anos eu assumi uma responsabilidade, se ficar sozinha, de saber me virar sozinha. Foi com doze anos, quando eu fui para São Paulo”.	63
4.3 Desumanização para ser menos: “minha maior dificuldade mesmo, acho que foi quando eu passei fome”	72
4.4 Cuidado mútuo e unidade na diversidade: “ah, eu não tinha medo porque tinha um monte de menina, né.”.	92
4.5 Formação da consciência crítica: “se você me perguntar de sonho, eu não consigo voltar pro futebol, porque eu já não vejo que ele vai me proporcionar muita coisa, além do prazer que eu sinto de viver isso”	97
4.6 Das situações-limite aos atos-limite: “Eu não vou no jogo hoje, eu não quero mais ficar aqui; muito obrigada pelo mínimo que você fez”.	102
4 ESPERANÇANDO “SER MAIS”	107
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO I.....	113
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	115
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA	117
APÊNDICE III – TRECHO DE ENTREVISTA NA ÍNTEGRA.....	118

INTRODUÇÃO

O esporte, mais precisamente o futebol sempre esteve presente em minha vida¹. Desde muito pequena me interessava pela modalidade e ficava brincando de jogar bola com meu irmão e minha irmã gêmea na área de casa, no sítio onde morava. À medida que ia crescendo, aumentava também a vontade de jogar competições e participar desse universo que se restringia aos meninos, diferente do que acontecia entre as meninas, para as quais a exclusão se iniciava já na escola, nas aulas de educação física.

Lembro de assistir jogos na TV, todos masculino e isso me soava muito estranho porque, ao mesmo tempo que parecia não existir o futebol de mulheres, era menina, conhecia outras meninas que jogavam também e conseguimos até montar um time com as meninas dos sítios vizinhos. Isso tudo era muito contraditório, difícil de compreender e triste.

A exclusão perdurou por muito tempo em minha vida, na escola vivenciei um episódio em que fui impedida de jogar por ser menina: estava na aula de educação física, se não me engano na sexta série do ensino fundamental, em 1994, a quadra era um dia para as meninas e outro, para os meninos, na ocasião a quadra seria nossa, mas as meninas cederam o espaço para os meninos e eu quis jogar futebol com eles, porém eles não deixaram, foi então que sentei no centro da quadra e a professora me retirou. Lembro de ter sentido muita raiva, de ter chorado em casa e de não saber como mudar isso.

Na adolescência, já morando na cidade, eu e minha irmã demoramos para encontrar um lugar para jogar e quando encontramos, chegamos para treinar e a equipe havia se desfeito, depois disso, descobrimos um clube na cidade frequentado pela elite São-carlense, mas não éramos sócias e só depois de um tempo criaram o “sócio atleta”, uma espécie de vínculo com o clube que possibilitava a não sócios/as participarem de atividades esportivas como atletas do clube. Na hora do jogo, as sócias-atletas começavam no banco e só quando o time sofria gol, o técnico colocava a gente para jogar. Passado um tempo proibiram não sócios/as de jogar, extinguíram a categoria de “sócios atletas”.

¹ A narrativa do texto irá transitar entre primeira pessoa do singular e plural, demarcando as experiências singulares da pesquisadora Ana quando se tratar da primeira pessoa do singular; das experiências dela e das mulheres de uma forma mais ampla, quando fizermos o uso da primeira pessoa do plural no feminino e, por fim, da primeira pessoa do plural com flexão de gênero quando fizermos referência às construções coletivas da parceria entre a pesquisadora Ana e seu orientador Osmar.

Assim foi até 2001, jogando aqui e ali, enquanto a equipe não se desmanchava; foi neste ano que participei de um teste no Guarani de Campinas e passei, e também neste ano eu passei no vestibular. Apesar de ser o Guarani, um “clube de camisa”, e de estar muito tentada a ir, a proposta era apenas a de ajudar com as passagens de São Carlos a Campinas aos finais de semana; não havia alojamento, não havia salário, havia apenas a minha vontade de jogar. No entanto, eu teria aulas aos sábados na faculdade e ir para Campinas, naquele momento, comprometeria os meus estudos, foi então, que com muita dor no coração, escolhi estudar, não porque não gostasse de estudar, mas porque amava jogar e tinha o sonho de me profissionalizar no futebol.

Cursando Educação Física na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), conciliei o quanto pude os estudos e a prática do futsal e do futebol. À essa “altura do campeonato” conseguia perceber que por mais que esperássemos o ano todo para jogar futebol de campo nos Jogos Regionais², era mais fácil participar de competições no futsal, pois se no campo jogam onze contra onze, na quadra, jogam cinco contra cinco. No entanto, o número não era o maior problema, acredito, e sim as condições, haja vista todas as dificuldades encontradas para as mulheres manterem-se no esporte. O grupo de mulheres que praticava o futebol era o mesmo das que praticavam o futsal, muitas delas trabalhavam e jogavam, não conseguiam se dedicar exclusivamente ao esporte; como os horários de trabalho compreendiam o horário comercial, das oito as dezoito, tinham o período da noite para treinar, mas o espaço cedido pela prefeitura nesse horário era a quadra, pois em São Carlos, apenas um campo possuía iluminação, sendo que este era de uso exclusivo da equipe masculina da cidade, assim, treinávamos futsal o ano todo, mas jogávamos as competições nas duas modalidades. Contudo, o mesmo fator que contribuía com a participação de jovens adultas que trabalhavam durante o dia, significava também uma dificuldade para as meninas mais novas, que nem sempre iam treinar por conta dos horários dos treinos, por considerarem tarde, perigoso e não terem o apoio dos/das responsáveis.

A falta de incentivos para a prática das mulheres vêm acompanhada de uma série de empecilhos: sem apoio as praticantes precisam conciliar o esporte com outros afazeres; há poucas competições mais organizadas, que abranjam um calendário pouco

² Jogos Regionais é uma competição organizada pela Secretaria do Estado de São Paulo que acontece de maneira regionalizada e os municípios se inscrevem para participação em diversas modalidades. Os Jogos geralmente acontecem no mês de julho, período de férias escolares; nas modalidades futebol feminino e futsal feminino é comum atualmente, principalmente em municípios em que o esporte não seja tão fomentado, a participação das mesmas atletas nas duas modalidades.

mais extenso; e a adesão de equipes para participação não é simples, porque sem recursos para manter as atletas, muitas acabam desistindo do sonho da carreira esportiva, assim, clubes menores, preferem não correr o risco de se inscrever em uma competição e não ter condições e nem atletas para terminar.

Este cenário incentiva que clubes pequenos³ participem vez ou outra de amistosos e torneios curtos, quadrangulares, que podem até ser interessantes por possibilitarem a participação de diversas equipes com baixa condições financeiras, uma vez que são competições de baixo custo e que acontecem em poucos dias, não exigindo vínculos duradouros das jogadoras com os clubes, por outro lado, a forma como são propostos acabam colocando em risco a integridade física das participantes. Sou prova viva destes tipos de violência às quais as mulheres futebolistas têm sido submetidas. Me lembro de em 2001, momento em que rompi o ligamento cruzado anterior (LCA) do joelho pela primeira vez, na ocasião estávamos participando de um amistoso de futebol contra a equipe de Bauru. Viajamos apenas em dez atletas, iniciamos o jogo com uma jogadora a menos, e acabei me lesionando neste jogo. Não tive apoio algum para o tratamento e toda a recuperação foi por minha conta. Mesmo diante de tantas dificuldades segui estudando e jogando; após a recuperação voltei a jogar, rompi o LCA do outro joelho, fiz outra cirurgia, nova recuperação, tudo por conta própria. Neste momento, jogava futsal pela UFSCar e também pela Associação São-carlense de Futsal (ASF) representando o município de São Carlos nas competições.

A ASF foi fundada em 2004, com intuito de fomentar a prática do futsal no município. Um dos idealizadores e também quem conta essa história é o técnico de esportes e atual treinador da equipe de futsal de mulheres da ASF, que está no cargo de direção do Departamento de Esportes de Rendimento da Secretaria Municipal de Esportes e Cultura de São Carlos e à época era o treinador da equipe masculina de futsal da cidade, ele relata que conseguia participar de alguns campeonatos com recursos públicos oriundos de “caixa pequeno”, uma espécie de reserva monetária que possibilita às secretarias alguns custos baixos sem burocracias e rigorosidades na prestação de contas. No entanto, alterações na política pública ocorreram a fim de combater práticas corruptas

³ No estudo de Souza Junior (2013), clubes pequenos e com pouca expressão no cenário futebolístico são aqueles que possuem parcerias com a prefeitura municipal de sua cidade sede e uma faculdade; as atletas não recebem salários, mas sim ajudas de custos; o clube geralmente oferece moradia e alimentação às atletas; a faculdade parceira oferece o curso de graduação. Estes clubes não possuem tradição com relação aos resultados ou mesmo participação em competições profissionais da Federação Paulista de Futebol.

e garantir maior transparência nos gastos públicos, assim, não seria possível utilizar-se dos “caixas pequenos” para gastos com competições e as equipes que desejassem continuar competindo teriam que se organizar, criar Associações para firmar parcerias com a prefeitura. Foi assim que surgiu a ASF, da então necessidade de continuar atendendo o público que praticava o futsal na cidade. A partir da fundação, um dos técnicos de esportes, também funcionário público, montou uma equipe de futsal para mulheres.

Conclui o curso de Educação Física na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 2005, recém formada, fui trabalhar na rede estadual de ensino, lecionei por quatro anos em Ribeirão Preto, período em que conciliei trabalho e esporte, ora praticando o futsal (Ribeirão Preto), ora o futebol (Franca). Em 2009 voltei para São Carlos, passei em um concurso público para atuar como técnica de esportes na cidade, voltei a jogar pela ASF, inicialmente escolhi continuar jogando e ministrar aulas de futsal para os meninos.

Enquanto me dividia trabalhando e tentando ser atleta vi muitas meninas mais novas chegarem e serem “descartadas” ou, por vezes, desistirem, por não receber a atenção necessária para evoluir na modalidade e conseguir acompanhar a equipe principal. Não havia trabalho que se voltasse à iniciação na modalidade, nem competições para categorias de base⁴, muito embora houvesse público interessado. Foi então que resolvi iniciar um trabalho com essas meninas em 2014 e até hoje sigo ensinando e aprendendo com meninas e jovens praticantes de futsal em São Carlos. Como mulher, ainda enfrento muitas barreiras para estar neste lugar.

Apesar de todo preconceito que ainda existe, e tanta desigualdade de gênero, é nítido observar o crescimento da modalidade entre as meninas, hoje temos cerca de 100 meninas praticando o futsal no projeto que trabalho, mas me lembro de na primeira aula ter apenas 3 meninas; lembro-me também que a maioria delas iam desacompanhadas de responsáveis e acho que quase nenhum aparecia nos jogos, diferente da atualidade, em que boa parte acompanha os jogos e quando possível, até os treinos.

⁴ Categorias de base designa a prática de modalidades esportivas realizada por crianças e adolescentes, a exemplo do futsal, as categorias de base atendem crianças a partir dos 7 anos de idade, e as competições são organizadas respeitando as idades dos/as praticantes. Para as meninas, a Federação Paulista de Futsal passou a promover, neste ano de 2023, competições a partir dos 10 anos de idade, mas, no interior do Estado, há pouquíssimos campeonatos organizados por Ligas que atendam às categorias de base de mulheres.

Para Barreira et al. (2020), o aumento de meninas e mulheres praticantes de futebol ao redor do mundo tem sido caracterizado por uma prática de resistência e persistência:

A permanência das mulheres na modalidade contou com pouco ou nenhum apoio institucional e desafiou diversas normas sociais. A transformação desse cenário marcado por uma trajetória carregada de impedimentos sociais e legais foi possível principalmente pelo enfrentamento de mulheres que lutaram por mudanças culturais em relação às construções de gênero na sociedade e no esporte (p. 30).

O mesmo futebol que é considerado fenômeno cultural de nossa nação, que permite a vivência de situações e emoções típicas do homem brasileiro, que é uma forma de cidadania, que possui alto poder simbólico e é capaz de representar o homem brasileiro (DAOLIO, 2000), chegou a ter sua prática por mulheres, proibida por lei no Brasil de 1941 até 1983 (SILVA, 2017), constituindo-se como um esporte protagonizado por homens, que tem se configurado como um território de cerceamentos para a ascensão e a permanência de mulheres (GOELLNER, 2020). Por isso, a questão que envolve o futebol e identidade nacional é bem diferente entre as mulheres, como podemos observar no trecho que segue:

Agora, o futebol é especial, ninguém se identifica como brasileiro através da engenharia, ou através da oficina mecânica; mas o futebol é expressa uma identidade nacional. Então, há uma dupla rejeição; a mulher, proibida de jogar futebol, proibida de discutir, de estar nesse mundo, é rejeitada como mulher e como cidadã brasileira, porque ela não tem essa plena identidade que o futebol acaba conferindo. E não estou dizendo que os homens sejam os culpados – são vítimas também. Ser homem no Brasil é entender de futebol. É difícil se considerar alguém plenamente homem se não tiver uma certa compreensão, mesmo que não pratique. Ora, nem todo homem se interessa por futebol, e com isto fica socialmente deslocado, pois a masculinidade hegemônica prescreve esta inclusão. No caso das mulheres, não são alguns casos, são todas, e vejo uma dupla exclusão – da prática e do pertencimento nacional que a acompanha – , que é mais grave. (RIAL, 2012, n.p)

Além da questão da identidade nacional, uma das problemáticas mais latentes que envolve a prática esportiva realizada por mulheres é a constante correlação entre esporte e feminilidade, sendo inevitável fugir da temática gênero dentro do esporte (KESSLER, 2020).

Espera-se da mulher que esta seja universalmente feminina, com todos os atributos que isso lhe confere, como delicada, comportada, maternal e bela. Assim, muitas das jogadoras que adentram a determinadas áreas esportivas, como o futebol ou futsal, são geralmente percebidas como masculinas, contrariando o que socialmente se esperaria de uma mulher. Outro tabu frequentemente relacionado à prática do futebol por mulheres diz respeito à orientação sexual. “Enquanto para as mulheres há a pressuposição da dúvida com relação à (hetero)sexualidade, aos homens praticantes desses esportes ainda é imperativa a presunção de heterossexualidade” (KESSLER, 2020, p.41).

Permanecer na prática do futsal exige das mulheres vencer muitas barreiras, visíveis e invisíveis e faz parte desse processo a contribuição e luta de todas e todos que se dedicam ao desenvolvimento da modalidade. Contextualizando o universo de pesquisas com futsal, é possível observar que são poucos estudos sobre essa temática.

Uma busca na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁵ em abril de 2023, utilizando o descritor “futebol” trouxe como resultado 2.056 (dois mil e cinquenta e seis) documentos, enquanto para o descritor “futsal” o resultado encontrado foi de 218 (duzentos e dezoito) documentos. Ou seja, o número de pesquisas que tratam do futsal é quase dez vezes menor que o de pesquisas que se referem ao futebol. Esse número cai ainda mais quando utilizamos os descritores de busca “futebol feminino” e/ou “futebol de mulheres”, onde encontramos 195 (cento e noventa e cinco) teses e dissertações, sendo, 68 (sessenta e oito) delas relacionadas a estudos envolvendo aspectos sociais, políticos, culturais e de gênero; utilizando os descritores “futsal feminino” e/ou “futsal de mulheres”, desconsiderando os documentos encontrados em comum, tem-se um total de 45 (quarenta e cinco) teses e dissertações como resultado, sendo que destas, apenas 18 (dezoito) fazem referências a estudos que abordam questões sociais, políticas, culturais e de gênero.

A discrepância também é identificada em outras bases de dados, na SCIELO⁶, por exemplo, uma busca realizada na mesma época, com o descritor “futebol” trouxe 805 (oitocentos e cinco) resultados, enquanto a pesquisa para o descritor “futsal”, 117 (cento

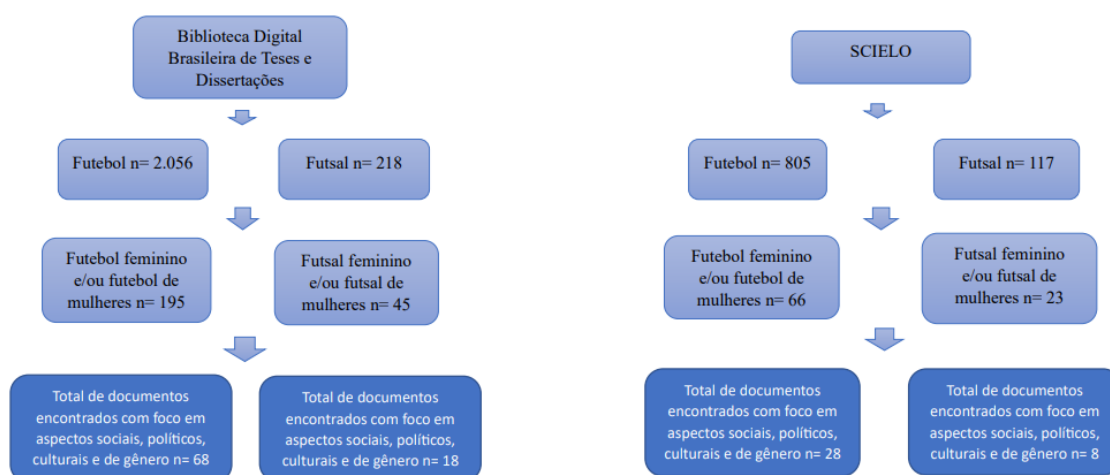
⁵ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações é uma base de dados coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa no Brasil, estimulando o registro e publicação de teses e dissertações em meio eletrônico, contempla atualmente um grande acervo digital.

⁶ Scientific Electronic Library Online — SciELO, também conhecida em português como Biblioteca Eletrônica Científica Online, é uma biblioteca digital de livre acesso e um projeto cooperativo de publicação digital de periódicos científicos (SCIENTIFIC, 2023).

e dezessete); já com os descritores de busca “futebol feminino” e/ou “futebol de mulheres”, foi encontrado um total de 66 (sessenta e seis) artigos, sendo que 28 (vinte e oito) deles fazem referência à aspectos sociais, políticos, culturais e de gênero; com a busca a partir dos descritores “futsal feminino” e/ou “futsal de mulheres”, por sua vez, desconsiderando os artigos encontrados em comum, tem-se um total de 23 (vinte e três) produções, destas, apenas 8 (oito) abordam aspectos sociais, políticos, culturais e de gênero.

O organograma abaixo ilustra o cenário de pesquisas que tratam do futebol, futsal, futebol feminino e/ou futebol de mulheres, futsal feminino e/ou futsal de mulheres, e documentos encontrados com foco em aspectos sociais, políticos, culturais e de gênero, com base em buscas realizadas nas bases de dados da BDTD e SCIELO em abril de 2023:

Figura 1. Organograma de estudos envolvendo o futsal de mulheres



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Com anos de atraso com relação ao futebol praticado por homens, as mulheres vêm com muita luta e resistência conquistando seu espaço nos campos e nas quadras. O caminho é longo e árduo e é neste contexto que se insere essa pesquisa, que busca uma escuta atenta às mulheres, anônimas (ainda), que seguem na prática do futsal em São Carlos, enfrentando situações diversas e adversas para continuarem seguindo rumo a seus projetos de vida e profissionais. Pesquisa esta que se volta para aquelas que estão à margem, no extremo da exterioridade (ARAÚJO-OLIVERA, 2014), tendo em vista que o esporte e o futebol já são temas marginalizados na academia, mas neste caso não se trata de uma pesquisa com o futebol e sim com o futsal, não se trata de pesquisar o futsal

praticado por homens e sim por mulheres, mulheres estas que atuam em um clube, que na verdade vem de uma associação que foi fundada para possibilitar a continuidade da prática da modalidade em um município do interior do Estado de São Paulo e que está pleiteando um “lugar ao sol” no cenário esportivo de competição estadual, distante ainda de ser um clube verdadeiramente consolidado.

Olhando para as atletas de futsal, pensamos o quanto do “outro lado da linha” elas estão (SANTOS, 2009), uma vez que sendo mulheres são taxadas como desqualificadas no campo do futebol⁷. Quantas barreiras visíveis e invisíveis elas precisam ultrapassar para permanecerem atuando como atletas? Quando ainda criança a menina se interessa por jogar futebol, o que ela faz? Aonde ela pode jogar e a que custo? Nas aulas de educação física, até quando as oportunidades de participar de jogos de futebol/futsal dadas às meninas não serão as mesmas que as dadas aos meninos? É possível viver do futsal? Há um caminho a ser seguido para uma mulher se profissionalizar no futsal? Se sim, o que está por trás disso? O que as mulheres enfrentam para se tornarem atletas profissionais de futsal? O que elas aprendem e ensinam nesta prática social? A reflexão em torno desses questionamentos é sempre muito importante, contudo, adquire um valor ainda maior quando emerge das próprias protagonistas, por isso tão importante é realizar uma pesquisa em que elas possam ser ouvidas e suas vozes expressem as experiências de vida dessas mulheres, protagonistas na construção do conhecimento.

É nesse contexto de luta por mudanças que se insere essa pesquisa, com o cuidado que se exige o ato de pesquisar processos educativos em práticas sociais, atentando para realização de uma investigação *com* as pessoas, e não *sobre* pessoas, num processo de envolvimento que reforça o desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se ao passo que se almeja uma vida mais justa (OLIVEIRA et al., 2014a).

Estudar, compreender, analisar e descrever os processos educativos que se manifestam nas histórias de vida de mulheres que praticam futsal é ao mesmo tempo colocá-las como protagonistas e dar visibilidade às experiências engrandecedoras que se escondem e permeiam todo o processo de jogar futsal, contribuindo para reflexões que levam a um conhecer e reconhecer conscientes que alimenta a luta por mudanças e

⁷ Assumimos o futebol como uma categoria mais ampla do que a modalidade esportiva. Diferentemente do futsal, cujos significados restringem-se à sua dimensão esportiva, o futebol abarca significados plurais, na medida em que transborda a esfera esportiva para dimensões diversas como social, política, cultural e histórica. Assim sendo, por vezes neste estudo iremos nos referir ao futebol também como manifestação que contém o futsal.

superação das condições de violências sofridas por pessoas que permanecem nessa prática. Além de servir como fonte de informação para o estabelecimento de políticas públicas de equidade de gênero colaborando para evolução da modalidade e possibilitando um olhar mais crítico e justo diante de questões que envolvem as mulheres no esporte no Brasil.

Assim em um primeiro momento nos atemos a trabalhar o referencial teórico que passa pela busca da compreensão do processo histórico que estamos inseridas, a compreensão do contexto como um todo, refletindo concomitantemente a respeito de alguns conceitos de Paulo Freire que se relacionam com essa pesquisa. Na sequência trataremos das questões da mulher no esporte, mais precisamente o futsal, passando pela construção do futsal como prática social plural com potencial de desvelar inúmeros processos educativos. Em seguida apresentaremos os procedimentos metodológicos para, por fim, tratar da construção, análise e discussão dos resultados, em que dialogamos com trechos das entrevistas realizadas e registradas em diários de campo.

Questão de Pesquisa e Objetivo

Diante do que foi apresentado anteriormente, o questionamento que emerge é: quais processos educativos demarcam as histórias de vida de mulheres atletas na prática social da andarilhagem para consolidar carreira no futsal?

A fim de responder tal questão, o principal objetivo desta pesquisa é identificar, compreender, analisar e descrever os processos educativos que emergem das histórias de vida de mulheres atletas de futsal relacionados à prática social da andarilhagem para consolidar suas carreiras no futsal.

1. ANDARILHANDO

É importante reconhecer que como povos pós-coloniais que somos, até hoje sofremos forte influência de uma cultura ocidental moderna, eurocêntrica e norte-americana, o que pode explicar muitas ocorrências cotidianas que deveriam no fundo ser injustificáveis, tais como: o machismo, o racismo, a desigualdade de gênero, entre outras (DUSSEL, 2005).

Ao passo que fomos colonizados/as naturalizamos o Norte ao invés do Sul, aprendemos a valorizar o que trouxeram de fora, deixamos de valorizar o que produzimos aqui, nossa cultura, nosso povo. As mulheres, por consequência, sempre educadas a servir aos homens sofreram e sofrem, ainda hoje, quando “saem dos trilhos” que lhes foram impostos. No campo do futebol, ensina-se a valorizar o chamado futebol moderno, praticado por homens, espetacularizado, o qual se configura como prevalente, excludente, machista e em consonância com o capitalismo neoliberal, onde as pessoas são facilmente transformadas em mercadorias.

Oliveira et al. (2014a), afirmam que para gerar mudanças profundas na estruturação dos conhecimentos feita na lógica hierárquica é preciso desafiar o conhecimento hegemônico (filosófico e científico) produzido no Ocidente nos últimos anos e olhar para nossa realidade de latino-americanos/as.

Neste sentido, é preciso produzir conhecimento no contexto da América Latina, o que pressupõe nos libertarmos de referências construídas a partir de experiências alheias a nossos valores e culturas, olhando com criticidade para as visões de mundo e epistemologias que sustentam essas referências, e assumindo nossa condição de colonizados/as e de oprimidos/as, mas que nunca perderam a sua humanidade (OLIVEIRA et al., 2014a).

O que vemos na atualidade é a prevalência de uma epistemologia que valoriza a universalidade, pautada na ciência moderna, soberana, verdadeira, enquanto saberes populares, práticas sociais de conhecimento que não se encaixam nessa universalidade, são desvalorizados, desprezados, ao ponto de serem produzidos como inexistentes; a essa ocorrência, dá-se o nome de epistemicídio (SANTOS; MENESES, 2009).

O silenciamento, utilizado como tecnologia de opressão, desperta no/a oprimido/a uma sensação de não escuta, não entendimento de sua fala por parte dos opressores, seja por uma indisposição em escutar ou por incapacidade de assimilar o que está sendo dito, faz com que o movimento de fala se freie, assim sendo, chega um

momento, em que os/as oprimidos/as se calam, se silenciam, em um processo de violência epistêmica, que reflete atraso na produção de conhecimento (BERTH, 2019).

Tal cenário é reflexo também de um projeto de colonização que procurou homogeneizar o mundo, os saberes locais e contextuais que sobreviveram foram definidos como matéria prima para o avanço do conhecimento científico, firmado como único e exclusivo conhecimento válido, impossibilitando o diálogo entre a ciência e outros saberes. O colonialismo foi uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber e poder que levou à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados, do Sul (SANTOS; MENESES, 2009).

Essa impossibilidade de diálogo entre diferentes saberes, ocorre em função das linhas de pensamento abissais, linhas invisíveis que segregam o mundo, realidade social, em duas partes, uma em que estão os ditos “deste lado da linha”, com culturas e saberes valorizados e dominantes, representam a verdade, o ideal, o que existe; enquanto a outra, em que estão os/as ditos/as “do outro lado da linha”, representam povos colonizados, culturas e saberes sem valor, socialmente produzidos como inexistentes. É a valorização do eurocentrismo, da cultura norte americana, muito embora exista nesses territórios também, povos dominados, colonizados, suleados (SANTOS, 2009).

A principal característica do pensamento abissal é a impossibilidade de co-presença dos dois lados da linha, uma vez que reforça as diferenças criando um abismo entre as realidades sociais deste lado da linha e do outro lado da linha. No entanto, essas linhas que dividem as realidades em dois mundos não são fixas, elas se movem, se deslocam com o tempo, segundo contextos específicos, a partir da luta dos povos do Sul quando se reconhecem como excluídos e buscam a aceitação deste lado da linha. Assim é importante a presença e atuação de um conjunto de redes de iniciativas, organizações, movimentos que lutam contra a globalização hegemônica, contra a exclusão econômica, social, política e cultural, geradas pela globalização neoliberal (SANTOS, 2009).

Neste sentido, Santos (2009), reflete sobre a possível existência de um pensamento pós-abissal, que valorize a diversidade do mundo e acredite na produção do conhecimento como um processo dinâmico, constante e plural.

O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como aprender com o Sul, usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia dos saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A

ecologia dos saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS, 2009, p. 44-45)

A ecologia dos saberes preza pela valorização do diálogo entre os saberes de países e povos que foram colonizados e sofreram o processo de desvalorização de sua cultura, a partir de uma relação dialógica horizontal capaz de contribuir para uma justiça cognitiva global que vá além da pura redistribuição do conhecimento. É fazer com que o Sul deixe de ser pura matéria prima, objeto, e passe a ser sujeito na produção de seu conhecimento.

Ainda hoje vivemos sob a luz dessa dominação, valorizamos os produtos importados, a cultura ocidental moderna, a Europa e Estados Unidos, os quais invadem a nossa cultura com suas mercadorias transnacionais, como roupas (Nike, Adidas etc.), alimentos (McDonalds, Starbucks, Coca-Cola etc.), entidades e/ou competições esportivas (UFC, NBA, Champions League, NFL etc.) etc. Se observarmos, no dia a dia, entre os meninos e meninas brasileiros/as amantes do futebol, é muito comum encontrar nas escolas crianças e adolescentes vestindo camisas dos clubes europeus de futebol, talvez em número até maior do que as dos clubes nacionais, por exemplo. Estamos acostumados a nos referenciar nessas culturas centrais, desvalorizando as nossas tradições; fomos colonizados sob a bandeira do patriarcado, em que os homens tomavam as decisões e as mulheres tinham sua importância na maternidade.

No que se refere à prática do futsal e futebol, a prevalência é masculina, às mulheres cabem estar do outro lado da linha, na invisibilidade, na desqualificação, na impossibilidade de dividir saberes, porque simplesmente são consideradas as que não sabem deste assunto. Jogar futebol/futsal para uma mulher é desafiador, significa quase que um “começar perdendo o jogo”, porque não começam no “zero a zero”, começam com uma sobrecarga de preconceitos, inseguranças, desamparo.

No entanto, a transformação deste cenário, a libertação cultural das amarras da cultura ocidental moderna, que valoriza o homem, branco, cis, hetero, com boas condições financeiras, só será possível a partir da educação, da interculturalidade, que se realiza por meio do diálogo respeitoso, horizontal, questionador, partindo da exterioridade, dos excluídos, dos diferentes, da “cultura periférica” (DUSSEL, 2005), das mulheres.

Mudar essa realidade, passa, primeiramente, por um processo de reconhecimento do nosso lugar no mundo. Dussel (2005), conta que, em 1957, sofreu um

choque de realidade ao chegar na Europa e não se reconhecer como um deles, pois, sendo ele argentino, havia sido colonizado por povos espanhóis, sofrendo fortemente a influência cultural deste povo. Esse momento de não reconhecimento o levou a questionar sobre suas origens, identidade histórica e cultural. Questões que não mais podiam ser respondidas a partir das histórias contadas pelos colonizadores. Era preciso conhecer a própria cultura, o que havia antes dos colonizadores chegarem à América Latina. De forma semelhante, não há como pensar as histórias do futsal praticado por mulheres sendo estas contadas por homens. Até quando, nos calaremos, aceitando em silêncio todas as proibições e interdições de *ser mais* que nos assolam?

No entanto, este processo de formação da consciência, de reconhecer-se na condição de oprimido/a, exige do homem e da mulher um olhar de fora, um distanciar-se de si mesmo/a, para, então, enxergar-se como ser no mundo, ao mesmo tempo em que se reconhece fazedor/a do mundo. A consciência, como consciência do mundo, existe a partir da intersubjetividade dos seres, pois “o homem [ser humano]⁸ se faz homem [humano] quando se intersubjetiva no reconhecimento das consciências” (FIORI, 1991a, p.45).

Neste sentido, ao objetivar seu mundo, mulheres e homens se objetivam, para então, reconhecerem sua subjetividade, dessa forma, não são puro encontro de suas subjetividades já dadas com a objetividade independente e pronta. Neste exercício de tomada de consciência mulheres e homens assumem a função de sujeitos do processo histórico-cultural, e assim podem deixar de ser objeto dos demais, podendo ainda, recuperar-se como sujeitos, libertando-se da dominação e alienação (FIORI, 1991b). É preciso que os/as marginalizados/as, que na verdade estão dentro da estrutura que os/as transforma em seres para o outro, transformem essa estrutura para que possam fazer-se seres para si (FREIRE, 2021a).

Seguindo este processo de conscientização, Fiori (2021), dá o exemplo de uma mulher simples, que no exercício de distanciar-se de si procurando olhar de fora, para, então, voltar-se novamente para si, certa vez lhe disse: “Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim, observo como vivo” (p.18). Entretanto, o conhecimento em torno da situação de oprimido/a por si só não o/a liberta dessa condição, é preciso que haja engajamento político e luta; aqui o sonho da

⁸ Colocamos entre colchetes nossas adequações para que o discurso supere a narrativa masculina tida como universal, respeitando a escrita original dos autores e/ou autoras e ao mesmo tempo buscando uma reparação discursiva que muitas vezes não foi possível de ser feita em vida por estes autores e autoras.

mudança representa além de ato político uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Freire (2021b) continua:

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança (p.126).

A mudança de realidade que se almeja caminha no sentido de enfrentamento da opressão a fim de eliminar situações injustas e promover um convívio mais harmonioso, respeitoso, democrático, tolerante e amoroso entre as pessoas, por meio do empoderamento que se faz na coletividade e não na individualidade, muito embora, não seja possível pensar uma coletividade empoderada se não se constituir de individualidades conscientes e atuantes dentro do processo de empoderamento, processo este, político que prevê transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas (BERTH, 2019).

Em tantas situações somos habituadas a enxergar a realidade que envolve as/os outras/os, sem, contudo, nos enxergar na/o outra/o e com a/o outra/o, sem perceber as aproximações possíveis entre nós e as/o outras/os. Além disso, a forma como nos vemos, a estética, tem relação direta com a nossa forma de atuar no mundo, com o processo político de empoderamento: “as pessoas negras precisam se ver de forma positiva, literalmente, pois essas imagens vão ressignificar o imaginário que será abalado e simultaneamente reconstruído (BERTH, 2019, p.101)”, de forma semelhante a reflexão em torno do feminismo negro, pensamos na estética relacionada às mulheres futebolistas e como se veem enquanto parte de um grupo, como se veem em relação às outras mulheres e também outros grupos interfere na forma como elas atuam, ou atuarão em prol de mudanças, ou não, deste mundo.

Ao voltar nosso olhar para as mulheres que praticam o futsal em São Carlos, pensamos o quanto é importante a partir delas e com elas pesquisar e aprender, desvelar situações de opressão, de realidades injustas de desigualdade de gênero, histórias existenciadas por elas na trajetória de vida até se tornarem atletas e com muito custo viverem do esporte. Tão importante é o papel da conscientização na transformação dessa realidade, tão importante ouvi-las, promover espaços para conversas, discutir, instigar a dúvida, a reflexão, o diálogo, para que possamos caminhar rumo à libertação.

É neste sentido que Fiori (2021), fala da importância em aprender a dizer a sua palavra, expressão que carrega um significado muito forte, pois representa um libertar-se a partir da educação. Re-existenciar-se com criticidade significa conscientizar-se de sua subjetividade, enxergar-se como sujeito fazedor de sua história e não apenas objeto dela, ou reflexo do mundo, assim, objetivar o mundo em um processo dialético que o leva a compreender o papel da intersubjetividade na formação desta história, deste mundo, e do diálogo entre os diferentes que possibilita o ir mais além.

Ao objetivar o mundo, o[a] alfabetizando[a] nele reencontra-se com outros[as] e nos[nas] outros[as], companheiros[as] de seu pequeno “círculo de cultura”. Encontram-se e reencontram-se todos[as] no mesmo mundo comum e da coincidência das intenções que o objetivam, ex-surge a comunicação, o diálogo que critica e promove os[as] participantes do círculo. Assim, juntos, re-criam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés (FIORI, 2021, p.15).

A práxis enquanto ação-reflexão-ação, é destacada no processo de verificação da verdade e realização do ser humano. É a práxis que possibilita ao ser humano o distanciar-se de si e voltar-se a si mesmo, reconhecendo outras consciências e o mundo comum a estas consciências, que pode combater a ideologização que aliena (FIORI, 1991a).

Com entendimento do homem e mulher como ser histórico e cultural, que se constitui das relações intersubjetivas, ser inacabado, capaz de atuar para transformar a sua realidade, objetiva, mundo, a partir da cultura, entendida em seu sentido mais amplo, como humanização do mundo, e, portanto, do homem e da mulher, Fiori (1991b) vem tratar da educação libertadora, educação esta que é risco e aventura histórica, é desenvolvimento dialético de um processo histórico-cultural.

Para Freire (2021a), a vocação ontológica do ser humano está na humanização, na busca pelo *ser mais*, que passa pela crença no ser humano, em seu poder de criação e de transformação da realidade. Pensar a humanização implica necessariamente a existência de um mundo mais igualitário, respeitoso, amoroso, empático, implica alteridade, colocar-se no lugar do/a outro/a, entender que não há como sentir-se em paz quando os seus iguais estão sofrendo, enxergar-se iguais na humanidade, com direitos e deveres que devem ser aplicados a todas/os.

A desumanização, processo que se faz na negação da humanização, é distorção da vocação do *ser mais*. No entanto, é preciso salientar que a desumanização

não é um destino dado, fatal, e sim “resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*” (FREIRE, 2021a, p.41). As coisas não são como são porque sempre foram assim, e assim serão para sempre, constatação essa que aplica a toda e qualquer prática social, inclusive quando admitimos que as mulheres podem até não ser valorizadas na prática do futsal, mas isso não significa que essa realidade seja fatal e não possa, jamais, ser mudada.

No entanto, o que acontece em muitos casos, é que o opressor se encontra aderido ao/à oprimido/a, e neste processo o/a oprimido/a tem no opressor seu testemunho de homem/mulher, como uma figura ilustre, um exemplo a ser seguido. Em muitas ocasiões, o desejo do/a oprimido/a é conquistar o mesmo status do opressor, chegar um dia a ser patrão/oa para, então, reproduzir a opressão, mas isto não tem nada a ver com libertação (FREIRE, 2021a).

Em outros casos, acomodados/as, ou adaptados/as, imersos/as na estrutura dominadora que os envolvem, temem a liberdade, seja por medo de arriscar-se, ou por repressões que possam sofrer a si e aos/às seus/suas companheiros/as oprimidos/as. Assim:

Sofrem uma dualidade que se instala na “interioridade” do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles[as] e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles[as], como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles[as] mesmos[as] ou serem duplos[as]. Entre expulsarem ou não o opressor de “dentro” de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados[as]. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores[as] ou atores[atrizes]. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados[as] no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo (FREIRE, 2021a, p.47-48).

Para Freire (2021a), os homens e mulheres por serem “corpo consciente”, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade, diferentemente dos animais que têm no mundo mero suporte, para os seres humanos o mundo humano é histórico e isso implica dizer que os seres humanos são fazedores do mundo. Mas a consciência crítica envolve objetivar o mundo, separar-se dele:

Ao separarem-se do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens [seres humanos] ultrapassam as ‘situações-limite’ [...]. No momento mesmo em que os homens [seres humanos] as apreendem como freios, em que elas se

configuram como obstáculos à sua libertação, se transformam em ‘percebidos destacados’ em sua ‘visão de fundo’. Revelam-se assim, como realmente são: dimensões concretas e históricas de uma dada realidade (FREIRE, 2021a, p.125)

As situações-limite funcionam como barreiras, mas de modo algum devem ser vistas ou compreendidas como insuperáveis, como se nada existisse além delas, muito embora, por diversas vezes, a/o oprimida/oprimido imersa/o na condição de opressão, sofrendo a desumanização, presas/os no “ser menos”, as enxergam como limitante, assim, a realidade mundo se apresenta como dada, fatal e não pode ser mudada lhes restando apenas a pura adaptação; quando isso acontece, os homens e mulheres, não chegam a transcender as situações-limite e divisar mais além delas e em relação com elas, *o inédito viável* (FREIRE, 2021a).

Ainda é comum encontrar entre as meninas e mulheres praticantes de futebol a dualidade de ser elas e ser o opressor introjetado nelas, na consciência delas; e medo da liberdade, expresso na insegurança em permanecer nos clubes caso reivindique algo a mais, pois os discursos que predominam neste meio reforçam a ideia de que “já se tem muito”, ou em outras palavras, que elas já receberam mais do que mereceriam. É como se elas sempre quisessem algo a mais, como se não fossem gratas, ou melhor, como se fossem ingratas quando, diante de alguma situação de injustiça, lutam e tentam cobrar alguma igualdade, como se precisassem ser gratas à falsa generosidade do opressor.

A falsa generosidade refere-se à generosidade que parte dos interesses egoístas dos opressores e se expressa quando estes, no uso de seu poder pretendem amenizar a debilidade dos/as oprimidos/as, assim, para que a sua generosidade continue tendo oportunidade de realizar-se é necessário que a injustiça permaneça (FREIRE, 2021a).

Essas reflexões nos levam a pensar na violência que sofremos com essa realidade. Conforme, Freire (2021a):

[...] Basta, porém, que homens [e mulheres] estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens [seres humanos] – a do ser mais (p.58)

A reivindicação por equidade, a luta pela libertação é interpretada de forma distorcida. O posicionamento de mulheres que buscam o reconhecimento e condições de

equidade de gênero muitas vezes é tido como histerismo, exagero, frescura ou *mi-mi-mi* (termo onomatopéico utilizado pela extrema direita para desqualificar ou depreciar, sobretudo as falas de mulheres e outros grupos socialmente estigmatizados). Fato que corrobora com a afirmação de Freire (2021a):

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os[as] oprimidos[as], que eles jamais obviamente chamam de oprimidos[as], mas conforme se situem, interna ou externamente, de “essa gente”, ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos[as]”, ou de “subversivos[as]”, são sempre os[as] oprimidos[as] que os desamam. São eles os[as] “violentos[as]”, os[as] “bárbaros[as]”, os[as] “malvados[as]”, os[as] “ferozes”, quando reagem à violência dos opressores. (p.59)

Apontar o problema, denunciar é importante, mas não basta, precisamos desvelar a realidade, buscando compreender suas razões de ser e então anunciar resoluções, lutar para transformar essa realidade, que se faz nas relações humanas, na dialeticidade em um processo dialógico.

Acreditamos que as experiências no contexto da prática do futsal por mulheres possibilitam o exercício do diálogo, da escuta atenta, da reflexão, que podem levar ao desvelamento da realidade e ao desenvolvimento da consciência crítica, vamos em busca de nos perceber destacadamente para então lutar por uma transformação da realidade.

É tempo de esperar, que não se faça na espera pura de um sonho que se quer tornar realidade, mas de luta, conforme Freire (2021b). Esperar este, que consideramos possível a partir de uma práxis libertadora, que parte da dialogicidade entre os seres humanos.

Para Freire (2021a), não há palavra verdadeira que não seja práxis, ou seja, que envolva ação e reflexão e, por assim ser, pronuncie e transforme o mundo; quando há o sacrifício de uma dessas partes (ação e reflexão), então, a palavra não mais é verdadeira, e sim, inautêntica, se resume a verbalismos, ativismos e *blá-blá-blá*.

A práxis se faz no diálogo entre os seres humanos, diálogo esse que é exigência existencial e encontro entre seres que solidarizam o refletir e o agir no mundo a ser transformado e humanizado, assim, afirma Freire (2021a):

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens [seres humanos] transformam o

mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. [...]. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens [seres humanos], mas direito de todos os homens [seres humanos] (p.108-109).

O diálogo tal como expresso acima, possibilita a prática da práxis libertadora que busca a transformação da realidade, a humanização do mundo e garante que dizer a palavra verdadeira é direito de todas e todos, muito embora vivenciemos comumente o silenciamento de algumas e alguns.

Corroborando com as ideias de Freire (2021a), Dussel (2005) reflete sobre a filosofia da libertação considerando um mundo transmoderno e intercultural, possível, que parta da exterioridade, dos oprimidos e oprimidas, e passe pelo reconhecimento de uma realidade desumana, à valorização de nossas raízes, à tomada de consciência deste processo, à resistência, à luta e à utopia de uma vida mais humana e justa. Por isso é importante pesquisar *com* as mulheres atletas, elas que são resistência na luta por reconhecimento, visibilidade e valorização.

Quem, melhor que os oprimidos [as oprimidas], se encontrará preparado[a] para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles [elas], os efeitos da opressão? Quem, mais que eles [elas], para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os [/as] oprimidos [/as], será um ato de amor, com o qual se oporão o desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2021a, p.42-43)

Assim, não há pessoa melhor que aquele/a que vive a posição de oprimido/a para entender o significado da sociedade opressora, sentir os efeitos da opressão, e compreender a necessidade da libertação. Libertação que se possibilita pela práxis de sua busca, pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela, processo que se dá na dialogicidade (FREIRE, 2021a).

Na relação dialógica diversos saberes são levantados, confrontados, construídos, ressignificados, podendo ser superados, pois ao tratar de um determinado assunto, ou problema social, pensa-se a prática da ação, e ao refletir sobre isto, há possibilidade de se assumir uma nova ação diante de uma situação similar à que foi

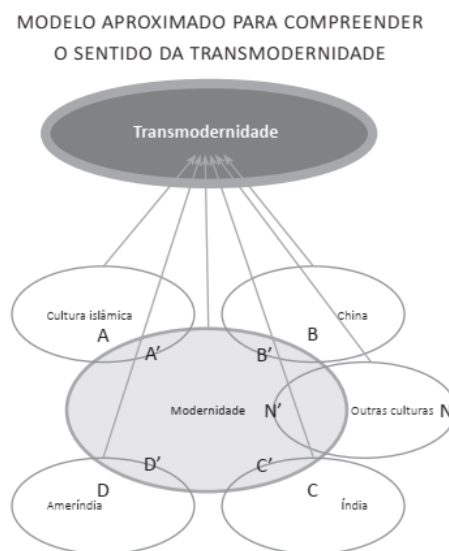
vivenciada anteriormente, é a ação-reflexão-ação, que pode levar à superação de saberes e ser combustível para mudança da realidade (FREIRE, 2021b).

Por vezes passamos por situações de abuso e, certamente, violência, sem nos darmos conta disso, tão habituadas estamos com discursos e narrativas preconceituosos, que nos fazem, e/ou fizeram acreditar que tínhamos muito, que o que nos oferecem ou ofereciam, está ou estava de bom tamanho, de bom grado, que deveríamos agradecer o pouco que nos era ofertado ao invés de ficar reclamando, pois isso poderia significar perdas ainda maiores. No entanto, “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limite’ em que os homens [seres humanos] se acham quase coisificados (FREIRE, 2021a, p.131). Enxergar essa realidade com criticidade, demanda tempo, estudos, convívio e diálogo com diferentes, escutas atentas, ações-reflexões-ações, superações de situações-limite.

Para Dussel (2005), a mudança que caminha para transmodernidade passa por um processo de auto valorização de nossa cultura, de autocrítica interna e longo período de resistência, amadurecimento e acúmulo de forças, para por fim, cultivar o desenvolvimento da própria tradição cultural, utopia transmoderna, a caminho de uma cultura não só descolonizada, mas renovada.

Para ilustrar este conceito, Dussel (2016), faz uma analogia com a imagem de um foco de luz que parte de um holofote suspenso e se direciona a iluminar algo abaixo, o que está ao centro é focado, enquanto o entorno, a periferia, fica na escuridão. De maneira similar, a modernidade representa esse foco de luz que se projeta sobre as culturas ilustradas, segundo a perspectiva universal euro-americana, que se apropria apenas daquilo que lhe interessa e despreza a exterioridade das tradições dessas culturas colocando à margem tudo o que é diferente; neste conjunto cabem corpos, práticas sociais, costumes, culturas, saberes que não se encaixam no universal.

Figura 2 - Modelo esquemático - Transmodernidade



Fonte: Dussel (2016).

Diferentemente, a filosofia da libertação contempla necessariamente um diálogo intercultural transversal, que parta da cultura popular, de um setor social de explorados/as e oprimidos/as, das exterioridades, em um movimento de periferia a periferia em que as diferenças dialogam desde suas negatividades distintas sem a necessidade de atravessar o centro hegemônico, um movimento que vá além do diálogo entre eruditos/as do mundo acadêmico ou institucionalmente dominantes (DUSSEL, 2016).

Assim, o autor explica a transmodernidade como um momento de renascimento das culturas universais assimétricas, ou seja, a partir do diálogo plural e intercultural de culturas que estão na exterioridade, culturas que existem há muito tempo e foram silenciadas, e que, por isso, são na verdade pré-modernas e contemporâneas, pois sobreviveram à modernidade, aprenderam a viver e a responder às exigências deste período e na atualidade respondem aos desafios da modernidade (DUSSEL, 2016).

No livro “Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária”, Souza Junior, Carvalho e Prado (2023) partem deste entendimento, de que o sentido de transversal indica que “o movimento se dá a partir da periferia para a periferia. Do movimento feminista, das lutas antirraciais e anticoloniais, as ‘diferenças’ dialogam a partir de suas várias negatividades, distintas, sem necessidade

de atravessar o centro da hegemonia” (DUSSEL, 2016, p. 63). Os autores remetem ao conceito de transmodernidade como chave interpretativa para o universo futebolístico, assumindo que neste paradigma também cabem:

(...) os futebolis da periferia do sistema-mundo que não ignoram a modernidade, tampouco se satisfazem com a pós-modernidade, nutrindo-se de um diálogo intercultural de matrizes marginalizadas, como o futebol de mulheres, o futebol de pessoas LGBTQIA+, o futebol de pessoas migrantes e refugiadas, o futebol de negros e negras, o futebol de pessoas com deficiência etc. e, desta forma, incorporando e superando o futebol pelos futebolis (SOUZA JUNIOR; CARVALHO; PRADO, 2023, p. 11).

Em consonância com essas ideias, Freire (2021b), vem tratar da “unidade na diversidade” como conceito que mostra a força e necessidade de união das minorias (ou maiorias minorizadas socialmente como na maioria das vezes ocorre, como no caso de mulheres e pessoas negras, por exemplo), que vivem à margem da sociedade, pois “quanto mais as chamadas minorias se assumam como tais e se fechem umas às outras, tanto melhor dorme a única e real minoria, a classe dominante” (p.211).

É muito importante que nos enxerguemos como coletivo oprimido e como excluídas e nos unamos em busca de melhorias, assim como é, também, fundamental que nos enxerguemos tão excluídas quanto outras minorias e, por meio da unidade na diversidade, nos unamos a elas para lutar, nos reconhecendo mais fortes juntas:

As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumirem-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si, e não só as diferenças, e assim, criar a *unidade na diversidade*, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir uma democracia substantiva, radical (FREIRE, 2021b, p. 212)

O sentido de nossa existência é outro. “Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se próibo você de ser” (FREIRE, 2015, p.138). Pensar o/a outro/a como critério é tarefa descentralizadora do eu, ou seja, que tira o eu do centro, pois exige que nos situemos no mundo em que as existências se dão a partir do momento que nos reconhecemos no/a outro/a, possibilitando assim, a significação do meu eu, nas relações com o/a outro/a. A partir da intersubjetividade, que se faz no convívio dialógico entre pessoas, passamos a re-criar o mundo, daí que:

[...] o diálogo é condição de possibilidade para compreender como, a partir dessa relação dialogal entre humanos, eles se constituem intersubjetivamente, tornando possível a constituição do ser-sendo, da consciência da realidade, da linguagem, da civilização, da história, da cultura (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p.62).

Para Freire (2021a), o diálogo é exigência existencial, representa a forma do ser humano pronunciar o mundo, pois mulheres e homens se fazem na palavra, no trabalho, na ação-reflexão e não no silêncio.

Porque é encontro de homens [seres humanos] que *pronunciam* o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns [/umas] a [/às] outros [/as]. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do [/da] outro [/a]. A conquista implícita pelo diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um [/as] pelo outro. Conquista do mundo para libertação dos homens [seres humanos] (FREIRE, 2021a, p. 110).

Pesquisar processos educativos em práticas sociais significa entender o indivíduo como ser social, que não existe como entidade isolada, mas que carrega em si o social; neste sentido valoriza-se as experiências vividas por pessoas, respeitando o encontro de subjetividades inerentes ao processo, pois só elas podem falar sobre suas diversas experiências, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa e humana (OLIVEIRA et al., 2014).

É nesses encontros e desencontros, no movimento constante de ir e vir, de *estar com* os/as outros/as em dialogicidade que se compreende o processo de andarilhagem:

Somos humanos porque aprendemos a andar. Somos humanos porque aprendemos a pendular entre um “estar aqui” e um contínuo “partir”, “ir para”. Entre os que andam, viajam e vagam, há os que se deslocam porque querem (os viajantes, os turistas), os que se deslocam porque creem (os peregrinos, romeiros), os que se deslocam porque precisam (os migrantes da fome, os exilados), e há os que se deslocam porque devem (os “engajados” – para usar uma palavra cara aos dos anos 1960 – os “comprometidos com o outro, com uma causa”) (BRANDÃO, 2010, p.41).

Essa andarilhagem, segundo Brandão (2010), é o que nos caracteriza humanos e Freire pertenceu as duas últimas categorias, andarilhando ora por necessidade, na época que viveu o exílio, e ora por dever.

O início de sua andarilhagem se confunde com o de sua vida como educador quando se deslocava de Jaboaão aos sertões secos do Nordeste: Angicos, no Rio Grande do Norte; depois vieram as viagens seguidas e leituras constantes, já em 1960 havia escrito “Educação como prática da liberdade”, muito envolvido com os movimentos da cultura popular; depois do Golpe Militar, em 1964, Freire e sua família vivem a experiência da andarilhagem do exílio, passando por Chile, Bolívia, Estados Unidos da América, Europa, África e seus povos. Durante anos, Freire foi membro do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, recebia educadores de diversos lugares do mundo, especialmente de países muito pobres, e também se deslocava ao encontro destes; Freire seguiu sua vocação de “andarilho da utopia” e raramente negava uma viagem para ouvir e falar, os encontros iam de uma universidade a um acampamento de Movimento Sem Terra, no Rio Grande do Sul, por exemplo (BRANDAO, 2010).

Em consonância com isso, a trajetória de vida de muitas jogadoras de futsal é marcada pela prática social da andarilhagem, de um constante “estar aqui” em um momento e “partir” em outro, dada a necessidade de se moverem de um clube a outro; e neste processo elas se encontram com subjetividades, vivenciam experiências, processos educativos que levarão consigo por toda a vida.

Assim, essa pesquisa busca olhar com amor, atenção e respeito para o movimento de meninas e mulheres que escolheram como prática um esporte que culturalmente é reservado aos homens, como o futebol/futsal. A permanência delas nesses espaços de prática, sinaliza para o caminho da construção da transmodernidade, pois já acreditam no seu valor, se reconhecem como grupo que merece estar ali, e lutam diariamente por isso e por um futuro mais humano, menos injusto e melhor para todas e todos.

2. GÊNERO E AS MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL E FUTSAL NO BRASIL⁹

Para Scott (1989), se analisarmos a história da humanidade nos depararemos com a produção de conhecimento construída a partir do protagonismo de grupos prevaletentes, enquanto minorias ou maiorias minorizadas são marginalizadas. Neste sentido, a categoria “gênero”, assim como a de classe e de raça foram desprezadas do processo de produção do conhecimento histórico. Porque a história sempre foi contada por um público privilegiado, composto na sua maioria por homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros¹⁰ e, na maioria das vezes, bem sucedidos socioeconomicamente. Não interessava aos colonizadores contar a história a partir do ponto de vista dos colonizados, por exemplo. Assim, em alguns momentos não foi permitido a essas minorias a produção ou compartilhamento de seus conhecimentos, e em outros, esses conhecimentos foram invisibilizados.

Scott (1989) afirma que gênero se constitui das relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e é a uma forma primeira de dar significado às relações de poder. Ou seja, gênero tem um sentido performático, pois ser homem ou ser mulher tem a ver com as relações sociais que se dão no seio de cada sociedade, as quais determinam com base nas diferenças percebidas entre os sexos o que cabe ao homem e à mulher enquanto um amplo conjunto de características. Isso tudo vai influenciar na maneira distinta de homens e mulheres perceberem o mundo e de estarem nele, e perpassa pela concepção e construção do poder, uma vez que os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social (LOURO, 1995).

O entendimento de gênero a partir da relação binária de oposição tem força na lógica biologicista e impossibilita a percepção de pluralidades e diversidades na medida em que colocam homens em oposição às mulheres e consideram que todos os homens são iguais entre si, assim como as mulheres também as são.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais

⁹ Apesar de serem diferentes modalidades, futebol e futsal, são tratados como semelhantes, pois os desafios e preconceitos enfrentados por meninas e mulheres que se arriscam à prática desses esportes são parecidos tanto em um quanto em outro.

¹⁰ Pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer com base em suas genitais.

masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos (LOURO, 1995, p.103).

As estruturas hierárquicas de poder baseiam-se em compreensões generalizadas da relação natural entre o masculino e o feminino; a construção do termo "gênero" se dá através do parentesco e das relações domésticas e familiares, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia e na organização política (SCOTT, 1989).

Para Saffioti (2015), "gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual" (p.47). Considerando que o conhecimento científico está atrelado ao momento histórico, social e político em que é produzido, e apesar de cada feminista enfatizar determinado aspecto do gênero, há um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino (SAFFIOTI, 2015).

Mas o conceito de gênero não necessariamente explicita as desigualdades entre homens e mulheres. A fim de melhor compreender essas desigualdades, Saffioti (2015) se apoia na ideia de que o patriarcado não reside apenas no âmbito familiar, mas atravessa a sociedade como um todo:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculina no passado remoto, o que significa, e isto é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um patriarcado não mais existente ou em seus últimos estertores. De fato, como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano de jure. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquarterando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc. O julgamento destes criminosos sofre, é óbvio, a influência do sexismo reinante na sociedade, que determina o levantamento de falsas acusações – devassa é a mais comum – contra a assassinada. A vítima é transformada rapidamente em ré, procedimento este que consegue, muitas vezes, absolver o verdadeiro réu (p.48).

Neste sentido, a mulher, muitas vezes, é colocada na posição de culpada pela violência que sofre; em casos de abusos é muito comum a narrativa que versa sobre a

vestimenta da mulher, seu comportamento “permissivo” quando não, “provocante”; a ela cabe a culpa do que lhe acontece de ruim¹¹. No futsal, não vemos de forma diferente; por vezes, as mulheres são tidas como responsáveis pela falta de investimento na própria modalidade.

Apenas a partir do entendimento do gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1989), sobretudo histórica (SAFFIOTI, 2015), é que seria possível incluir e apresentar as histórias das mulheres na história do mundo, de maneira que se constituísse em uma nova história.

Assim, Scott (1989) propõe a desconstrução do caráter fixo e permanente da oposição binária entre gêneros, chamando a atenção para o fato de que a manutenção dessa perspectiva acaba por gerar uma única história, onde a relação de oposição entre os gêneros aparece de maneira repetida e permanente. Desconstruir essa oposição significa reconhecer que ela é construída e, portanto, mutável, significa liberdade para reconstruir, inventar e reinventar questões e respostas no processo de construção do conhecimento e da história de nossa sociedade.

Não se trata, contudo, de inverter a ordem, de tentar colocar a mulher no lugar de dominação que foi atribuído ao homem, mas de refletir, de encontrar a mulher na história, de entender o processo de invisibilização e invisibilidade pelo qual passou e ainda passa, de compreender as relações sociais e de poder também pelo viés do gênero.

Além do mais, essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça (SCOTT, 1989, p.29).

Embora nosso estudo não assuma um ponto de vista que aborde as relações étnico-raciais, nos permitimos fazer algumas incursões por estudos e conceitos tributários da interseccionalidade entre gênero e raça, na medida em que vislumbramos nesse campo teórico contribuições substanciais para nossas análises.

Haja vista que, debates que abordam a relação entre raça e gênero de forma paralela favorecem a tendência de equiparar sexismo e racismo e permitem que mulheres

¹¹ Os exemplos desse tipo de narrativa de desqualificação de mulheres vítimas de violências das mais distintas se repetem a cada dia, vide o caso da acusação de estupro em curso contra o futebolista brasileiro Daniel Alves, dentre as estratégias de defesa do acusado ele alega que a vítima estaria “lubrificada”, o que sinalizaria para uma relação consentida.

brancas se comparem a pessoas negras, ignorando o fato de que mulheres negras são também genderizadas, tornando-as invisíveis:

Na tentativa de comparar o sexismo e o racismo, as feministas *brancas* esquecem de conceituar dois pontos cruciais. Primeiro que elas são *brancas* e, portanto, têm privilégios *brancos*. Esse fator torna impossível a comparação de suas experiências às experiências de pessoas *negras*. E, segundo, que as mulheres *negras* também são mulheres e, portanto, também experienciam o sexismo. Uma falha irônica, porém trágica, que teve como resultado a invisibilização e o silenciamento de mulheres *negras* dentro do projeto feminista global (KILOMBA, 2019, p.100).

Akotirene (2019) propõe a reflexão em torno da influência e importância de trabalhos de feministas negras na observância de análises que cortam os aspectos de raça/classe/gênero. Ela conta que, em 1976, uma trabalhadora, Emma DeGraffenreid, e várias outras mulheres negras processaram a General Motors por discriminação, sob o argumento de que a empresa segregava a força de trabalho por raça e gênero, uma vez que homens negros trabalhavam em linhas de montagem e mulheres brancas em setores administrativos:

Para a Corte, tradicionalmente masculina e branca, é muito difícil compreender a identidade interseccional e criminalizar o racismo e o sexismo institucionalizados contra as mulheres negras sem enveredar pelos mesmos expedientes que as levaram recorrer às leis antidiscriminação, senão desmarginalizar raça e gênero. [...] frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. [...]o cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social para mulheres negras (AKOTIRENE, 2019, p.37).

Grada Kilomba em seu livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” traz para discussão episódios de racismo vivenciados por mulheres negras e com peculiaridade reflete sobre a colonização dos corpos sofrida por essas mulheres bem como estratégias para descolonização.

“O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente” (KILOMBA, 2019, p.224), isso quer dizer que

cotidianamente as mulheres negras são colocadas na posição de outra, diferente da branquitude, o que envolve uma triplicidade de representação: corpo, raça e história:

Ela não tem apenas a responsabilidade de representar a “raça” encarnada por conotações negativas –, ela tem de a defender. Devido ao fato de que o racismo é um regime discursivo e não biológico, tais equivalências – ausência de sabedoria, ausência de cultura, ausência de história, ausência de inteligência – tornam-se aceitáveis. Neste sentido, Kathleen não é apenas uma aluna na sala de aula em uma escola; ela é uma aluna negra encarcerada em imagens racializadas, às quais ela tem que se opor todos os dias. Ela tem de se assegurar que pode provar que “nós somos tão inteligentes, se não até melhores, que as outras e outros (brancas e brancos)” (KILOMBA, 2019, p.175).

Nesse lugar de colonização a dor e o trauma estão presentes, assim como sentimentos de choque, incompreensão, segregação etc. Mas a libertação dessa condição, a descolonização envolve a realização da independência e da autonomia por parte daqueles/as que foram colonizados/as. Isso passa pela compreensão de que discursos e narrativas dominantes se impõem sobre pessoas negras, mulheres, minorias, de forma a normatizar e manter a ordem social injusta. Nesses discursos o controle é exercido pelo grupo dominante, são eles quem questionam e são as outras/os, negras/os, mulheres, etc quem respondem, quem buscam ser compreendidos/as, quem buscam a aceitação.

Aproximando essas ideias do contexto da prática do futsal por mulheres, temos a desqualificação desse grupo diante do futsal praticado por homens, os quais se apresentam com legitimidade como os que conhecem do assunto, os que sabem jogar. As mulheres, comumente colocadas em comparação aos homens, representam “o/a outro/a”, são elas as constantemente colocadas à prova, questionadas com relação ao seu saber jogar, e, por diversas vezes, elas tentam se explicar, se posicionam, mas o que precisam entender é que os questionamentos que se endereçam a elas não buscam compreensão, e sim, representam uma forma de manutenção do controle da situação.

Kilomba (2019) apresenta alguns mecanismos de defesa do ego no processo de enfrentamento e conscientização que leva a autonomia e independência dos sujeitos: negação (tendência a negar o que se vive por conta da dor e ansiedade que isso causa: “eu nunca vivenciei o racismo”, “eu não sou negra/o de verdade” etc.), frustração (sentimento que vem em seguida da negação, mostra insatisfação diante da diferença de oportunidades dadas as pessoas), ambivalência (sentimentos contraditórios em relação a um mesmo objeto: sentimentos de raiva e culpa, de solidariedade e vergonha, de confiança e desconfiança etc.), identificação (identificação positiva com semelhantes, fortalecimento

da segurança interior e autorreconhecimento), descolonização (libertação, conquista da autonomia e independência):

Todo o processo alcança um estado de descolonização; isto é, internamente, não se existe mais como a/o “*Outro/a*”, mas como o eu. Somos eu, somos *sujeito*, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridades da nossa própria realidade (KILOMBA, 2019, p. 238)

No futsal de mulheres a negação pode ser visualizada nos discursos que vertem sobre “eu sou mulher, mas eu jogo bem”, nega-se a condição de ser igual as outras mulheres porque acredita que o grupo de mulheres é de fato desqualificado para a prática do futsal. A frustração, por sua vez, aparece nas discrepâncias de oportunidades dadas as mulheres e aos homens que praticam o futsal, tanto em termos de competição como de valorização. A ambivalência pode ser vista no mix de sentimentos que partem do reconhecimento das diferenças de oportunidades dadas relacionadas ao gênero, que ora se expressam em raiva, ora em esperança, desconfiança e assim por diante. A identidade se apresenta no reconhecimento e valorização de semelhantes, quando as mulheres começam a enxergar-se como coletividade que enfrenta situações similares e se fortalecem. Por fim a descolonização, representada a partir da autonomia, independência, em que mulheres assumem para si as suas histórias, compreendem o contexto que se inserem com criticidade e libertam-se da prisão em que se encontram subordinadas aos saberes de outros.

Esse processo pode ser experienciado em diversos contextos, quando voltamos nosso olhar para os corpos, por exemplo, há a predominância de um padrão, instituído segundo a cis-heteronormatividade¹² que tende a desqualificar manifestações corporais que divergem desse padrão.

No campo das práticas corporais e esportivas, estudos de gênero que eliminam os binarismos¹³ e determinismos biológicos favorecem a profusão de feminilidades e masculinidades, a aceitação de permeabilidade entre as fronteiras corporais e pluralidades de identidades. Segundo Goellner (2013), esses estudos:

¹² Ideia que coloca como norma e naturaliza uma única e específica forma de ser e se relacionar afetivo sexualmente: cisgênero e heterossexual.

¹³ Termo utilizado para descrever a ideia de que existem apenas duas possibilidades de ser: homem e mulher; as quais são atribuídas no nascimento com base nas genitais e geram uma expectativa social de performance.

Permitem, ainda, compreender que as práticas corporais e esportivas não são “naturalmente” de predominância masculina ou feminina. Como qualquer outra instancia social, constituem-se como espaço de generificação, não porque refletem as desigualdades e diferenciações da sociedade, mas fundamentalmente porque as produzem e reproduzem (p.29).

Dessa forma não há como falar que determinados esportes, ou práticas corporais são masculinas, enquanto outras são femininas, muito embora, isso seja frequente em nossa sociedade. Tão comum ainda é observarmos os meninos serem incentivados à prática do futebol e esportes de luta, por exemplo, e as meninas ao balé, danças e vôlei, como se os corpos fossem feminilizados ou masculinizados dependendo da prática esportiva que escolhessem.

Essa reflexão nos leva a outra: a erotização dos corpos das mulheres no e pelo esporte, o qual cria uma imagem ideal da atleta contemporânea, com marcas que o tornam desejável, colocando-as como objetos de olhar de outrem (GOELLNER, 2005).

Um exemplo dessa prática pode ser observado, em 2001, na edição Campeonato Paulista de futebol de mulheres organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF). Na competição, batizada de Paulistana pela FPF foi instituído que as mulheres precisariam cumprir alguns requisitos estéticos, sendo impedidas de participar aquelas que tivessem o cabelo raspado (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003).

Infelizmente, apesar de passados mais de 20 anos deste fatídico acontecimento, e de parecer inconcebível tal exigência nos dias de hoje, muitas meninas e mulheres ainda sofrem resquícios desses abusos, que na atualidade acontecem de modo mais velado, muitas vezes disfarçados em algumas narrativas.

Goellner (2005), acredita que:

Os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e, estas os definem. Pressupõe, portanto, a existência de uma certa essência masculina e/ou feminina considerada natural e imutável. A esta concepção opõe-se uma outra, que afirma ser o gênero uma construção social e, por assim ser, admite, para cada pólo da unidade binária (masculino/feminino), diferenças significativas. (p.148)

Assim, a construção da identidade do sujeito se dá ao longo da vida por meio do convívio com as outras e os outros perpassando por diversas práticas sociais. Tem a

ver com questões de raça/etnia, classe, gerações, religiões e seguramente não há um único jeito de ser homem ou mulher, pois essa construção é plural e diversa.

No entanto, muitas vezes essa diversidade não é aceita pela sociedade, e Saffioti (2015) nos chama atenção de maneira muito peculiar ao tratar das diferenças:

O par da diferença é a identidade. Já a igualdade, conceito de ordem política, faz par com a desigualdade. As identidades, como também as diferenças, são bem-vindas. Numa sociedade multicultural, nem deveria ser de outra forma. Lamentavelmente, porém, em função de não se haver alcançado o desejável grau de democracia, há uma intolerância muito grande em relação às diferenças (SAFFIOTI, 2015, p.39-40).

Nos falta empatia, respeito às diferenças, compreensão de que sendo parte da sociedade cada qual tem ou deveria ter os mesmos direitos e deveres, e que juntas e juntos construímos a nossa história; nos falta democracia e isso transborda na nossa sociedade.

Se voltarmos o olhar para o cenário das práticas corporais e esportivas no Brasil, veremos um número bem maior de meninos e homens ocupando esses espaços do que meninas e mulheres; essa diferença aumenta ainda mais quando se observa práticas de determinados esportes, tais como o futsal, futebol, esportes de luta, entre outros. No entanto, visando a equidade de gênero, é preciso lutar pela garantia de acesso e igualdade de oportunidades, refletir e conscientizar-se de que as diferenças se expressam tanto entre os gêneros, mas, e sobretudo, entre as pessoas, independentemente dos gêneros. Conforme explica Botelho-Gomes, Silva e Queirós (2000):

O termo IGUALDADE DE OPORTUNIDADES não significa igualdade de acesso. O princípio de igualdade de acesso não é suficiente para possibilitar IGUALDADE DE OPORTUNIDADES; oportunidade refere-se à liberdade e à possibilidade concreta, real, de realizarmos os nossos desejos e convicções. Mas a ideia de EQUIDADE leva-nos mais longe e comporta outras implicações: envolve a capacidade de ajuizar se uma situação particular é justa; implica a consciência de que respeitar apenas um conjunto de leis ou de regras pode não ser suficiente para assegurar a justiça, o respeito pelas características únicas de cada sujeito (p.42).

Para além de garantir o acesso às meninas e mulheres de espaços ocupados majoritariamente por meninos e homens, é importante igualar as oportunidades de participações no âmbito das práticas esportivas, sejam elas de competição, lazer, ou recreativas, melhorar as condições salariais, de moradia, alimentação, entre outras, e

mais, é preciso reconhecer que nem sempre leis e regras são capazes de garantir a justiça, a isso, se refere a equidade de gênero.

Se considerarmos, por exemplo, a profissionalização de atletas, a Lei Pelé (lei nº 9.615/1998) atesta que atletas profissionais devam ter seus contratos regidos pela legislação trabalhista (CLT, artigo 3º), determina, ainda que o contrato deva ter prazo determinado, nunca inferior a três meses e nem superior a cinco anos; mas não apresenta definições em relação a jornada de trabalho, tão pouco se preocupa com o calendário esportivo, acidentes e doenças do trabalho, vida útil curta e péssima remuneração da grande maioria dos atletas. Apesar dos avanços conquistados por meio da lei Pelé, esta, ainda se limita apenas à profissionalização do futebol, sinalizando para que outras modalidades sigam “de carona” e na prática, além disso, embora a referida lei não faça distinção de gênero, até para não ferir a Constituição Federal, na prática a mesma atende apenas o futebol praticado por homens (SOUZA JUNIOR, 2013).

A pesquisa realizada por Souza Junior (2013), com atletas de futebol, traz contribuições importantes, tendo em vista que identifica que no futebol praticado por mulheres, ao menos no período de sua pesquisa de campo (2012), mas, muito provavelmente, em grande medida ainda atualmente, os vínculos entre clubes e atletas ocorrem de maneira muito frágil, sendo comum a inexistência de um contrato entre as partes e quando este existe, procuram dissimular uma relação de vínculo esportivo trabalhista. Além disso, este estudo constatou que algumas jogadoras possuíam vínculos a mais de cinco anos, sem qualquer respaldo contratual ou amparadas por um frágil contrato de adoção/patrocínio da atleta. Vale destacar, ainda, que as atletas se submetiam a sessões de treinamento regulares, todos os dias da semana caracterizando jornadas de trabalho, no entanto, sonhavam com a possibilidade de uma lei que exigisse o vínculo empregatício com carteira de trabalho assinada, sem saber da existência da lei:

[...] a condição identificada por elas como essencial para a valorização do futebol feminino, que possibilitaria a profissionalização dessa prática, na verdade já existe de direito, faltando apenas que seja cumprida de fato. [...] essa lei já existe e que se fazendo cumprir esta legislação a profissionalização do futebol de mulheres de fato estaria concretizada, tendo em vista que, conforme pudemos atestar, as jogadoras já têm cumprido seu papel no que diz respeito aos deveres dos(as) atletas profissionais previstos na Lei Pelé (lei nº 9.615/1998), faltando apenas que os clubes, seus empregadores cumpram com a sua parte, que entre outros aspectos os obriga a registrar os contratos de trabalho de suas atletas na CBF, garantindo-lhes os direitos da

legislação trabalhista e da seguridade social, ou seja, a tão sonhada “carteira de trabalho”. (SOUZA JUNIOR, 2013, p.296)

A compreensão deste cenário nos leva a refletir sobre diversos pontos importantes: sem as garantias de um registro em carteira de trabalho, as atletas ficam desprovidas de direitos trabalhistas, como as férias e previdência, por exemplo; com baixas remunerações, as vezes precisam conciliar as extensas jornadas de treinamentos com algum outro trabalho a fim de complementar a renda, fato que interfere no rendimento esportivo da atleta; muitas vezes bolsas de estudo são ofertadas como complementação de renda, a valorização do estudo sugere a formação como uma alternativa diante da possibilidade de fracasso no futebol, como se preciso fosse se preparar para a vida futura, já que não é possível um projeto de vida firmado exclusivamente no futebol; a instabilidade profissional, dada tamanha fragilidade nas relações que se estabelecem entre atletas e clubes, sem garantias legais ou segurança na carreira (SOUZA JUNIOR, 2013).

A questão que envolve a profissionalização de atletas é fator crucial que interfere diretamente na carreira e permanência de jogadoras no futebol e futsal, pois os fatos se correlacionam de tal forma que a maioria das atletas não conseguem se dedicar exclusivamente à prática da modalidade; neste percurso, muitas acabam desistindo, ou assumindo outras escolhas profissionais.

Souza e Martins (2018) em sua pesquisa que versa sobre a profissionalização do futsal feminino, constataram que a grande maioria das atletas paulistas entrevistadas à época se consideravam atletas profissionais, mesmo sem a existência de um contrato profissional com os clubes pelos quais atuavam desportivamente, além disso, muitas delas se beneficiavam com oferta de bolsas de estudos em instituições de ensino superior como complementação de salários, apontando para o estabelecimento de uma carreira dual, com dedicação distribuída entre estudos e treinamentos.

Neste sentido, o exercício do futsal de alto rendimento tem permitido a estas atletas o acesso ao ensino superior, elevando a expectativa de uma profissão com melhor remuneração futura e a possibilidade de ascensão dos níveis sociais e econômicos para estas famílias. Portanto, não só o futsal permite a construção de um projeto de vida, como este pode significar uma mudança social na estrutura familiar. Uma mudança ao menos ao que se refere ao capital cultural familiar, já que será a primeira geração de muitas famílias com nível superior (SOUZA; MARTINS, 2018, p. 32).

Apesar da formação acadêmica ser interessante, principalmente porque pode beneficiar as atletas de futsal em um processo de reconversão (DAMO, 2007), por exemplo – fato que não acontece na modalidade masculina –, não se pode perder de vista que as condições geradoras deste cenário são fortalecidas pela fragilidade encontrada nos clubes que trabalham com o futsal de mulheres, que muitas vezes recorrem a parcerias com instituições de ensino superior em uma espécie de patrocínio (SOUZA; MARTINS, 2018).

Dos diversos pontos de desigualdade de gênero, acrescentemos ainda a responsabilidade de entidades como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Confederação Brasileira de Futsal (CBFS), Federações e Ligas na promoção de campeonatos regulares que atendam às meninas e mulheres que queiram praticar a modalidade, haja vista a discrepância no número e formas de competições encontradas entre os gêneros.

Na tentativa de compreender os “porquês” de tantas diferenças, é válido pontuar que a história do futebol de mulheres no Brasil passou por um longo período de proibição que acarretou muitos atrasos no desenvolvimento da modalidade praticada pelas mulheres quando comparada a praticada por homens:

[...] é certa a proeminência das equipes masculinas na trajetória e popularização do futebol na década de 1930 e 1940, construindo, inclusive, uma ideia de ‘Brasil’ para o mundo afora. Mas tal afirmação não significa que as mulheres não tenham um lugar na história desse esporte, ou melhor, as mulheres tiveram a história delas, que correu à margem da “grande” história do futebol. Preconceitos das mais variadas ordens (morais, biológica, religiosa, política, dentre outras) restringiram a participação das mulheres nos espaços de atuação do futebol e reiteraram por décadas a naturalização de que o ‘futebol não era coisa para elas’. O Decreto-Lei promulgado por Getúlio Vargas em 1941, oficializou a interdição da prática ao justificar tal medida na preservação do corpo feminino, portador de uma “natureza frágil”. Em 1965, o Conselho Nacional do Desporto (CND) regulamentou o decreto de 1941 e explicitou a proibição do futebol, do futsal e de outros esportes às mulheres. O decreto de proibição no país vigorou até 1979 e foi regulamentado apenas em 1983, permitindo só nessa ocasião a participação do selecionado brasileiro em ligas e campeonatos internacionais. Nesse contexto, surgiram da ilegalidade alguns clubes e pequenos campeonatos nacionais e somente em 1991, se realizou a primeira M&M’s Cup¹⁴, que depois do sucesso do torneio, foi

¹⁴ Cabe uma ressalva ao fato de outros torneios que de alguma forma poderiam ser analisados como mundiais de futebol de mulheres foram realizados antes deste, com destaque para uma edição de um mundial de futebol de mulheres em caráter experimental realizada na China em 1988. Mais informações sobre o evento podem ser acessadas no texto “As pioneiras pedem passagem: Memórias do Torneio

retroativamente renomeado pela FIFA para a “Copa do Mundo de Futebol Feminino” (MORAES; BONFIM, 2016, p.180-181).

Foram anos de proibição até a liberação, que, haja vista, não foi uma concessão e sim fruto de muita luta e resistência de mulheres, pioneiras, que tiveram suas histórias invisibilizadas, mas que estavam lá, que deram a “cara à tapa”, que enfrentaram muitas situações e preconceitos, e acima de tudo são responsáveis juntamente com todas as outras pelo crescimento da modalidade na atualidade, mesmo que esse crescimento venha a passos curtos, se não fosse a resistência e resiliência dessas mulheres, jamais viveríamos o cenário atual, que ainda está longe, muito longe da relação de equidade de gênero desejada.

Realizar essa pesquisa significa, acima de tudo, jogar luz à periferia da periferia, uma vez que no cenário esportivo, a modalidade escolhida é o futsal e não o futebol, o público são as mulheres e não os homens, a equipe é uma equipe pequena do interior do estado de São Paulo, que busca espaço no cenário estadual e nacional e não uma equipe grande, da região metropolitana e consolidada.

Estamos na exterioridade, no sul, na periferia de uma seara que já está na exterioridade e são essas histórias que precisam ser contadas, pois a grande maioria das mulheres que estão ou pretendem traçar projetos no futsal estão em situação análogas às delas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se desenvolveu segundo a abordagem qualitativa, para a qual não é possível aceitar que a realidade seja algo externo ao sujeito; a corrente idealista subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Assim, busca examinar o mundo como é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que cada pessoa ou pequeno grupo de pessoas pensam ser a realidade; valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do/da pesquisador/a (ANDRÉ, 1995).

Corroborando com essas ideias, Brandão (2003), traz que nenhuma ciência é neutra, pois ela fala por meio de pessoas que são sujeitos de escolhas e preferências. Assumindo que em uma sociedade com tantas desigualdades sociais, quando nos posicionamos, estamos nos colocando a favor de algo ou alguém e contra algo ou alguém (FREIRE, 2021b), refletimos de que lugar social queremos falar.

Para tanto, esta pesquisa se desenvolveu na dialogicidade e reconhece as participantes como sujeitos capazes de produzir cultura e conhecimento em suas relações com os/as outros/as, na intersubjetividade.

Conforme Oliveira et al. (2014b), compartilhar orientações ideológicas e inquietações entre pesquisadora e participantes contribui para o estabelecimento de diálogo, e nas intersubjetividades propõem-se a viver experiências junto com outras pessoas e produzir conhecimento científico nessa convivência; ao refletir sobre suas experiências (vivências passadas) as participantes se esforçam para reviver experiências de momentos alegres e tristes, procuram fragmentos de memória, com os quais se procura reconstruir pensamentos, aprendizagens, experiências, etc.

Neste lugar de encontro, não há espaço para arrogância, nem para sábios absolutos, ou ignorantes absolutos, há mulheres e homens que em comunhão buscam saber mais, daí que:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens [seres humanos], o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a *confiança* de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus [suas] sujeitos (FREIRE, 2021a, p.113).

O diálogo exige amor, humildade, respeito, é encontro de homens e mulheres para *ser mais*, que se faz na esperança, na crença no ser humano, na solidariedade, na comunhão e confiança.

Trata-se de uma pesquisa centrada em sujeitos, a qual, conforme Kilomba (2019), examina as experiências, autopercepções e negociações de identidade descrita pelo sujeito e pela perspectiva do sujeito. Nessas pesquisas, o *sujeito*¹⁵ tem o direito de ser sujeito individual, político e social, o que só é possível quando se tem a possibilidade de expressar a própria realidade e as experiências a partir da própria percepção e definição, quando se é possível (re)definir e recuperar a própria história da realidade.

As formas de desrespeito político, social e individual são reproduzidas também nos discursos acadêmicos através de epistemologias e métodos que colocam as vozes de grupos marginalizados como secundárias, na exterioridade, privando-os do direito à autorrepresentação (KILOMBA, 2019). Isso reforça a importância de pesquisas centradas em sujeitos, também chamadas *study up*, em que pesquisadores/as investigam membros do seu próprio grupo social, ou pessoas de status semelhantes, como forma de reparação a reprodução do *status quo* dentro da produção de conhecimento:

Fazer pesquisa entre iguais tem sido fortemente encorajado por feministas, por representar as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática (KILOMBA, 2109, p.82-83).

Desta forma, estar próximo é valioso e não significa que a pesquisadora aceite sem críticas as declarações das entrevistadas, mas, ao contrário marca a existência de uma subjetividade consciente, que respeita totalmente seus relatos e mostra interesse genuíno em ouvir, entender eventos ordinários da vida cotidiana das entrevistadas, essa proximidade favorece a pesquisa à medida que não inibe a fala, principalmente por estar entre iguais, assim, Grada Kilomba (2019), afirma:

[...] não concordo com o ponto de vista tradicional de que o distanciamento emocional, social e político é sempre uma condição favorável para a pesquisa, melhor que o envolvimento mais pessoal. Ser

¹⁵ Grada Kilomba (2019) justifica o uso do termo sujeito escrito no gênero masculino porque a palavra se origina do inglês: subject e na língua portuguesa a tradução corrente se reduz ao gênero masculino, sem permitir variações no gênero feminino ou nos vários gêneros LGBTQIA+ que seriam identificadas como erros ortográficos. A pesquisadora aponta a problemática das relações de poder e violência imposta pela língua portuguesa, que coloca identidades na condição de inexistência.

uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisa centrada em sujeitos (p.83).

O processo de inserção social junto ao grupo a ser pesquisado foi favorecido pela relação de proximidade entre pesquisadora e entrevistadas, pois, as atletas participantes da pesquisa atuam junto a equipe da Associação Sãocarlense de Futsal (ASF), mesma equipe da qual eu, pesquisadora, atuo como técnica nas categorias de base, assim, nos encontramos em diversas situações cotidianas, entre sessões de um treino e outro, acompanhando jogos da equipe principal, e por vezes, atuando ainda como uma pessoa que integra o quadro de comissão técnica do clube. Essa proximidade permitiu que elas também me conhecessem um pouco, a ponto de saberem que no passado também jogava pela ASF e que no momento atual, além das demandas profissionais, estou realizando o mestrado.

Na atualidade, a ASF, representa o município de São Carlos em diversas competições como Jogos Regionais, Jogos Abertos, Copa Paulista de Futsal, Liga Paulista de Futsal, participando com diversas categorias que vão desde sub11 até a equipe principal, adulta. A escolha por este clube foi principalmente porque ele é a principal referência no futsal praticado por mulheres na cidade de São Carlos, por estar em ascensão no cenário esportivo da cidade, sendo que, desde 2020, pouco antes do estabelecimento da pandemia da Covid-19, participa de competições renomadas e conta a participação de atletas provenientes de outras cidades que passam a residir na cidade em alojamento mantido pela associação para a participação nos campeonatos.

A equipe principal é composta tanto por atletas formadas nas categorias de base e atletas que vem de outros municípios. Na ocasião da coleta de dados da pesquisa, segundo semestre de 2022, seu elenco era formado por um total de 14 atletas, sendo cinco delas de São Carlos, uma estudante universitária que não é da cidade, mas não reside no alojamento (estudante que passou no vestibular da UFSCar, procurou o clube para treinar, foi aceita, mas não consegue participar de todos os treinamentos por conta das demandas com estudos), e oito atletas de fora, as quais residem no alojamento, uma casa ampla alugada para acolher as atletas que fica próximo ao ginásio onde treinam. Todas as jogadoras, com exceção da estudante universitária, recebem uma ajuda de custo que varia de quinhentos reais a oitocentos reais; o clube tem parceria com uma instituição privada de ensino superior e oferece bolsas de estudos para todas as atletas nos cursos de suas escolhas (apenas uma delas não estuda, porque já possui uma formação e não se interessou

pelos cursos ofertados pela instituição) – todas estudam a noite; as atletas que residem no alojamento dispõem de uma cozinheira que prepara o almoço e deixa a janta pré-organizada; o clube paga as despesas com alimentação e moradia.

A rotina de treinamentos da equipe principal compreende treinos de segundas as sextas-feiras das 14hs as 16hs, além da participação em jogos, na sua maioria realizados aos finais de semana e vez ou outra, durante a semana a noite.

Como critério de inclusão e exclusão, respectivamente, estabelecemos que poderiam participar da pesquisa quaisquer mulheres, atletas, que estivessem vinculadas ao clube: Associação São-carlense de Futsal, e integrassem a equipe principal, e seriam excluídas da pesquisa as atletas que não possuíssem experiência de jogar em outro clube por período mínimo de um ano. Os critérios foram estipulados pensando na contribuição das participantes para a pesquisa, acreditando que a prática social da andarilhagem seria possível a partir da vivência e experiência de atletas em passagens por mais de um clube esportivo.

A fim de facilitar a seleção e buscando, concomitantemente, selecionar um grupo com perfil que pudesse contribuir com a pesquisa a partir do compartilhamento de suas experiências profissionais com o futsal, optamos por realizar uma roda de conversa com todas as integrantes da equipe principal, a qual foi inteiramente gravada e transcrita.

Assim, com o intuito de identificar as atletas que haviam passado por diversos clubes, além de histórias de vida que apontassem para o sucesso ou fracasso, e situações de adversidades que poderiam se associar a violências e abusos sofridos pelas atletas, elaboramos um roteiro para a roda de conversa, o qual contemplava uma breve apresentação, na qual as atletas fariam nome, cidade onde nasceu e clubes que já defendeu, seguido de uma conversa mais livre, em que era solicitado a quem se sentisse à vontade, contar um pouco sobre as maiores dificuldades enfrentadas na vida, no que se refere à prática do futsal. Todo esse processo de acesso aos dados da pesquisa foi registrado em diário de campo.

O emprego do registro em diário de campo, ou mesmo notas de campo são de grande valia nas pesquisas qualitativas com pessoas, e devem ser construídos sob o olhar atento aos detalhes da pesquisadora.

Costa (2002) defende que a relação dialética intersubjetiva se dá a partir da associação dos registros bem detalhados e descrição dos dados em diário de campo com a discussão acerca do universo pesquisado.

Para a realização da roda de conversa, solicitei ao técnico da equipe principal autorização para enviar uma mensagem no grupo do whatsapp do time avisando que passaria no treino para conversar com as atletas sobre a minha pesquisa de mestrado. No trecho a seguir, tirado do diário de campo, apresentamos este processo:

Cheguei um pouco mais cedo ao treino, as meninas estavam ainda chegando: algumas já aguardando sentadas no banco ao lado da casinha central da quadra, outras ainda no vestiário. Me dirigi ao técnico, cumprimentei-o e novamente perguntei se podia conversar com elas e explicar sobre o mestrado, ele autorizou.

As meninas foram chegando e quando todas já haviam chegado eu as chamei: Oi gente, tudo bem? Vocês podem juntar aqui um pouquinho para eu falar com vocês?

Elas se aproximaram.

Eu contei sobre o meu mestrado, sobre o interesse de estudar a prática do futsal de mulheres, e sobre a importância para mim de ouvir as histórias delas, sobre acreditar que só atuando juntas vamos conseguir construir um mundo melhor e mudar as coisas.

Elas se mostraram interessadas, fazendo sinal de afirmação com a cabeça.

Perguntei se aceitariam participar de uma roda de conversa. Todas fizeram sinal de sim com a cabeça, e uma me perguntou: Mas quando?

Eu respondi: Então, eu vou ver com o Fausto¹⁶ o dia que não o atrapalha, e aí combino com vocês pelo whatsapp, pode ser? Aí vejo de marcar um dia de treino para não atrapalhar a rotina de vocês, por isso tem que ser um dia que também não atrapalhe o trabalho do Fausto, mas aviso por lá, tudo bem?

Elas concordaram e disseram que em dia de treino ficaria mais fácil para todas participarem (NOTA DE CAMPO 1, NOV, 2022).

Realizamos a roda de conversa três dias após esse encontro e a partir da análise da mesma selecionamos cinco atleta para seguir com a pesquisa. A seguir apresentamos o quadro elaborado a partir do perfil das atletas selecionadas para participar da pesquisa:

Quadro 1 – Perfil das atletas participantes da pesquisa

Nome	Idade	Naturalidade	Idade que saiu de casa para jogar	Principais clubes que jogou
Giovana	23	Porto Ferreira, SP	15 anos	Guarani, São Caetano, Taboão da Serra, Ferroviária
Gisele	24	Batatais, SP	15 anos	Passos, Barateiro, Kinderman, Balneário Camboriú, São José dos Campos

¹⁶ O nome de todos/as envolvidos/as na pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos/as participantes.

Luana	27	Andradina, SP	14 anos	Presidente Prudente, Santa Catarina, Paraná, Mato grosso do Sul, Joinville, Balneário Camboriú, Mafra, Ferroviária.
Natália	24	Araraquara, SP	12 anos	Estrela de Guarulhos, Orlandia, Passos, Barateiro, ASF/São Carlos.
Tereza	35	Campina da Lagoa, PR	14 anos	Campo Mourão, Cascavel, Sertãozinho, Bebedouro, Palmeiras

Fonte: elaborado pela pesquisadora

O roteiro e desenvolvimento da roda de conversa associado ao registro em diário de campo foi fundamental no processo de seleção das atletas participantes. Após este procedimento, partimos para a elaboração do roteiro e realização das entrevistas com intuito de identificar, compreender, analisar e descrever os processos educativos que emergem da prática social da andarilhagem de mulheres atletas para consolidar suas carreiras no futsal.

Neste sentido, optamos por trabalhar com entrevistas não diretivas baseadas em narrativas biográficas, que de acordo com, Kilomba (2019):

A entrevista não diretiva permite à/ao entrevistadora/entrevistador incentivar as/os entrevistadas/entrevistados a falar sobre um determinado tópico com um mínimo de questionamento direto ou orientação.

[...] Desse modo, a entrevista narrativa biográfica não diretiva permite às/aos entrevistadas/entrevistados definir sua realidade subjetiva [...]. Isso não significa que eu como acadêmica não tenha algum controle sobre a estrutura geral da entrevista. Usei um esquema global de entrevista mínima. O cronograma das entrevistas foi baseado nos principais grupos de informações que eu queria estudar (p.86).

Dessa forma, definimos um roteiro mínimo que atendia tópicos relacionados aos interesses da pesquisa, possibilitando às entrevistadas discorrer sobre acontecimentos em suas vidas intercruzando a prática social da andarilhagem com o desejo de se firmar profissionalmente na prática do futsal.

Vale destacar que todo o processo de pesquisa foi explicado às atletas, as quais consentiram em participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – o modelo utilizado encontra-se no Apêndice I desta dissertação –, da mesma forma, tomamos o cuidado de conversar sobre a pesquisa, explicando sobre de

que se tratava, bem como os processos metodológicos definidos até então, o qual previa a seleção de um grupo para participar de entrevistas inspiradas nas histórias de vida.

É importante ressaltar que as envolvidas neste processo de estudo não são consideradas objetos de pesquisa, mas sim participantes que co-laboram com as investigações realizadas. Conforme Oliveira et al. (2014b):

Objetivamos, assim, que a prática social de investigar seja educativa tanto para participantes quanto para o(a) pesquisador(a). Pesquisar processos educativos é um processo de relações intersubjetivas. [...] Investigações que têm a realidade como “objeto” de pesquisa, a qual medeia a relação entre os [/as] sujeitos. Sobre ela, lançamos olhares críticos e propositivos. Visamos, por meio da dialogicidade, pronunciar e transformar o mundo que percebemos, e nossas investigações procuram favorecer o processo de humanização das diferentes pessoas envolvidas com elas (p.137).

Voltando à realização da coleta de dados, com o procedimento definido, retornei ao ambiente de treino, em conversa individual com as atletas que seriam entrevistadas, averigui o interesse em contribuir com a pesquisa e disponibilidade para realização das entrevistas; as cinco atletas se dispuseram a colaborar.

Assim definimos os locais de entrevistas e acordamos o horário para tal. Neste momento, procurei deixá-las à vontade para escolherem o local, pensando na importância de ser um ambiente em que elas se sentissem confortáveis; todas preferiram fazer fora de suas residências por considerarem que poderiam ser interrompidas no ambiente de casa, haja vista que das cinco entrevistadas, quatro moravam no alojamento com outras atletas, e uma, residente em São Carlos, estava com a casa passando por reformas; então sugeri a universidade e o ginásio onde treinam, sendo o ginásio escolhido como melhor ambiente por todas. Assim entre 30 de novembro e 13 de dezembro de 2022 foram realizadas as cinco entrevistas; a duração das entrevistas variou de quarenta e sete minutos à uma hora e vinte e sete minutos.

O roteiro que orientou esse processo continha onze tópicos que se apresentavam em forma de questão no desenrolar das entrevistas e associavam a história de vida da atleta com a prática profissional do futsal. No momento que caminhava para o encerramento da entrevista, pontuava que se, por acaso, depois, se lembrasse de algo que não foi conversado, poderíamos marcar um novo encontro para isso, da mesma forma, indiquei que poderíamos retomar algum ponto caso eu percebesse algo que tenha ficado

para trás. O roteiro na íntegra encontra-se disponibilizado no Apêndice II desta dissertação.

Para a análise de dados optamos por realizar uma *análise episódica*, conforme explica, Kilomba (2019):

[...] não selecionei excertos de acordo com uma técnica de seleção pré-definida [...] escolhi transcrever cada entrevista e depois selecionar episódios baseados nos tópicos centrais das experiências [...] como contados pelas entrevistadas por meio de suas biografias. Chamo essa forma de *análise episódica*. (p.88)

Neste tipo de análise a pesquisadora faz a escolha por excertos que trazem experiências com o tema pesquisado, então, realiza-se a transcrição de todas as entrevistas e com atenção busca-se identificar ocorrências de tópicos centrais de experiências reportadas pelas entrevistadas, selecionando episódios. A análise desses episódios parte de um olhar fenomenológico, o qual preza pela descrição minuciosa dos fenômenos em si (KILOMBA, 2019).

Outro ponto a considerar na análise episódica é a questão da preservação da subjetividade do sujeito:

O exercício da abstração é, evidentemente, uma dimensão muito importante da produção de conhecimento; neste trabalho, no entanto, decidir abstrair as experiências subjetivas do racismo cotidiano poderia ser problemático na medida em que resultaria em uma imposição da terminologia à experiência e da objetividade à subjetividade. Abstrair os relatos subjetivos de mulheres negras poderia facilmente se tornar uma forma de silenciar suas vozes no intuito de objetivá-las sob terminologias universais. Isso não produziria subjetividade, mas em vez disso reproduziria a forma dominante de produção de conhecimento (KILOMBA, 2019, p.89).

Vale destacar que diferentemente da pesquisa de Kilomba (2019) com recorte racial, a nossa pesquisa tem a temática de gênero com olhar para os processos educativos que emergem do contexto das experiências vivenciadas pelas atletas no constante movimento de ir e vir, na andarilhagem em busca de consolidar carreiras no futsal.

Dessa forma, as etapas que orientaram a análise de dados desta pesquisa previu a transcrição de todas as entrevistas, a leitura e escuta atenta de todas elas por mais de uma vez, a seleção de excertos das entrevistas buscando a identificação de processos educativos na prática social da andarilhagem de mulheres atletas de futsal em forma de episódios, a descrição dos fenômenos presentes nos episódios e discussão com o

referencial teórico relacionando conceitos às experiências vivenciadas pelas entrevistadas.

A escolha dos episódios que serão apresentados levou em consideração o que de comum acontecia entre as mulheres na prática social da andarilhagem associada a necessária reflexão em torno de conceitos fundamentais presentes na busca e processo de humanização que se pretende.

Assim, iniciamos a discussão com o episódio da “generificação” que busca apresentar como ainda vivenciamos questões de gênero, até ultrapassadas, como a generificação de brinquedos, de práticas corporais indicadas ou sugeridas para diferentes gêneros, e refletimos a respeito das diferentes oportunidades profissionais ofertadas aos homens e mulheres. Em seguida, partimos para o episódio que trata do contexto de empréstimo à educação da saudade como forma de se estabelecerem nesse contexto, o enfrentamento diário que só é possível no apoio que encontram de amigas que vivenciam a dor da distância. Depois apresentamos o episódio da *desumanização para ser menos*, neste momento, partindo do olhar e relatos das participantes, nos solidarizamos com a dor da violência sofrida, do não diálogo, da objetificação do ser, de diversas formas de opressão experienciadas por mulheres na andarilhagem por se consolidar profissionalmente como atletas de futsal. Mais adiante, refletimos, no episódio que trata do cuidado mútuo e unidade na diversidade, mostrando a forma como as mulheres atletas vão se reconhecendo, estabelecendo redes de apoio em que o cuidado mútuo reverbera e podemos vislumbrar um universo de sensibilidade, amor e unidade entre as mulheres atletas. Daí partimos para a formação da consciência crítica, que na maioria das vezes, vêm de situações de opressão, em que as mulheres praticam o ato de distanciar-se de sua realidade, objetivando-a, tomando a consciência das situações vividas e depois retorna, mais próximas da práxis libertadora, reconhecemos, contudo, que a essa libertação não cabe um olhar romântico e enfadoso, mas, ao contrário, como um processo permanente e constante se estar sendo. Por fim, apresentamos o último episódio, que mostra o caminho da superação de situações-limite por atos-limite que são vencidos ao longo das trajetórias partilhadas pelas participantes desta pesquisa, em que vivenciando a desumanização, se conscientizam da opressão vivida e tomam força para agir superando atos-limite que as impedem de *ser mais*.

A pesquisa foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, em 07 de fevereiro de 2022, sob o número 53675421.4.0000.5504 (ANEXO I).

4. ANÁLISE DE DADOS E CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS.

4.1 Generificação: “para o feminino pesa mais que para o masculino, na minha visão, né, e as vezes a gente sai sempre sendo a prejudicada, né?!¹⁷”

Pode-se dizer que diferenças de gêneros evidenciadas nos brinquedos e cores são temas discutidos já há um bom tempo, talvez, por isso, devessem ser ultrapassados, no entanto, essa discussão ainda está presente nos discursos trazidos pelas participantes, sendo que a maioria delas inicia sua prática no esporte entre meninos e, de certa forma, sofrem os preconceitos para se inserirem no futsal.

Pesquisadora: E quais são, Giovana, suas primeiras lembranças com futebol?

Giovana: Eu chutando bola de um lado para o outro com o meu avô no quintal da casa dele, quando, eu não me recordo exatamente assim, mas eu era bem novinha, eu acho que eu tinha, não sei, cinco anos talvez, quatro, cinco anos.

Pesquisadora: Você era pequenininha.

Giovana: É.

Pesquisadora: Seu avô jogava, ou não?

Giovana: Ah, quando mais novo brincava, mas, não, nessa época ele já estava com..., eu não sei exatamente quantos anos ele tinha, mas ele já era mais velho, então era só, tipo, ele ficava parado, lá no portão, a gente imaginava que era o gol e eu ficava chutando a bola para ele (risos).

Pesquisadora: E de quem era a bola? Porque você tem, eram em três irmãs...

Giovana: Sim.

Pesquisadora: Era sua? Porque vocês eram em três irmãs e é difícil uma criança, uma menina, que o presente é a bola.

Giovana: É, então, na época, eu já desde novinha sempre gostei, né. Quando eu ainda era um pouco mais nova, meu pai, meu pai trabalhava em uma usina, na cinquenta e um, né, inclusive, bem conhecida, usina de cachaça e sempre na época do mês das crianças, né, em outubro, eles faziam festa para as crianças e eles davam brinquedos pros filhos dos funcionários; e era sempre aquela, né, era bola para os meninos e boneca para as meninas.

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: Daí eu ganhei uma, duas vezes isso, e eu não sei, até gostava, mas chegou em um ponto que eu pedi uma bola para o meu pai, aí ele me deu uma, eu me recordo exatamente como ela era ainda, ela era branca, era de capotão que a gente chamava, né, na época (risos).

Pesquisadora: Ahan (risos).

Giovana: Ela era branca e preta e tinha o símbolo da cinquenta e um, assim (gesticula com a mão em movimentos curtos), que era da empresa, em dourado.

Pesquisadora: Haha

¹⁷ Fala de Tereza.

Giovana: Aí foi a partir daí, essa foi uma das minhas primeiras lembranças com bola de futebol, era minha mesmo; aí, depois dessa situação, parava em posto, né, que sempre em posto tinha, né, aquele (gesticula com a mão na vertical indicando o suporte de bolas que haviam em postos de combustíveis – C.O.), antigamente, né, que ficava aquele monte de bolas de leite que chamam, né, eu não sei como você conhece.

Pesquisadora: É, ahan.

Giovana: Aí eu pedia toda vez que via uma, pedia para o meu pai, mas a que eu usava com meu avô era essa de capotão mesmo, por ser mais pesada, né. A outra era muito levinha não tinha muito..., não tinha, você chutava ela ia para cima, mas não alcançava uma distância muito grande.

Pesquisadora: Sim, não tinha muito controle, né, a bola era muito leve.

Giovana: Sim. (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022)

A reprodução do processo de generificação de práticas corporais esportivas, bem como de brinquedos, está presente nesse episódio, pois a bola, presente que o pai recebe na festa da empresa é dado às famílias com filhos, assim como, bonecas são dadas às com filhas, em um processo de naturalização, como se a prática corporal esportiva fosse de predominância masculina ou feminina, como se houvesse um brinquedo para os meninos e outro para as meninas.

A sociedade produz e reproduz desigualdades e diferenciações de gênero em diversas instancias sociais (GOELLNER, 2005); brinquedos são elencados como sendo para determinado gênero, carrinhos, bolas, entre outros são classificados como de meninos, enquanto bonecas, painéis, brinquedos que imitam utensílios domésticos, etc. são classificados como de meninas. O mesmo ocorre com as cores, rosa para meninas e azul para meninos; com os esportes, futebol, judô para meninos, vôlei, dança para as meninas.

Mesmo que identifiquemos mudanças no dia a dia, que enxerguemos evoluções nesses aspectos, que hoje tenhamos mais meninas e mulheres praticando esportes diversos, inclusive, futebol e futsal, ainda sofremos esse processo de generificação das práticas esportivas corporais, muito porque, ainda vivemos sob a sombra do patriarcado¹⁸ e vivenciamos experiências de diferenciação de gênero, somos educadas e educados sob esse olhar que atravessa a sociedade (SAFFIOTI, 2015).

A atitude que visa uma mudança de comportamento, parte da, então, criança, Giovana que frente a situação que não lhe satisfaz, enfrenta e pede para o pai a bola de

¹⁸ Patriarcado é um sistema social em que homens mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

presente na festa da empresa; ainda que não se possa afirmar esse enfrentamento vir como resultado de um processo de conscientizar-se, sinaliza para um enxergar-se como criança, que gosta de brincar e deveria poder brincar do que quisesse e não como uma criança generificada em menina ou menino, sofrendo as limitações que se associam a generificação. O enfrentamento também é observado no trecho que segue, em que Giovana pede para jogar com os meninos, na escola onde estudava:

Pesquisadora: E na escola como era a sua relação com o esporte, assim, você participava nas aulas de educação física, no recreio, ou era campeonato escolar? Você se lembra?

Giovana: Eu consigo ter uma lembrança, assim, mais ou menos clara de estar no meio dos meninos, ainda naquela época era muito..., como posso falar? Ah, eles não aceitavam muito, meu próprio professor não gostava muito, mas eu lembro de sempre bater, não bater de frente, mas de pedir, falar que eu queria e...

Pesquisadora: Insistir.

Giovana: É, por volta dos sete anos, eu me recordo que foi quando eu inclusive saí de Porto Ferreira para ir para Santa Rita e era um ambiente novo, né, tudo novo, tal, e eles tinham todo um modelo que eles trabalhavam, né, nas aulas de educação física e eu me recordo dele só deixar os meninos. E aí no começo eu fiquei meio acanhada, ficava só olhando, né, fazia outras coisas, pular corda amarelinha, isso, aquilo e tal, mas como eu sempre ficava olhando, meio que de longe, porque na escola, nessa escola em específico era, a quadra era atrás da escola, então, lá, só os meninos ficavam, né, e o restante que não jogava bola, nem nada desse tipo, ficava no pátio, que aí era do outro lado, então não tinha muito uma visão de um ambiente para o outro, sabe?! Aí eu meio que sempre saía e ficava olhando e tal, até o momento em que eu pedi, aí ficaram meio assim, receosos, mas eu me recordo de terem deixado.

Pesquisadora: Os meninos?

Giovana: É, os meninos. Deixaram, o professor também liberou, mas eu era única, a única que estava pelo meio, não tinha muita noção, só sabia correr atrás da bola, mas não tinha muita noção e estava no meio (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Dialogando sobre as responsabilidades e exigências que envolvem o “ser atleta”, Tereza reflete a respeito das desigualdades de gênero que interfere diretamente as mulheres que praticam o futsal:

Pesquisadora: Tereza, dentro desta questão de as vezes a gente ter que manter essa postura de retidão, você acha que a cobrança seria diferente se você fosse homem? Você acha que tem diferença entre mulheres e homens? Eu estou perguntando, porque, por exemplo, já aconteceu aqui de ouvirmos: “Ah, a gente não consegue ajuda, não consegue patrocínio porque olha o jeito que as meninas andam, olha o jeito de não sei o que...”, você acha que tem diferença? Já aconteceu alguma coisa na sua vida neste sentido?

Tereza: Sim, eu acho que a gente já é vista com outros olhos, né?! Por ser o futsal feminino, por ser feminino, as pessoas já têm outras..., muitas pessoas já veem com outra mente. Mas é o que eu falei, entra muito por que? Por causa do comportamento. Eu acho que tem que existir sim um comportamento, porque a partir do momento em que você veste uma camisa, você veste um uniforme, não está só o seu gosto ali. Naquela camisa que você veste, você está representando muitas empresas, você representa muita coisa, então, querendo ou não, eles vão te avaliar, eles vão te observar, eles vão ver o seu comportamento. Eu acho que as vezes o futsal feminino ele perde um pouco por esse lado, porque as vezes tem pessoas que não se comportam como tal. Eu acho assim, ninguém precisa saber quem você é, a sua opção..., você não precisa ficar mostrando isso para ninguém. Nessa parte eu acho que o comportamento, eu acho que tem que ser bem exigido mesmo. Eu já joguei em time que o técnico não aceitava menina de cabelo curto. Hoje em dia, você vê, é uma coisa natural ter pessoas com cabelo curto. Cada um se veste, se comporta da forma que se sente bem.

Pesquisadora: Mas será que eles aceitariam se fosse um cara de cabelos compridos? Será que eles teriam posto essa regra? Será que a exigência é a mesma?

Tereza: Eu acho que não. Eu acho que o feminino é mais prejudicado nessa parte, porque você vê tantos jogadores de cabelo grande e nem por isso eles deixam de perder alguma coisa, por exemplo, “Ah, eu não vou patrocinar o seu time, porque tem jogador com o cabelo grande”, não. Eu acho que o feminino perde mais nessa parte, mas eu acho que também tem times por aí que, muitas vezes, não exige o comportamento, ou conversar só, tem lugar que você não pode fazer isso, sei lá, porque acho que ninguém é criança mais né, nessa parte. Acho que o comportamento..., porque todo mundo te repara, todo mundo te observa, todo mundo vai te ver com outros olhos, então eu acho que isso é algo que as vezes para o feminino pesa mais que para o masculino, na minha visão, né, e as vezes a gente sai sempre sendo a prejudicada, né?! (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022)

Ao retratar sobre a exigência de um “comportamento padrão” por parte das atletas, Tereza, ao mesmo tempo que se mostra consciente de estar representando outras pessoas e empresas ao “vestir a camisa” do clube, não parece considerar, por exemplo que as pessoas deveriam ser livres para viver a sua vida, e as atletas serem pagas pelo trabalho que se faz dentro de quadra. A vida pessoal de cada uma não deveria ser objeto de observação, de controle dos clubes. A luta por mudanças se faz na afirmação do que se busca, e não há como buscar a liberdade se não por meio da verdade transparente, não há como “*ser mais*” se se é impedida de “*ser*”.

Questionadas a respeito da importância de homens e mulheres no universo do futsal em particular na trajetória de vida de cada uma delas, Gisele e Luana nunca tiveram treinadoras mulheres, Giovana, afirma que teve “*assim, mais ou menos*”, Tereza, passou por um clube em que a treinadora era uma mulher e Natália também, assim que retornou

a São Carlos, em 2018. Este fato denuncia o cenário profissional esportivo no futsal de mulheres, com muitos treinadores e dirigentes do sexo masculino, muito embora, anuncia também a necessidade de mudanças e o aumento no número de mulheres que se desafiam neste meio:

Giovana: Essa questão de homem e mulher para mim sempre foi muito..., eu fui ter esse entendimento assim, acho que talvez de uns três anos para cá. Mas homem e mulher para mim, de fato, é apenas um, sei lá..., é só uma classificação, sabe?! Eu olho muito para pessoas, tenho muito isso comigo, sabe?! Pessoas. Mas dentro do futebol em si, né, da modalidade esportiva feminina me enche os olhos quando eu vejo, por exemplo, uma arbitragem feminina, que você olha e de fato, você só vê mulheres arbitrando, você vê mulheres na mesa, tanto que, acho que aconteceu esse ano... Aconteceram, até relativamente falando, mais vezes do que o normal, mas ainda assim foram poucas e todas as vezes que isso aconteceu, não sei, parece que, sabe, dá, dá muito mais vontade de você fazer aquilo, dá muito mais alegria em viver isso. Porque você vê que de fato a gente está ganhando respeito, né, dentro da, dentro da modalidade. Inclusive, sempre depois de jogos que as mulheres apitam, eu sempre chego e falo... eu faço questão de expor a minha admiração para com aquilo, sabe? [...]. Foi a primeira vez que as duas estavam juntas, mas elas já apitaram jogos nossos e eu sempre fiz questão de expor, né, essa minha alegria em ver, porque a gente vem, né, de um contexto: eu nunca tive uma treinadora mulher. Tive, assim, mais ou menos em dois mil e dezenove, né, que foi em Pirassununga, que tem a Dri que você conhece, e tal. Foi o primeiro momento, com vinte anos; eu comecei a jogar aí com dez, onze anos, e foi aos meus vinte anos que eu fui ter assim a primeira representatividade mesmo de ter uma mulher ali dentro da quadra e ainda não era totalmente porque tinha ainda sim, de fato, quem levava o nome de técnico era o Pio, né, era ele, né, então, mas ali eu comecei a ter uma referenciuzinha como mulher dentro da quadra. Mas na verdade aqui foi a primeira vez que eu tive a oportunidade de ver mulheres dentro de quadra, sabe, apitando. Estando na mesa é mais normal, né, a gente vê que mesária é mais normal, mas apitando, foi jogando por São Carlos que eu tive a primeira vivência com isso, então eu vejo que aos poucos as coisas estão nos favorecendo. Eu enxergo como muito mais gratificante para nós como um todo, sabe? (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Interessante, observar como Giovana inicia com uma fala que periga flertar com a ideia de meritocracia com o mito de uma falsa igualdade, mas depois faz uma virada para a admiração das mulheres na arbitragem, parece que ela toma consciência à medida que fala.

A ausência de mulheres no meio profissional que envolve o futsal praticado por mulheres é significativa tanto que poucas são as participantes que se deparam com a

figura feminina em suas trajetórias de vida até aqui. Outro ponto interessante, que Giovana traz em sua fala é a questão do poder associada ao gênero, ou seja, ao homem, pois, mesmo estando aparentemente os dois, um homem e uma mulher trabalhando juntos como treinadores da equipe, era ao homem que se atribuía a função de técnico, a fala “*quem levava o nome de técnico era o Pio*” indica ainda uma vitória, assim como no futsal tem-se a forma de expressão: *quem levou o campeonato foi tal equipe*, no contexto exposto por Giovana o homem leva a vantagem sobre a mulher. Essa denúncia, por sua vez, deve despertar um sinal de alerta e reflexão em nós, pois em diversos momentos as mulheres são colocadas às margens, de forma sutil, quase despercebida e naturalizada, como se a normalidade colocasse ao homem infinitas possibilidades de ser e às mulheres, restritas.

4.2 Do contexto de empréstimo a educação da saudade: “Com doze anos eu assumi uma responsabilidade, se ficar sozinha, de saber me virar sozinha. Foi com doze anos, quando eu fui para São Paulo”.¹⁹

Ao discorrer sobre sua experiência de exílio, Freire (2021b) fala do ser humano como ser que vive e carrega consigo a sua história, e da dificuldade em lidar com esse momento de ruptura, de separação, em que o ser se vê obrigado a viver em um novo contexto diferente do de sua origem, também chamado de realidade de empréstimo.

Ninguém chega a parte alguma só, muito menos ao exílio. Nem mesmo os que chegam desacompanhados de sua família, de sua mulher, de seus filhos, de seus pais, de seus irmãos. Ninguém deixa seu mundo, adentrando por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, em um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase já olvidada por quem a disse (p.45).

Mudamos de lugar no mundo e levamos conosco nossas experiências, nossos saberes de experiência feito, nossas marcas, histórias; muitas vezes, nos deparamos com a necessidade de lidar com a distância, com a saudade, com a adaptação ao novo contexto,

¹⁹ Fala de Natália.

à realidade de empréstimo, realidade esta que não é a nossa de origem, é emprestada, temporária, e por assim ser, nos questionamos, ou não, como viver essa realidade.

Na verdade, um dos sérios problemas do exilado ou da exilada está em como lidar, de corpo inteiro, com sentimentos, desejos, razão, recordação, conhecimentos acumulados, visões do mundo, com a tensão entre o hoje sendo vivido na realidade de empréstimo e o ontem, no seu contexto de origem, de que chegou carregado de marcas fundamentais. No fundo, como preservar sua identidade na relação entre ocupação indispensável no novo contexto e a pré-ocupação em que o de origem deve constituir-se. Como lidar com a saudade sem permitir que ela vire nostalgia. Como inventar formas de viver e de conviver numa cotidianidade estranha, superando assim ou reorientando uma compreensível tendência do exilado ou exilada de, não podendo deixar de tomar, pelo menos por largo tempo, seu contexto de origem como referência, considera-lo sempre melhor do que o de empréstimo. Às vezes, é melhor mesmo, mas nem sempre o é (FREIRE, 2021b, p.46-47).

Lidar com a distância de casa, com a saudade de familiares, mesmo que não em um exílio, é algo relatado por todas as participantes, que vivendo na realidade de empréstimo, se sujeitam a passar por situações de grande dificuldade, em busca da realização profissional como atletas.

Vivem diariamente a saudade de casa, mas não desejam voltar para casa, não para o contexto de origem, principalmente porque veem na realidade de empréstimo uma oportunidade para alcançar algo melhor na vida, para se firmarem como atletas profissionais.

Vale ressaltar que as participantes desta pesquisa se consideram atletas profissionais, pois todas entendem o exercício de suas atividades como um trabalho, com responsabilidades assumidas, dedicação diária em treinos e jogos e uma remuneração que vem em cumprimento desses afazeres. No entanto, devemos pontuar que o profissionalismo existe muito mais por parte delas, que pelo cumprimento de diversos direitos legais, já que não há carteira assinada e garantias que envolvem a contratação de uma profissional como, por exemplo, décimo terceiro salário, férias remuneradas e outros direitos trabalhistas.

Diferentemente da situação do exílio, as mulheres atletas participantes desta pesquisa saem de casa por escolha própria, no entanto, o fazem muito novas, Natália, por exemplo, deixou sua família com apenas 12 (doze) anos de idade, Luana e Tereza saíram de casa pela primeira vez com 14 (quatorze) anos e Giovana e Gisele, com 15 (quinze); a

maioria delas para morar em alojamentos sem a presença de um responsável legal. Tiveram de lidar com diversas dificuldades sozinhas, como bem dizem, aprenderam a se virar; todas relatam a saudade de casa, e muitas escondiam a realidade que viviam dos familiares com medo de que estes as fizessem voltar para casa. A dubiedade entre saudade e não querer voltar para casa aparece em diversas situações, acreditamos, no entanto, que a realidade de empréstimo vai ganhando forças e se assumindo como realidade simplesmente, enquanto o contexto de origem permanece por ali, como saudade, e talvez, como uma possibilidade de retorno no futuro.

Pesquisadora: E quando você começou a jogar futsal a sério? Assim: quando foi, como foi?

Natália: Sério?

Pesquisadora: É.

Natália: Então, [...] com doze anos eu saí de casa, né. E aí eu acho que começou a ficar sério, né. Com doze anos eu assumi uma responsabilidade, de ficar sozinha, de saber me virar sozinha. Foi com doze anos, quando eu fui para São Paulo.

Pesquisadora: Como você chegou até lá? Como foi? Tipo assim, você ficou sabendo de que forma? Era uma peneira?

Natália: Era uma peneira.[...]

Pesquisadora: Conta um pouquinho, Natália [...].

Natália: Então, eu cheguei lá, aí eu passei no teste, né, e minha mãe viu o alojamento, que era assim: tinha uma quadra, aí eh, tinha assim, como que fala? Quando é debaixo?

Pesquisadora: Subsolo?

Natália: É, subsolo. Tinha um subsolo (no final da quadra, dentro do ginásio) e nesse subsolo era onde era o alojamento. Mas era tipo esses quartos aí (apontando com a mão para os vestiários do Zuzão que ficam ao fundo quadra).

Pesquisadora: Os vestiários?

Natália: Eh, os vestiários, com camas. E aí minha mãe ficou doida, né: “Eu não vou te deixar aqui.” Aí nós voltamos, passei no teste, né. Foi o dia inteiro de teste, ele avisou minha mãe que eu passei no teste, mas a gente veio embora. Só que aí a minha mãe não queria deixar eu voltar. Meu irmão reforçou: “Ela vai ficar doente.” Eu só ficava chorando, não queria saber de mais nada. E aí ela me deixou eu voltar, ela me levou, a gente foi de ônibus dessa vez, ela me levou, daí eu fiquei lá e fizeram a minha matrícula em uma escola, que inclusive era muito longe da quadra e eu ia a pé. Dava uns 30 minutos, Aninha (risos).

Pesquisadora: Nossa (risos).

Natália: Nossa, tem que gostar hein (risos). Dava uns 30 minutos da onde a gente ficava, mas mesmo assim eu quis ficar e tal (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022).

Natália afirma que quis ficar mesmo se deparando com uma situação bem difícil, e fala: “*tem que gostar hein.*”. Passar a morar em um alojamento, que na verdade era uma extensão do ginásio onde ocorriam os treinamentos, com vestiários no subsolo

improvisados como quartos e ter que estudar em uma escola um pouco distante, em que era preciso uma caminhada de cerca de trinta minutos partindo do ginásio à escola eram apenas alguns dos desafios que se apresentavam e ganhavam uma dimensão ainda maior considerando ser ela uma criança de apenas 12 anos tendo “que se virar” em uma das maiores metrópoles do mundo.

A visão da dificuldade enfrentada neste momento de sua vida, contudo, é algo que Natália se conscientizou a partir de sua experiência de vida, de sua andarilhagem, estando ora aqui e ora em outro lugar, pois naquele momento em que chorando insistiu para que sua mãe a deixasse permanecer no clube, ela não havia experienciado situações que a fizesse enxergar a realidade com a mesma clareza de agora; muito porque conforme Freire (2021a) somos seres inacabados e vivenciamos permanentemente o “estar sendo”, assim, o que acreditamos ser, saber, conhecer neste momento, certamente mudará em outro momento. Na cotidianidade, no diálogo e convívio com outras pessoas vamos nos construindo; assim, *não somos* enquanto seres acabados e conclusos, e sim, *estamos sendo* constantemente, como seres inconclusos que se constrem nas intersubjetividades e nas relações como outros/as.

O excerto a seguir traz um pouco da visão de Luana diante das dificuldades encontradas no novo contexto:

Pesquisadora: E assim, quais as maiores dificuldades que você enfrentou para jogar futsal?

Luana: Ai (suspira), eu acho que não foi tanto o preconceito, mas foi mais a parte de alimentação mesmo, porque a gente tinha que tipo..., eu nunca passei fome em nenhum alojamento, mas a comida em si, as vezes não tinha sempre, mas tinha alguma coisa, vamos supor, não tinha café da manhã, mas sempre tinha almoço, ou tinha janta; às vezes estragava, aí tinha que se virar. E eu nunca ia falar para minha mãe né, porque se eu falasse para minha mãe, ela ia falar assim: “Não. Volta para casa, então! O que você está fazendo aí? Em casa você não vai..., você tem tudo para comer, você tem tudo o que você quer! Por que você está aí passando isso?!”, e a distância, né, porque eu nunca achava time perto de casa, né, então, sempre tinha que ir para longe.

Pesquisadora: É, e você saiu bem cedo, né?

Luana: Eu saí bem nova. Então eu aprendi a me virar sozinha (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022).

A aceitação da realidade de empréstimo mesmo diante de grandes dificuldades se dá principalmente por conta do medo de ter que voltar para casa, para o contexto de origem, onde apesar de “ter tudo o que quer”, Luana “nunca achava time perto de casa” então “sempre tinha que ir para longe”. Lidar com essa distância implica,

então, lidar com a saudade da mãe, com a falta de comida, estudar em uma escola distante do alojamento e se deslocar a pé faça chuva ou faça sol, entre outras coisas, é preciso, conforme Freire (2021b) inventar formas de viver e conviver essa cotidianidade estranha que se apresenta no contexto de empréstimo.

Kilomba (2019) ao tratar dos mecanismos de defesa do ego que estão presentes no processo de descolonização e conseqüente libertação com conquistas de autonomia e independência do *sujeito*, traz como primeiro mecanismo a negação, a qual pode ser retratada na passagem acima quando Luana afirma: “eu nunca ia falar para minha mãe” sobre as dificuldades que enfrentava no cotidiano assim que saiu de casa. Negar a realidade a mãe significa também, negar a si a existência da dor, da fome, do sofrimento, porque assumir isso para mãe e para si também representa dor, uma dor que ela preferia não sofrer, não falar e assim acreditar que não era tanta fome assim: “eu nunca passei fome em nenhum alojamento, mas a comida em si, as vezes não tinha sempre, mas tinha alguma coisa, vamos supor, não tinha café da manhã, mas sempre tinha almoço, ou tinha janta.”

A realidade de empréstimo se apresenta de diversas maneiras às participantes desta pesquisa, mas à sua maioria, como um desafio, com o qual elas precisam aprender a lidar. Por vezes a realidade de empréstimo passa também pela busca por um lugar para instalar-se e estabelecer-se; Giovana, por exemplo, quando saiu de casa pela primeira vez, conta que foi para Campinas sem se quer ter um lugar para ficar:

Giovana: Aí foi quando eu já, no comecinho de dois mil e quinze foi quando eu saí e fui morar fora.

Pesquisadora: E você foi para onde primeiro?

Giovana: Na primeira vez eu fui para Campinas. É..., só fui, inclusive, não tinha nada certo, minha irmã morava lá, eu tinha uma prima que também morava lá, e eles tinham na época o Guarani, hoje já não tem mais o time feminino.

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: Aí, meu cunhado torce para o Guarani, tal, e ele sabia que tinha um time feminino, aí ele me incentivou a ir fazer um teste. Aí eu fui, não sabia de nada, se ia ter teste ou se não ia, só fui. Aí cheguei lá, descobri que eles estavam fazendo uma seletiva, né, para campo e para futsal, mas que a seletiva, inclusive, o dia de teste seria no, não era nem campo e nem futsal, era um terraço, literalmente um terraço. [...]

Giovana: Aí eu fiz, no primeiro dia mesmo, eles já me pediram para ficar, falaram que eu tinha passado, só que eles não tinham nenhum suporte para oferecer, eles não davam alojamento, não davam nada. Eu teria que ficar lá por conta, eles não pagavam nada também, o máximo que eles ajudariam, ainda ajudariam era a matrícula na escola, o máximo. [...] Aí, como eu tinha minha irmã e minha prima lá, num

primeiro momento eu fiquei na casa da minha prima que estava sozinha. Ela morava no apartamento com algumas amigas, mas as amigas estavam em férias e tal e ela falou: “Ah, você pode ficar aqui.”

Pesquisadora: A sua prima estudava lá?

Giovana: Ela estudava, ela estudava. Aí ela falou: “Olha, você pode ficar aqui até as meninas voltarem, não precisa me pagar nada, pode ficar à vontade até as meninas voltarem; só que aí quando as meninas voltarem de férias não vai ter como, porque não vai ter mais espaço para você ficar.” Aí eu falei: “Não. Beleza!”, e na minha cabeça eu tinha, se não der certo o futebol, eu vou trabalhar, e sei lá, vou fazer alguma coisa para tentar me manter aqui e de repente conseguir treinar, né. Achando que ia ser super fácil por ser cidade grande (risos).

[...] até que chegou na semana que as meninas voltariam e eu falei: “Caraca, ferrou, e agora o que eu vou fazer?!” Aí minha irmã me falou para ficar na casa dela, que na verdade nem era a casa dela, ela morava com a avó do meu cunhado.

Pesquisadora: Ah.

Giovana: Porque se fosse dela, com certeza eu ia ficar sem nenhum problema, mas como era um apartamento ainda, da avó do meu cunhado, eles ficaram meio assim, mas falaram: “Não, fica aqui, vamos ver o que a gente faz por um tempo.”, Falei: “Não. Beleza, né.” Aí eu fiquei, mas não durou isso, acho que não durou um mês. Eu fiz a pré-temporada só lá no Guarani, aí, eu acho que foi..., eu ainda passei o meu aniversário lá, meu aniversário é dia quatro de fevereiro, aí naquela mesma semana, acho que no dia sete de fevereiro eu recebi uma ligação de uma amiga minha que tinha ido fazer um teste em São Paulo, no São Caetano e ela tinha passado no teste e me falou que eles estavam precisando de meninas também da minha idade, nós éramos da mesma idade, né, para jogar sub17. Aí eu falei: “Nossa!”, né, é uma oportunidade, né.

Pesquisadora: É

Giovana: Só que era em São Paulo. Eu estava já perto, né. Estava do lado, mas falei: “Caraca, como que eu vou falar para minha mãe?”, né, mas já estava perto, estava do lado também, aí eu conversei com a minha mãe, minha mãe não quis, falou que não, mas eu falei que ia (risos). Ainda assim ela ia ter que me dar dinheiro, né, para pagar a passagem para ir até lá, mas eu fui, fiquei..., acho que uns dois, três dias lá, fazendo teste. Aí eles já me aceitaram no teste e pediram para eu voltar para morar. Aí lá eles davam auxílio moradia, auxílio alimentação, a gente ficava, apesar de né, era embaixo do ginásio o alojamento que a gente morava, embaixo da arquibancada do ginásio, mas ainda assim, tinha um lugar, né, menos mal, risos, eu não tinha que me preocupar com isso (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Este excerto mostra os percalços que Giovana percorre nesse processo de estabelecer em um novo contexto e esconde por trás sua atitude de enfrentamento, de coragem em se colocar em situações incertas, de acreditar no seu sonho, no desejo de se tornar uma atleta profissional, mesmo que ali, com seus quinze anos, não tivesse total consciência de todo o processo. Na prática social da andarilhagem, aprendem o enfrentamento de situações adversas; no convívio com diferentes partilham a vivência,

conversam, trocam olhares e olham do lugar do outro/a, acolhem e são acolhidas, se apoiam, partilham sonhos almeçados, lutam por derrubar barreiras e corrigir erros para tornar a sociedade menos injusta (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

Giovana andarilhava buscando chegar um dia a seleção brasileira:

Giovana: Então, como eu sempre tive dentro de mim que só dependia de mim a realização do meu sonho, eu sempre sonhei em jogar, sempre sonhei em chegar na seleção brasileira, esse era o meu principal objetivo. [...] Eu sabia que dependia de mim e falei: “Ah, não tem problema.”, novinha ainda, não ligava para nada, mas não sabia fazer um arroz, não sabia fazer um nada na vida, então eu chegando lá, era só nós, né, éramos todas menores, aí tinha toda uma questão de não poder ter menor de idade sem uma pessoa responsável na casa e tal; eles falaram que iam atrás, mas no final das contas não teve ninguém, a gente morou sozinha.

Pesquisadora: E era casa? Porque você falou que era embaixo do ginásio.

Giovana: Não. É, era embaixo do ginásio, tipo, a gente..., tinha até uma entradazinha, um portãozinho do lado que você entrava direto lá, mas era, era, dava acesso ao ginásio, se, de repente, quem estivesse no ginásio, saísse da quadra e desse a volta lá por trás, entrava na casa normalmente, que era só sair da quadra, descer e você entrava embaixo da arquibancada.

Pesquisadora: Ah, tá e tinha ventilação? Como que era?

Giovana: Não, era péssimo, péssimo, tipo, eram dois quartos, um banheiro e a sala junto com a cozinha; só tinha janela na sala que era a porta de entrada, só, mais nada.

Pesquisadora: Nossa. E quantas meninas ficavam?

Giovana: Nós chegamos a ficar lá em cinco meninas até.

Pesquisadora: Nossa, bastante.

Giovana: É.

Chegar a São Caetano significava chegar a um clube mais estruturado, Giovana receberia um auxílio moradia e auxílio alimentação, mas esse auxílio, na verdade, era ter um lugar para morar (embaixo da arquibancada) e ter algo para comer (elas tinham que cozinhar e ficavam desamparadas de um adulto). Às vezes, penso que muitas pessoas que estão com o futsal de mulheres até têm boa vontade de fazer as coisas acontecerem, mas não têm condições alguma e acabam normalizando o que não deveria existir, como as condições inadequadas de vida oferecida às atletas, em muitas situações, contudo, há o discurso de que se faz muito e se reclama de barriga cheia, pois aos poucos, algumas coisas vêm melhorando, mesmo que isso signifique, se quer, de longe, ser uma boa condição. Giovana em sua fala sobre o alojamento reconhece que as condições eram ruins, mas fala, pelo menos eu tinha um lugar, eu era novinha, indicando que não tinha experiência para achar que aquilo era ruim, mas os/as adultos/as que organizam a estrutura por trás têm, ou deveriam ter. É a introjeção do opressor ao oprimido, neste caso, do pensamento normatizado pelos

oprimidos socialmente de gratidão ao mínimo oferecido pelo opressor (C.O.²⁰) (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

A fala de Giovana, neste exceto, evidencia a contradição entre o sonho pautado pela meritocracia, narrativa exercida por aqueles/as que detêm o poder, opressores, que fazem uso da ideia de que o esforço individual leva ao mérito e exclui a responsabilidade social e política de garantir a equidade; e a realidade de se reconhecer como uma criança que mal sabia cozinhar, mas que provavelmente aprendeu ou se não aprendeu, de alguma forma conseguiu meios de subsistência, o que revela o potencial humanizador da existência humana, ou seja, a condição de possibilidade de humanização de todo e qualquer oprimido/a a partir do exercício da intersubjetividade que se estabelece no com-viver com o/a outro/a (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

Conforme, Freire (2021a) a manutenção da ordem social injusta é interessante para a classe de opressores, que faz uso da “racionalização” como mecanismos de defesa, em que reconhece a existência de um fato, geralmente do qual assume algum benefício à sua existência e permanência, mas distorce suas verdades, retirando a objetividade dos mesmos, assim, o fato passa a ser um mito criado em defesa da classe de opressores. No entanto, a “inserção crítica”, que só existe na dialeticidade objetividade-subjetividade fica impossibilitada, se não dificultada, pois:

[...] o opressor sabe muito bem que esta “inserção crítica” das massas oprimida, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário, é a permanência delas em seu estado de “imersão” em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situações-limite” que lhes parece intransponível (FREIRE, 2021a, p. 54)

Isso pode justificar a ideia de meritocracia apresentada na fala de Giovana, que, ainda em estado de imersão, apresenta uma postura de “aderência” ao opressor e não vislumbra um olhar crítico em torno da transformação da realidade que se apresenta, se não por seu próprio esforço, esforço este, que esconde em si situações de violência, desumanização, “ser menos”.

²⁰ C.O. significa “comentário da observadora” e indica apontamentos não expressos em palavras, mas que a observadora julga interessante tomar nota por poder contribuir com o entendimento de passagens registradas nas notas de campo.

Para Tereza a realidade de empréstimo se configura como espaço/tempo em que ela vive o trabalho e o contexto de origem representa um desafio, uma saudade que uma vez matada a faz recuperar as energias e seguir por mais um tempo na labuta:

Tereza: Mas é gostoso, as férias passam rápido assim, e minha avó fala que eu fico um mês em casa e já não aguento mais, porque a gente acostuma né, Aninha. Querendo ou não, a gente mora no trabalho e visita a casa, porque a gente fica muito tempo fora de casa, então você vai para casa, chega um tempo que você não aguenta mais ficar lá sem fazer nada, porque a nossa rotina aqui é acordar cedo, faz isso, faz aquilo, vai para o treino, então é corrido, aí você chega em casa e não tem nada para fazer. Dorme o dia inteiro, come o dia inteiro, não tem como (risos).

Pesquisadora: É (risos).

Tereza: A minha avó fala: “Nossa, já está ficando chata, pode achar uma bola para você chutar” (risos), então até eles já se acostumam com isso, e não tem como você ficar em casa mais que um mês, é impossível. A gente acostuma muito com a rotina, a gente fala: “ai, não aguento mais isso”, mas a gente sente falta, não tem como, foi a vida inteira nessa rotina, imagina desde os seis anos jogando, depois dos quatorze até agora... é uma rotina constante, não tem como você falar. Apesar que chega essa época, assim, a gente está cansada, psicologicamente, mentalmente, o corpo, tudo, mas é normal isso; em qualquer lugar que você vai nessa época do ano você vai estar cansada, você jogou o ano inteiro, uma temporada inteira. Seu psicológico, o seu corpo, ele está exausto. Aí você vai para casa e descansa duas semanas, três semanas e já quer voltar de novo, é normal isso (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

Os relatos das participantes mostram que viver a realidade de empréstimo passa por uma série de experiências em se estabelecer em um novo contexto, que para a maioria delas também representa ora estar em um lugar e ora em outro, migrando de tempo em tempo. Contudo, esse novo contexto exige delas aprender a lidar com os problemas reais da vida, às vezes, esse problema é a saudade de casa, que seria seu contexto de origem, outras, é simplesmente aprender a se virar, o que inclui uma diversidade de fatores e estratégias para permanecerem neste novo local.

Para Freire (2021b), é muito difícil conviver com todas as saudades diferentes – a da casa, a de uma certa esquina, a de amigos, a de uma escola –, mas conviver com a saudade é educá-la também. A educação da saudade passa pela superação de otimismo ingênuos e assunção crítica do contexto de empréstimo como espaço-tempo do qual dispõe aquele/a que vive esse contexto, em que se faz não só o possível para que a ele se afeiçoe como também o tome como objeto de reflexão crítica, muito mais do que se faz no contexto de origem.

A educação da saúde é um processo partilhado por todas as participantes desta pesquisa, que tão logo saem de casa e precisam aprender a lidar com a distância da família, com a saúde, enxergando o novo contexto, o de empréstimo, como um que se estabelece em um dado espaço tempo, com o qual elas se esforçam por se afeiçoar, amparadas por redes de apoio que vão se constituindo nas relações sociais, na intersubjetividade, nos encontros com o/a outro/a. Com o tempo, apesar da saudade de casa, passam a enxergar que permanecer naquele contexto de origem também significava manter-se inerte aos seus desejos e sonhos de profissionalização; sair era imperativo, e elas saem, se aventuram no desconhecido, aprendem a educar a saúde.

As histórias compartilhadas pelas participantes desta pesquisa são encharcadas de convivência, de encontro face a face que pressupõe acolhimento mútuo, disposição para o diálogo, escuta, tolerância e respeito (ARAÚJO-OLIVERA).

4.3 Desumanização para ser menos: “minha maior dificuldade mesmo, acho que foi quando eu passei fome”.²¹

A vocação ontológica do ser humano está na humanização, na busca pelo *ser mais*, passa pela crença no ser humano, pela mudança da realidade em busca de um mundo mais humano, amoroso, igualitário e justo; o processo de desumanização, por sua vez, vai em sentido contrário e é resultado de uma ordem injusta que gera a violência do opressor para com o oprimido e a oprimida (FREIRE, 2021a).

Nos discursos das participantes desta pesquisa, por diversas vezes, é possível identificar a ação violenta dos opressores, que se faz de diversas formas, seja por meio das más condições de alojamento e alimentação oferecidas às atletas, ou por meio de ações antidialógicas, que silenciavam as meninas, ou da prática da falsa generosidade, ou da introjeção da ideologia opressora que transfere para a oprimida a culpa de seu fracasso, ou mesmo que defende a meritocracia como justiça, entre outras.

Luana: Aí na época eles falaram que iam fazer minha cirurgia, né, no ano seguinte, tanto que foi marcado para o dia 03 de março, se eu não me engano. Isso foi em dezembro, e três de março estava marcado [...]. Aí, chegou uma semana antes da cirurgia aí eles falaram: “Oh, a gente não tem dinheiro para pagar sua cirurgia! A gente vai ter que adiar.” Aí

²¹ Fala de Tereza.

eu liguei para minha mãe chorando: “Mãe, como eu vou ficar esperando mais? Eu quero voltar a jogar, que não sei o que! Minha mãe, empresta esse dinheiro?”. Porque eu fiz na Argentina, né, porque é bem mais barato, só que era um médico muito bom, ele era médico da seleção argentina aposentado.

Pesquisadora: Ah, tá.

Luana: Toda cirurgia de LCA que tinha ali no Rio Grande do Sul ia com ele. Só que na época estava quatro mil, no Brasil, estava doze! [...]. Aí minha mãe falou assim: “Não. Se eles falarem que vão pagar eu empresto.” Aí eu falei com meu técnico, meu técnico falou com a minha mãe: “Não. A gente vai te pagar tudo certinho e tal.”; aí minha mãe mandou o dinheiro para eu fazer minha cirurgia e tal. Aí acho que passou um ou dois meses e eles pagaram a minha mãe. Aí com seis, oito meses eu não estava bem ainda, eu estava totalmente fora de condição de voltar a jogar. Aí eles falaram: “Ah, a gente queria que você voltasse para uma final, mas já que você não vai voltar, a gente já cumpriu o que a gente tinha que cumprir com você e a gente está te mandando embora” (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022).

O discurso do dirigente do clube em que Luana estava aponta para a prática da falsa generosidade, em que o opressor percebendo que a atleta não mais lhe seria útil a dispensa sob a justificativa de que cumprira com tudo o que havia sido acordado: a realização da cirurgia, que, no entanto, foi possível em virtude da colaboração da mãe de Luana, a qual pagou pelo procedimento e foi ressarcida depois, e o curto período de reabilitação, que de fato não a reabilitou totalmente por “n” motivos. No discurso do clube, Luana deveria ser grata, porque eles pagaram a cirurgia e ofereceram a reabilitação, a forma como foi cumprido e desempenhadas as atividades, pouco importam e se Luana não conseguiu se reabilitar no tempo e condições ofertadas pelo clube, o problema era dela, a culpa era dela.

Ao opressor interessa que o/a oprimido/a mantenha-se imerso nesta condição de ser, para que aderido ao opressor, acredite na ideologia por trás do discurso que coloca o opressor na condição de alguém que pratica a generosidade para com o/a outro/a oprimido/a. É necessário que o/a oprimido/a continue a existir para que ele possa continuar existindo também e praticando a sua falsa generosidade (FREIRE, 2021a).

No entanto, neste momento, esse discurso parece mais aprisionar o opressor, que a oprimida, ou seja, faz mais sentido para o opressor que para a oprimida, pois ao tratar do episódio de sua cirurgia, é possível identificar no tom de voz de Luana o sentimento de raiva e ao mesmo tempo de revolta, em um primeiro momento quando ocorre o adiamento do procedimento cirúrgico e logo depois quando é dispensada por não estar em condições de retorno ao esporte, completamente reabilitada. Luana até entende

que precisa de mais tempo para retornar ao esporte, mas não aceita culpar-se por esse suposto atraso.

Neste momento, vivencia a frustração e a ambivalência, mecanismos de defesa do ego, que conforme Kilomba (2019) fazem parte de um processo que leva a libertação, descolonização do eu, e conquista da autonomia e independência. Assim, Luana se frustra diante de todo o cenário injusto que a si lhe apresenta, sente-se decepcionada, iludida, por uma falta de oportunidades que lhe garanta a satisfação; em seguida vivencia a ambivalência, carregada de sentimentos e emoções contraditórias que a fazem sentir raiva e culpa com relação as pessoas a quem depositou sua confiança, nojo e esperança, confiança e desconfiança, solidariedade e vergonha, confiança e dúvida; essa etapa é uma preparação para a identificação, que leva a reflexão de com quem devemos nos identificar.

Após essa passagem, Luana volta para casa e logo vem a pandemia, sem muitas condições de concluir sua reabilitação, a atleta vai em busca de uma alternativa para isso:

Luana: Eu peguei minhas coisas e vim embora. Só que nisso, eu sabia que eu não teria condições alguma de voltar, porque minha cidade tem quatro mil habitantes. A cidade mais próxima que teria um fisioterapeuta desportivo bom é Araçatuba que dá cento e dez quilômetros. Como que eu iria para Araçatuba todo dia e voltar, pagando uma fisioterapia, pagando o combustível? Eu não tinha condições. [...]. Aí eu fazia funcional em casa; contratei uma pessoa para fazer o funcional. Não sentia muita dor, mas a diferença de musculatura era muito grande de uma perna para outra, eu tinha uma diferença de seis centímetros.

[...] Aí passou o ano inteiro da pandemia sem jogar, nem sabia o que era bola mais. Aí no outro ano continuou a pandemia, mas a técnica de Araçatuba me fez uma proposta, e eu falei: “Ah, eu preciso saber como está meu joelho, né.”, e ela falou: “A gente tem um médico aqui! Você vem que ele vai fazer os testes e tudo bem.”. Eu fui fiz os testes e ele falou: “Não. Seu ligamento está ok, você só precisa mesmo é fortalecer, mas isso você faz aqui. Não tem problema.”. Acabou que continuou a pandemia e não tiveram os jogos que teriam.

Pesquisadora: O meu Deus, entendi.

Luana: Aí foram dois anos. [...] Aí, dois mil e vinte um, ano passado, tem a Bruninha que joga na Ferroviária. [...], falou assim: “Ah, Luana, vou te indicar para o técnico de Araraquara.”. Só que, no entanto, eu estava bem para jogar; eu achava que eu estava bem, porque eu não tinha jogado nestes dois anos, mas eu achava que eu estava bem: fiz lá os testes, o médico falou que era só eu fortalecer [...]

Luana: Mas aí eu cheguei na Ferroviária e no primeiro treino eu levei um chute no pé e meu joelho meio que foi para o lado e eu já não conseguia mais andar. [...], fui para fisio, chegou lá e eles falaram: “Não, você não consegue voltar a jogar agora. Você tem diferença de

seis centímetros! Você tem que ganhar e ficar com diferença de no mínimo um centímetro e meio de uma perna para outra. E não aconteceu nada com seus ligamentos; está tudo ok, só que você não tem força, você tem que fazer esse tratamento, você tem que fazer um fortalecimento específico, só que você vai levar de seis a oito meses para você voltar a jogar”. [...]. Aí teve uma reunião eles falaram com o técnico, o técnico chegou em mim e falou assim: “Luana, eu não tenho o que fazer, eu preciso te dispensar, porque o que eu pago para você eu preciso pagar para trazer uma goleira. Eu te trouxe para ser a titular do meu time, eu preciso de uma titular para o meu time!”, aí nisso, por dentro eu desmoronei, por fora, não. Por fora eu mantive a pose de “Não. Tudo bem! Eu te entendo, você está certo.!” e realmente estava, né, porque eu cheguei lá nessa condição. Não foi algo que aconteceu lá. [...]; chegou no alojamento eu desmoronei, né e fiquei pensando “O que eu vou fazer agora?”, aí hoje eu tenho uma pessoa que me ajuda muito, que eu considero como meu tio, então eu tenho a minha mãe e o meu tio. Que ele não é o meu tio, mas eu tenho consideração de tio. [...]. Aí aconteceu que eu liguei para ele e para minha mãe e falei: “Mãe, eles vão me dispensar e eu nunca mais vou jogar bola, porque eu não vou ter como fazer uma fisioterapia.” E falei: “Vocês não me ajudam a ficar aqui?”, “Como assim, Luana?”, “Ah, eu preciso de dinheiro para sobreviver, para comprar as minhas coisas de higiene, uma roupa, uma coisa assim, comida tem aqui, tudo certo..., e eu vou falar com eles”. [...]. E daí no outro dia eu virei para ele: “Posso falar com você?”, [...]. Aí eu falei assim: “Rene, você não corta o meu salário para contratar outra goleira e deixa eu ficar morando aqui, comendo aqui e fazer meu tratamento aqui?”, “Luana, você está louca. Como você vai viver sem salário?”, “Não. Eu me viro. Eu só preciso que você autorize eu a ficar aqui e fazer meu tratamento aqui.”; aí, ele falou assim: “Por mim não tem problema nenhum! Onde mora oito, mora nove, onde come oito, come nove. Só que eu vou fazer uma reunião com os fisios e ver se eles aceitam fazer o tratamento, com o personal trainer, com o preparador físico...”, [...] todo mundo concordou. Aí ficou combinado assim: “Oh, todo mês você tem que mostrar uma evolução. Se chegar em um mês e você não mostrar evolução, a gente te manda para casa.”; aí eu falei: “Ok, sem problema nenhum.”. Todo dia, todo dia eu ia: treinar com personal na academia, forte, muito forte, eu treinava com uma carga muito elevada com poucas repetições, e fisioterapia, porque eu tinha muita dor. Minha perna ficava tão dolorida que tinha dia que eu não conseguia andar, mas aí chegou no final de outubro: “Pronto. Agora você está com a sua musculatura, ok.”; só que nisso, já tinham duas goleiras treinando o ano inteiro e eu ainda tinha que fazer uma adaptação em quadra (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022).

Luana encontra um novo clube para jogar por meio da indicação de uma colega de profissão, por assim dizer, uma outra atleta, que já a conhecia e faz a indicação. Esse episódio marca a existência de uma rede de apoio entre as mulheres que vivenciam a andarilhagem a fim de se consolidarem profissionalmente como atletas de futsal; na andarilhagem conhecem pessoas, dialogam, se re-conhecem com a outra e na outra, se re-fazem no processo de indagar e desvelar a realidade que nega a dignidade humana

(ARAÚJO-OLIVERA, 2014), se apoiam, se abraçam, abraçando as causas das outras porque se identificam e se enxergam como coletividade que luta por uma realidade menos injusta e melhor.

Seguindo com a reflexão em torno da desumanização que assola o processo de andarilhar, Luana se dispõe a ficar o ano todo sem receber para concluir sua reabilitação e voltar a jogar; novamente ela recorre a ajuda de sua mãe neste período em que trocou o que seria o seu trabalho pela recuperação. Todo o processo se assemelha a negociação de um objeto, como se o clube antigo a tivesse vendido com defeito e o novo clube não pagaria por isso, neste caso, quem “pagou o pato” foi a própria Luana que, dispensada sem a reabilitação concluída efetivamente, teve que vender seu esforço em troca do tratamento no novo clube. Luana acaba sofrendo as consequências da dispensa prematura do clube anterior por mais de dois anos; a violência que sofre no passado reverbera por muito tempo, fazendo com que ela própria procure uma alternativa para realizar seu tratamento.

Essas situações que acontecem no vai e vem que vivenciam para alcançarem a profissionalização, faz com que reflitam sobre o que estão vivenciando, é a própria ação-reflexão-ação que leva a práxis libertadora. As experiências que vem da andarilhagem a fazem, de certa forma, antecipar-se e buscar um diálogo que a possibilite uma negociação que lhe favoreça. Luana havia passado o longo período da pandemia afastada das quadras, e conta que em sua cidade de origem não havia bons profissionais que pudessem a ajudar na reabilitação, essa realidade ela já conhecia, então, quando recebe a notícia de que seria dispensada e o técnico fala: “Luana, eu não tenho o que fazer, eu preciso te dispensar [...]”, ela confessa: “aí nisso, por dentro eu desmoronei, por fora, não. Por fora eu mantive a pose de ‘Não. Tudo bem! Eu te entendo, você está certo!’”, ela se sustenta, esconde a sua dor, sua frustração, sua ambivalência de sentimentos e emoções, sua raiva por ter experimentado falta de oportunidades, por ter sido iludida, ou se iludido, e ganha tempo para negociar algo que é muito importante para si, sua reabilitação.

Esse episódio revela a ação imbuída de práxis, e nos conduz a pensar a práxis de libertação como um processo permanente, em que somos-sendo a todo momento:

Tanto para Dussel quanto para Freire, a libertação é um processo permanente, comunitário, popular, que surge da ação-reflexão-ação dos oprimidos[as], que se reconhecendo negados negam essa negação (a dominação). O[a] outro[a] (que é sempre uma corporalidade que sofre), ao se perguntar pelas causas desse sofrimento, se descobre oprimido[a], faz a crítica do sistema cujas estruturas geram opressão,

se percebe alteridade negada pela totalidade e assume intersubjetivamente – como comunidade anti-hegemônica – negar sua negação; isto é, fazem a crítica, questionam o modelo de racionalidade dominante e articulam comunitariamente a proposta de um projeto cultural mais democrático, menos injusto, que assuma e afirme sua diferença (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p.86-87).

Talvez não se possa afirmar que Luana tenha alcançado todo esse processo de libertação, no entanto, não é possível também, negar que suas ações se constituam de reflexão, que não esteja sendo práxis, pois sim, envolvem verdadeiramente ação-reflexão-ação.

Ao ser questionada a respeito de suas maiores dificuldades para jogar futsal, Tereza, por sua vez, responde:

Eu acho que, a minha maior dificuldade mesmo foi quando eu passei fome. Eu acho que isso daí é uma coisa que... eu acho assim, que para você tirar um atleta de casa, o clube tem que oferecer pelo menos o básico para o atleta. Então, a pessoa tirar você de sua casa e levar para um lugar, e ali você fazer todas as coisas e chegar em casa e você não ter o que comer, no alojamento, eu acho que isso aí não se faz. Então, minha maior dificuldade mesmo, acho que foi quando eu passei fome (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

Para o opressor, o oprimido, a oprimida, tem seu valor enquanto servem, porque para eles a concepção de existência é estritamente materialista, o dinheiro é a medida de todas as coisas e o lucro, seu objetivo principal (FREIRE, 2021a). Neste sentido, a oprimida passa a ser vista e tratada como coisa, objeto, e seu valor associado à sua produção, no caso, o rendimento de Tereza nos treinos, jogos e competições; passar fome, chegar no alojamento depois de um dia de trabalho e não ter o que comer é desumano e marcou a vida de Tereza, que enfrentou ainda diversos outros obstáculos em sua trajetória:

Pesquisadora: E a estrutura lá em Bebedouro era boa?

Tereza: Quando eu comecei, nos primeiros anos: sim. A estrutura lá, sempre foi uma coisa..., não tenho o que reclamar dessa parte. Mas com o passar do tempo, as coisas começaram a mudar muito, comecei a receber muitas responsabilidades para além de um atleta [...] eu era praticamente como uma supervisora do time.

Pesquisadora: Nossa.

Tereza: Então, eu tinha que fazer pagamento de atleta, eu tinha que fazer a compra da casa, fazer a lista do que precisava, eu tinha que cozinhar, por um ano eu fui cozinheira. Então, as vezes eu chegava para treinar e estava exausta (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

Esse excerto indica a exploração que aos poucos vai se instaurando na relação comissão e atletas, pois Tereza acaba assumindo responsabilidades que não são suas. Em um momento ela atribui isso ao fato de ser a capitã do grupo, no entanto, a função de capitã no futsal representa uma figura/personagem para fins esportivos competitivos em que em um dado momento do jogo o árbitro pode se direcionar a ela para tratar de ocorrências que porventura venham a acontecer. A extensão dessa responsabilidade para além do ambiente esportivo é exploração, que, contudo, aparece de modo velado, camuflado, como se fosse correto à capitã exercer e assumir mais responsabilidades que o grupo. A seguir, Tereza relata um pouco das condições de alojamento pelos quais passou, além da atribuição de responsabilidades extras associadas a figura de capitã:

Pesquisadora: E Tereza, você já passou por diversos lugares, rodou bastante, como eram os alojamentos por onde passou, por exemplo, aqui é uma casa, os outros lugares também eram casa, ou era apenas um quarto? [...]

Tereza: Sim, acho que só em Bebedouro mesmo que não era uma casa, nos três, quatro primeiros anos nós morávamos na FECIB, que é o ginásio municipal da cidade, e ali eles fizeram o alojamento, fizeram sala, cozinha, quartos individuais, tudo certinho. Aí a gente ficou ali, mais ou menos uns quatro ou cinco anos. Aí depois a gente mudou de alojamento, nosso alojamento era uma escolinha, uma escola de educação infantil, então, aí não era individual, o nosso quarto, por exemplo, era como se fosse uma sala de escola, era enorme, só que era tudo organizado, era tudo pintado, tinha tudo; só que a gente era em onze meninas em um quarto só.

Pesquisadora: E a questão de ser em sala de aula, geralmente é claro, quando a gente vai para Jogos e fica em escola, clareia cedo. Como era?

Tereza: Sim, exatamente, fica claro, no começo era assim, e a gente reclamou, falou que era muito ruim, porque tinha muita claridade, e realmente por ser janelas grandes, isso atrapalhava muito, a gente não descansava, e aí eles deram uma arrumada, colocaram cortinas, só que a gente era em onze em um quarto só!

Pesquisadora: Nossa, era muita gente.

Tereza: Era um pouco apertado, mesmo sabendo que tem algumas salas de aula que são grandes, outras são pequenas, e por ser em uma escola de educação infantil, era um pouco apertado, porque ficavam onze meninas em um quarto. Depois eles arrumaram outra sala e nos dividiram; com o passar do tempo algumas meninas foram embora, eles não renovaram, o time foi reduzindo, até que chegou um tempo que eram quatro pessoas em um quarto e duas no outro. [...]

Pesquisadora: Neste lugar, vocês cozinham? Ou tinha alguém? Porque era na escola, né.

Tereza: Tinha a cozinheira da prefeitura. A cozinheira ia. Só em 2021, no caso, no ano passado e em 2020 que foi quando eu virei a cozinheira, porque por conta da pandemia eles não quiseram contratar e aí eu acabei assumindo essa função, então, aí era o que me desgastava mais ainda.

Pesquisadora: E isso chegou para você aos poucos porque as meninas foram percebendo que você cozinhava, ou alguém chegou e pediu isso a você?

Tereza: Na verdade, eles me pediram. Eles pediram, mas o combinado seria que cada dia uma cozinhasse, e assim sucessivamente. Só que chegou um tempo que elas não queriam mais, elas falavam assim que quando umas cozinhavam todo mundo comia, e umas outras, as outras não comiam.

Pesquisadora: Tipo, você cozinhava bem, então você virou a cozinheira? (Risos)

Tereza: É, exatamente, e elas falavam para mim que o jeito que eu cozinhava era melhor que a própria cozinheira; então, eu acabei assumindo essa responsabilidade, até por dó, por sei lá, então acabei pegando isso, e como eu era a capitã, muita coisa sobrecarregava (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

A libertação da condição de oprimida passa pelo reconhecimento de sua condição de vítima de uma situação de injustiça, mas que não se faz na vítima que sofre e nada pode fazer, é preciso luta e engajamento na luta, para que então possa conquistar sua liberdade (FREIRE, 2021a). No entanto, o processo de educação pelo qual passamos, ainda vem encharcado dos interesses da classe opressora, e esses ensinamentos são passados de geração à geração, assim, é comum por vezes acreditarmos que se você deseja alguma coisa, precisa lutar por isso, precisa merecer, dessa forma, a meritocracia se estabelece como ideologia da classe dominante e não observa, ou considera outros fatores que envolvem a conquista de algo, como, por exemplo, as oportunidades desiguais que aos oprimidos/as e opressores são ofertadas. Aqui, a luta é individualizada, assim como o fracasso também o é; a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é depositada no ser individual, contudo:

É imperioso irmos além de sociedades cujas estruturas geram ideologia de acordo com a qual a responsabilidade pelos fracassos e insucessos que elas mesmas criam pertence aos *fracassados* enquanto indivíduos, e não as estruturas ou à maneira como funcionam essas sociedades. Se os garotos negros não aprendem bem o inglês a culpa é deles, de sua incompetência “genética” e não da discriminação a que são submetidos, de raça e de classe, e não do elitismo autoritário com que se pretende impor o “padrão culto”, elitismo, no fundo, irmão gêmeo do desrespeito total ao saber e falar populares (FREIRE, 2012b, p.216-217).

Neste sentido, a luta deveria se fazer pautada no respeito, na dialogicidade, no amor ao próximo; e não na submissão a violência dos opressores, na aceitação e normalização do sofrimento, na desumanização. Então, se a luta se faz na dialogicidade, logo ela não pode se concretizar na individualidade, é preciso considerar a dimensão

coletiva da luta e saber que: “a libertação dos oprimidos é libertação de homens [seres humanos] e não de “coisas”. Por isso, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, 2021a, p.74).

No excerto acima, podemos observar o comportamento do opressor que aos poucos vai atribuindo responsabilidades às atletas, como no caso de Tereza assumir a responsabilidade de cozinhar para o grupo pelo período de quase dois anos sob o pretexto da pandemia, que nos colocou em um contexto de condições excepcionais e extremas que se tornaram ainda mais perversa pela atuação criminosa do governo Bolsonaro²², diretamente responsável pelo excessivo número de mortes evitáveis no Brasil, mas não se justifica o período de quase dois anos sem a contratação de uma cozinheira.

Outro ponto que merece destaque é a quantidade de atletas vivendo no mesmo quarto, onze, número muito alto que reflete as condições inadequadas de moradia, por outro lado, a quantidade de atletas que permanecem até o final é um número muito menor, na medida em que apenas quatro delas resistem, enquanto a maioria acaba desistindo do sonho de se profissionalizar no futsal.

O trecho a seguir, traz algumas das situações enfrentadas por Giovana no que se refere a questão alimentar em alojamentos:

Pesquisadora: E para comer? Como era? Tinha o auxílio alimentação, que você falou, mas vocês almoçavam lá, ou era algum dinheiro e vocês iam em algum lugar comer?

Giovana: Não. Eles levavam para gente e a gente tinha que se virar, né. [...] eles tinham, não era patrocínio, mas eles tinham um projeto bem estruturado, sabe? E aí, todo final de treino eles davam para todas as meninas um quite lanche, sabe? Que vinha um pão com presunto e muçarela, um suco e uma fruta. E aí sempre tinha uma quantidade extra, além das meninas que treinavam, né, e aí o que sobrava, eles mandavam para gente. Aí a gente pegava e levava lá para baixo, então, a gente acabou meio que sobrevivendo de pão.

Pesquisadora: Nossa.

Giovana: Muito mais pão do que qualquer outra coisa, porque minha amiga fazia comida, não dava muito bem. Tudo bem, eu fui tentar fazer o macarrão, eu coloquei um pacote inteiro de macarrão para um quilo de carne moída e não saiu nada da panela depois (risos). [...], minha primeira experiência foi péssima, então, como a gente não lidava muito bem com essa questão, a gente acabava comendo pão. Comia pão mesmo, porque na hora da forme..., eles não pagavam nada, né?! Então, o dinheiro que a gente tinha era dinheiro que pai e mãe mandavam.

Pesquisadora: Ahan.

²² Jair Messias Bolsonaro, então presidente do Brasil, governo de extrema direita, que esteve no poder de 2018 à 2022, momento pelo qual enfrentamos a pandemia do Coronavírus. As medidas adotadas por esse governo no combate a Covid-19 foram cruéis e mais de 700 mil vidas brasileiras foram perdidas.

Giovana: E convenhamos que nunca era, né (pende a cabeça e eleva a sobrancelha em sinal de não ser muito dinheiro, ou de ser pouco – C.O.)
(NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022)

Parece que a maior preocupação do clube é ter uma equipe para competir, para entrar em quadra e bem representá-lo nas competições, mas o processo é muito maior e se permitem deixar as atletas se virarem, não há o exercício da alteridade. As meninas eram novas, não sabiam cozinhar, ficavam desacompanhadas de um/a responsável legal, e o clube fornecia os suprimentos e quite lanche, como se sua responsabilidade estivesse sendo cumprida; novamente a responsabilidade pelo fracasso ou insucesso é da oprimida, pois alimento tem e é ela quem não sabe cozinhar, então o problema não é do clube e sim das atletas.

Os trechos apresentados evidenciam a aderência das oprimidas aos opressores, ao passo que identificam e criticam tanto a falta de alimento quanto a de moradia de qualidade, contudo, não atribuem a alguém a responsabilidade por isso. A realidade se apresenta neste momento como fatalista, é algo que sempre foi assim e não há o que fazer, o clube não tem dinheiro e faz o que pode para ajudar as atletas. Apesar da crítica não há a conscientização da situação de opressão, pois as oprimidas encontram-se aderidas aos opressores.

Vivendo em situações adversas elas aprendem a se apoiar, se ajudam, se acolhem, cozinham umas para as outras, se encontram nas intersubjetividades, se escutam e são escutadas, se conhecem e se re-conhecem, se identificam e seguem se acolhendo, fortificando para lutar.

Para Dussel (2005), faz parte do processo que visualiza a transmodernidade, a auto valorização de nossa cultura, um longo período de resistência e acúmulo de forças, para por fim, cultivar o desenvolvimento da própria tradição cultural, utopia transmoderna. De forma semelhante podemos interpretar o processo vivenciado pelas atletas que resistem as adversidades de “*mãos dadas*”, que se apoiam no cotidiano e assim vão ao mesmo tempo se reconhecendo, se identificam, se valorizam, valorizam os seus esforços, e acumulando forças, na medida em que vão se percebendo coletividade, percebem que não mais estão sozinhas para lutar.

O excerto a seguir, extraído da roda de conversa (NOTA DE CAMPO 2, NOV, 2022), Natália que saiu de casa com 12 (doze) anos, compartilha com o grupo um pouco do processo que passou nessa ocasião e como era o primeiro alojamento que ficou:

Pesquisadora: E hoje, que nem, a regra para alojar é mínimo de 14 anos né? E tipo, você ficava em alojamento? Onde você ficava?

Natália: É, eu ficava. Era tipo essa quadra, e ali (apontando para os vestiários ao fundo) eles faziam de quarto.

As meninas riram, um pouco, alguém falou: Nossa Senhora (risos).

A estrutura do ginásio onde estamos é muito precária para se pensar em alojar qualquer pessoa, é pouco ventilado, é desprotegido, não tem espaço para nada, não tem como pensar uma moradia. Na verdade, é desumano pensar fazer deste espaço uma espécie de alojamento. (C.O.)

Natália: Minha mãe no dia do teste. O teste era no mesmo lugar onde a gente ficava. No dia do teste minha mãe foi junto. E aí eu encostei o pé na bola, o cara chamou minha mãe de canto, eu não tinha visto, e ele falou assim: oh, ela já passou (eu nem tinha jogado, nem nada). Ela já passou! Aí minha mãe perguntou: onde que ela vai ficar? Aí tinha uma..., não era uma supervisora, mas tinha uma moça lá que foi mostrar e tá..., aí minha mãe chegou, na volta da viagem minha mãe falou assim, oh: você não vai ficar lá, e não sei o que. Eu era pequenininha, comecei a chorar, o meu irmão falou assim que eu ia ficar doente se eu não fosse, e não sei o que... e eu fui. Peguei e fui (risos)

Todas riram.

Natália: e lá em São Paulo, né. E aí, uma vez a moça me levou até o caminho da escola e o resto fui tudo sozinha, e era maior caminhada. E me virava.

Natália também enfrenta a dificuldade de se alojar em lugar improvisado, o que reflete, além das más condições de moradia e alimentação ofertada às atletas que se dispõem a viver o esporte profissionalmente, a fragilidade que se encontra o cenário de desenvolvimento do futsal praticado por mulheres no Brasil, cheio de precariedades, improvisações e instabilidades, tanto que é comum o processo de migração ano a ano em busca de novos clubes, bem como o encerramento das atividades em alguns clubes:

Pesquisadora: E quanto tempo você ficou lá, Natália?

Natália: Eu fiquei um ano, um ano. Eu aguentei um ano, Aninha.

Pesquisadora: Nossa.

Natália: Porque eu ficava com medo de tipo... Chegou no meio do ano, e eles eram loucos, Aninha, eles eram loucos. O cara lá, a gente perdeu um jogo, e aí ele começou a xingar, absurdamente, ele começou a xingar, a ofender. Mas eu era muito nova, então eu não tinha noção se era aquilo mesmo ou se ah, porque todo mundo falava né, “é difícil, é difícil”, né. Eu não tinha noção se era aquilo mesmo ou se o cara estava abusando da gente.

Pesquisadora: Ahan.

Natália: E aí ele era muito louco, e a mulher dele também fazia parte do time e as vezes ela ia lá na casa fiscalizar a gente. E era muito doido. Eles eram, nossa, loucos, de xingar, falar porcarias, essas coisas.

Pesquisadora: Não respeitavam?

Natália: Não, não respeitavam. E aí eu aguentei, eh, teve um jogo que nós perdemos, e nós eramos novinhas, sub15! E aí eu comecei a chorar bastante, eu liguei para minha mãe e falei para ela que eu estava triste porque nós tínhamos perdido o jogo, né, mas na verdade era porque ele

estava xingando muito a gente. E aí neste momento eu até pensei em falar para minha mãe que eu queria ir embora, só que aí ficava martelando na minha cabeça: “se eu falar para ela que eu quero ir embora, aí ela nunca mais vai me deixar ir para nenhum outro time”, então eu aguentava muito, guardava muita coisa para mim, aguentava mesmo. E aí eu aguentei até o final do ano. Aí no final do ano, ele tinha perguntado se eu queria voltar e tal, e eu falei que ia. Só que aí eu voltei para cá e foi quando eu conheci Orlândia (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022).

A fala de Natália indica o quão penoso foi viver esse ano, “*eu aguentei até o final do ano*”, dadas as condições bastante inadequadas, conforme a participante, não se tratava de uma casa, com quartos, sala, banheiro e cozinha, era tudo improvisado. Natália ainda relata que havia falta de alimento e mesmo refeições diárias, não havia por exemplo, café da manhã e as meninas se revezavam no preparo das refeições, assumindo responsabilidades que não deveriam ser delas (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022).

Além disso, o medo de Natália de contar a sua mãe se assemelha ao medo da liberdade de que fala Freire (2021a), em que a oprimida, vivendo a dualidade de ser ela mesma e o opressor introjetado nela, teme a liberdade e se prende a realidade de violência e opressão a qual se acostumou a viver. Natália tinha medo de falar a verdade, porque, no fundo sabia, que nada mudaria, a não ser o fato de que sua mãe a levaria de volta para casa e não mais a deixaria sair para jogar futsal; transformar a realidade para algo melhor a partir de sua denúncia, no caso, mudar as condições oferecidas às atletas era algo que se quer imaginava ser possível naquele momento.

Por outro lado, é possível enxergar a formação da consciência crítica que vai se estabelecendo na prática da andarilhagem, já que Natália, ao rememorar suas experiências, revive os momentos, e os narra com olhares de alguém que hoje já é capaz de interpretar a realidade de outra forma, quando ela comenta, por exemplo: “Eu não tinha noção se era aquilo mesmo ou se o cara estava abusando da gente.”, ela expressa sua imaturidade, ou incapacidade de decifrar as violências que sofria no passado, mas que no presente, após anos de andarilhagem, de encontros entre subjetividades, de diálogo, ela enxerga com nitidez.

Outro ponto a ser destacado neste excerto diz respeito à ofensa verbal, ao xingamento que partia do técnico às atletas sinalizando para o ato de responsabilizar as oprimidas pelo fracasso, neste caso, pela perda do jogo. Em outros relatos a culpabilização das atletas pelo fracasso também aparecem: Giovana conta que quando saiu de São Caetano foi morar na periferia de Guarulhos em uma casa alugada pelo

técnico, desacompanhada de qualquer responsável; das cinco atletas, apenas ela e mais uma permaneceram, na ocasião, muitas vezes, faziam as refeições no projeto social em que o técnico trabalhava e passaram a jogar representando Taboão da Serra, no entanto, após uma temporada de resultados ruins, ela conta que o clube resolveu não mais continuar o trabalho com aquela categoria no ano seguinte (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Giovana, igualmente imersa na condição de oprimida que hospeda em si o opressor, não é capaz de vislumbrar os porquês da falta de investimentos e apoio, e convence-se de que de fato haviam feito uma péssima campanha em termos de resultados, sem se questionar ou refletir os motivos pelos quais esses resultados foram aquém dos esperados, assim sendo, aceita e toma para si enquanto coletividade de atletas a responsabilidade pela ruptura do trabalho e encerramento do projeto.

Luana, também, passa por algo parecido:

Pesquisadora: E aí quando acabou? Para onde você foi? O que você fez?

Luana: Nossa, na época, eu acho que eu fui para o Paraná.

Pesquisadora: Ahn.

Luana: Aí chegou no Paraná eu fui abrir uma janela que não abria, só que eu não sabia, aí eu forcei e estourei ela.

Pesquisadora: Han (assustada)

Luana: aí eu cortei dois dedos!

Pesquisadora: Nossa.

Luana: Aí a competição que eu ia jogar que era sub20, eu já ia perder, não ia conseguir jogar porque eu estava com uns...

Pesquisadora: Cortou fundo?

Luana: Acho que eram seis pontos, três em cada dedo.

Pesquisadora: Nossa. Meu Deus.

Luana: Aí eles me dispensaram.

Pesquisadora: E que janela você foi forçar? Era do quarto?

Luana: Não. Era uma sala que era um quarto. Aí eles me dispensaram porque eu não ia jogar (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022).

A responsabilidade pelos cortes nos dedos foi totalmente atribuída a Luana, que se lesionou abrindo uma janela, assim, não conseguiria desempenhar seu papel de goleira e foi dispensada; em momento algum se refletiu a respeito do motivo que a fez se machucar, abrir uma janela que estava emperrada para ventilar o quarto que morariam.

Neste episódio é possível observar a objetificação do sujeito pelo opressor, o qual acredita que a humanização é “coisa” herdada, ou um direito conquistado com seu esforço e coragem, e não um privilégio, dessa forma, a humanização dos oprimidos é subversão:

Se a humanização dos oprimidos[/as] é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E quanto mais controlam os oprimidos[as/], mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado. [...].

Os oprimidos[/as], como objetos, como quase “coisa”, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores (FREIRE, 2021a, p.64-65).

Na coisificação do sujeito impera a desumanização, o ser menos, Luana, assim como, possivelmente as demais colegas de trabalho à época, tinha a finalidade de atender aos anseios do clube, jogar futsal e bem representá-lo nas competições; a partir do momento em que ela, impossibilitada por uma lesão, não é capaz de cumprir com sua finalidade, passa a ser vista como inútil, é descartada, dispensada.

Em outros discursos também identificamos a ação opressora de responsabilizar as oprimidas pelo insucesso, contudo, conforme Freire (2021a):

É preciso assumirmos a radicalidade democrática para a qual não basta reconhecer-se, alegremente, que nesta ou naquela sociedade o homem e a mulher são de tal modo livres que têm o direito até de morrer de fome ou não ter escola para os seus filhos e filhas ou de não ter casa para morar. O direito, portanto, de morar na rua, o de não ter velhice amparada, o de simplesmente não ser (FREIRE, 2021b, p. 216).

Refletindo sobre os processos de desumanização que as participantes sofreram, desvelamos um caso de violência comum vivenciado por duas delas, que em outro momento da vida jogaram no mesmo clube, é o caso de Gisele e Natália:

Pesquisadora: Ah, então ficou um ano em Passos e foi para o Barateiro?

Natália: Aí o Barateiro, nossa! [...]. Nossa, Aninha, era outro mundo. A gente foi para lá e para começar a gente já foi de avião, né. Eles pagam a passagem e tudo. Nós fomos de avião e chegando lá tinha... A maioria dos times não tinha técnico, não tinha fisioterapeuta, não tinha médico, não tinha nada. Ai chegando lá, era, nossa, uma casona; a mulher foi nos buscar no aeroporto e na primeira apresentação do time, estava todo mundo lá, todo mundo numa sala, ninguém conhecia ninguém, e aí todo mundo é obrigado a falar. E aí você fala e tem a apresentação do médico, do fisioterapeuta, do técnico, de todo mundo, aí da dona do time, da mulher que cuida, da cozinheira.

Pesquisadora: Lá, vocês recebiam?

Natália: Lá a gente recebia.

Pesquisadora: E quantos anos você tinha?

Natália: Eu tinha quinze (15).

Pesquisadora: Quinze?!

Natália: É quinze anos. E lá não tinha sub15 também, era só sub17. Aí nós jogávamos o sub 17, eu, a Gi e mais duas meninas, Brendinha e Nara que foi pra lá. Só que lá, Aninha, era... o negócio era louco, também (risos), porque por nós recebermos, né, ter estrutura e tudo, aí em todas as competições, todas as vezes antes do jogo a gente tinha uma preleção que todo mundo era obrigado a falar... Aí você falava o que você espera, esperava do jogo, o que você ia fazer para o time ganhar. Ela tinha um monte de pergunta, sabe?! E aí ia todo mundo e respondia.

Pesquisadora: E, Natália, como era obrigado?

Natália: Como assim?

Pesquisadora: Como era obrigada a falar? Se chegava na sua vez e não falasse, como era? Já teve alguém que não falou? Como era?

Natália: Não, porque, ela era muito, nossa, uma mulher muito bruta, crespa, sei lá, e ela perguntava: “O que a Natália vai fazer hoje no jogo? O que eu posso esperar da Natália?”

Pesquisadora: Ah, tá.

Natália: Aí ela ficava fazendo todas essas perguntas e tinham mais perguntas, é que eu não estou lembrando agora, e depois do jogo, mesmo se ganhasse ou se perdesse, ela falava assim: “A Natália fez o que ela falou que ia fazer? Essas coisas assim, sabe?! (Risos). [...]. Era maior duro, Aninha. Aí teve uma vez..., [...], quando as meninas não jogavam bem e tal, ela chegava e falava: “Você está com o pé no avião, viu!? Se você não começar a jogar... você veio aqui para quê? Se você não começar a jogar, você vai embora!” (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022)

A viagem de avião, a estrutura encontrada no novo clube, a comissão técnica com diversos profissionais, contrasta com tudo o que Natália já havia visto e vivido, e é contrabalanceada com as cobranças exacerbadas que ali sofria. Neste trecho, novamente é possível observar o aspecto da desumanização em que o ser humano é coisificado, ou seja, tido como coisa, como objeto de posse do opressor, neste cenário as coisas, os objetos têm um valor material, expresso aqui em rendimento esportivo. O valor das atletas era quantificado a partir do desempenho delas nos jogos, no entanto, não parece haver uma delimitação do que é de fato ofício das atletas de forma a deixar nítido quais são as responsabilidades trabalhistas das atletas, então, elas passam a ser cobradas pelos resultados – o opressor prescreve as finalidades das oprimidas –, vencer passa a ser obrigação e não cumprir com a obrigação era indicativo de ameaça por parte do opressor. Gisele, compartilha dos mesmos sentimentos de pressão trazidos por Natália:

Pesquisadora: Gisele, e depois você foi para o Barateiro! Como era lá, que tipo de apoio você tinha? Como era o clube? A estrutura? As cobranças?

Gisele S.: Então, Aninha, lá, foi um time que teve a maior cobrança que eu já vi. Porque desde novinha...; porque a moça, lá, a dona do time, porque tem a dona, a coordenadora e o treinador. Então, a dona do time é quem faz a reunião, fala o que está achando de você no treino, no jogo

e fala do que precisa e do que não precisa. E ela não é o tipo de pessoa que fala com jeito. [...]. Ela fala do jeito dela. Eu tinha uma amiga que não estava indo muito bem e ela chegou para ela e falou assim: “Olha, você tem uma semana para melhorar; eu não te trouxe para ficar fazendo isso aqui não, se você não melhorar, você vai embora! Eu quero atleta aqui formada, eu não quero atleta para eu formar!”, então, ela era esse tipo de pessoa que cobrava, fazia reunião na sala com todo mundo, te cobrava na frente de todo mundo e você ainda tinha que falar.

Pesquisadora: Como?

Gisele S.: Então, assim, muitas meninas choravam, sabe?

Pesquisadora: Nossa, mas choravam depois, ou choravam na hora?

Gisele S.: Na hora. Tinha menina que chorava na hora, não aguentava, e ela...

Pesquisadora: Mas como que era? Por que tinha que falar? Como você tinha que falar?

Gisele S.: Ela. Era tipo assim, por exemplo, tinha um jogo, ela fazia reunião antes do jogo, falava: “Eu estou achando isso e isso dos treinos. E você, Gisele, o que você está achando? Qual a sua expectativa para o jogo?”, então, desde novinha eu comecei a ter essa experiência de aprender a falar (NOTA DE CAMPO 7, DEZ, 2022).

A “obrigação de falar” trazido tanto por Natália quanto por Gisele, aponta uma atitude coercitiva por parte da dona do time, pois as atletas eram pressionadas de tal forma que não se pode afirmar que ali buscava-se o diálogo, não, ao contrário, exercia-se a coerção, violência, por meio de uma prática antidialógica.

Em outro episódio é possível identificar o tratamento antidialógico com as atletas, de imposição, de vigia, sem qualquer espaço para o diálogo amoroso e respeitoso entre diferentes, por nós tão valorizado na prática da educação ou da práxis libertadora:

Pesquisadora: E tinha adulto na casa?

Gisele S.: Tinha. Essa coordenadora morava lá com a gente, aí tinha regra, horário..., se chegou atrasada, no final de semana só que podia sair porque a gente era de menor, né, então, tinha que estar em casa nove e meia, acho (21hs30) e tinha câmera na entrada, na cozinha e no quintal. Aí ela olhava na câmera no outro dia, se chegou um minuto, dois minutos atrasada, tinha multa no salário. Deixou uma louça, ela olhava na câmera, a louça está ali, multa no salário; deixou sujeira no quintal, ela olhava, viu quem foi? Multa no salário. Não tinha desculpa.

Ainda sobre o olhar a partir da coisificação, objetificação do ser humano, encontramos a história de Giovana, que sonhava em chegar à seleção brasileira, saiu de casa com seus quinze anos, passou por muitas dificuldades, sem muito apoio familiar para isso, conseguiu chegar à seleção e no que considerava o auge de sua carreira, acabou sendo dispensada do clube, sem uma justificativa que a fizesse sentido:

Giovana: Era, era o meu sonho, né. Sempre foi a referência, né, aqui no interior, a Ferroviária. [...]. Eu acho que eu não cheguei a treinar um mês, não deu nem isso, eles já tinham uma competição que era o campeonato brasileiro sub20 marcado para final de fevereiro, começo de março. Aí eu treinei só com a base nesse..., nessa primeira situação, né, porque eu fui para compor o elenco da base [...] do campo e ainda jogar o futsal pelo adulto, [...]. Treinava três vezes por dia. [...] estudava a noite [...]. Aí eu treinei, fiz essa primeira participação no campeonato brasileiro, [...]. E nessa primeira fase, foi lá no Centro Olímpico ainda, ele..., a comissão técnica do sub17 acompanhou; aí ao final dessa primeira fase ia sair uma convocação, eles estavam em período de preparação para o Sul Americano naquele ano, da categoria, né. Aí eles estavam observando algumas atletas e tal, né, daí foi onde eu ganhei a minha primeira convocação, né?!

Pesquisadora: No campo?

Giovana: [...]. Aí eu fui para Seleção, fiquei o período de convocação lá, quando eu voltei, eu já voltei subindo para o principal, eles já me puxaram automaticamente para o elenco principal da Ferroviária. [...]. Mas esse meu primeiro ano foi muito difícil lá, muito, muito, muito difícil; eu só treinava com o principal, né, eu não fazia parte do elenco que competia, nem nada do tipo, não; era só treinar mesmo, então foi um período de adaptação que eu, assim, ralei para caramba. [...]. Só que aí no segundo ano, como eu já fazia parte do elenco principal, eu deixei de fazer parte do futsal e eles me levaram para casa do campo, porque lá de fato era muito melhor, né, mil vezes melhor, a estrutura que eles davam era melhor, tanto que, até mesmo por conta das jogadoras, né. Tinha jogadora de seleção lá, na época. [...], nesse ano de dois mil e dezoito, dois mil e dezessete, eu jogando na equipe principal, não só treinando, começando a fazer parte do elenco que competia [...], consegui titularidade, fui crescendo, joguei o Campeonato Paulista, joguei o Campeonato Brasileiro, fiz parte do elenco que ia para Libertadores, fui cortada no final, não fui, mas estava dentro do elenco que ia para Libertadores, então tive um ano muito..., muito, assim, extraordinário, sabe?! Dentro das demandas que eles passavam para gente.

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: Vinha numa crescente muito boa, [...]. Aí, no final não, acho que no meio de dois mil e dezessete, eu super bem, super, mas muito bem, eu machuquei e perdi uma convocação para seleção sub20, [...], enfim, acredito também que não era para ser, acabei não dando a sorte, né, aí acabou passando e esse foi o meu último ano também no campo, como profissional, eles me mandaram embora no final do ano. Ah, ainda neste mesmo ano, eu jogava principal e jogava sub20, nós fomos campeãs paulista sub20, [...] invictas, fizemos uma campanha excelente e eles mandaram metade do time embora e eu fui uma das...

Pesquisadora: Nossa.

Giovana: Que eles simplesmente: “Olha, muito obrigado, você não é mais útil para gente!”, não foi assim, exatamente com essas palavras, mas foi como se fosse. [...]. Essa foi uma das maiores frustrações que eu tive na minha vida [...]. Assim que me mandaram embora eu fiquei, [...]. Sem chão, sem chão.

Pesquisadora: Giovana, e sobre a sua lesão, que lesão foi? Você acha que foi por isso? Que foi isso que influenciou?

Giovana: Aninha, não foi nem tipo lesão, de tipo lesão mesmo. Sabe o que aconteceu? Na época, eu sempre fui muito pobre, eles não pagavam

muita coisa e eu quase não tinha dinheiro para comprar uma chuteira boa, por exemplo, entendeu? [...] eu lembro que eu comprei uma [...] péssima, horrível, acho que eu paguei cem reais e não durou um mês e estourou tudo e eu não tinha condições de comprar, mesmo, sabe? E tinha uma menina que ela, ela tinha uma que estava grande no pé dela, mas que ainda o pé dela era menor que o meu, mas que ela não estava usando a chuteira, que eu fui por no pé e deu tipo assim, que os meus dedos ficavam, sabe? (fez gestos com as duas mãos em sinal de apertar uma mão na outra – C.O.) [...]. Apertadíssimo, mas que ela falou assim: “Se você quiser usar, pode usar.”, e era a minha única opção. Fui usar a chuteira, no que eu fui usar eu acho que eu usei uma ou duas semanas e aí me deu uma bolha, abriu uma cratera aqui atrás do meu pé, sabe?! [...] eu não lembro se era atrás, ou era do lado, só sei que essa bolha me deixou de cama. [...] quase duas semanas sem treinar e foi exatamente nessa semana a convocação.[...].

Pesquisadora: E como você lidou com isso, sabe? Com essa frustração depois, no final? O que você fez?

Giovana: Eu nunca havia sido dispensada, né, de um lugar, nunca havia sido assim, mandada embora, e tipo assim, falar tchau, obrigada e tal, ainda mais depois de recusar algumas propostas, então parecia que meu mundo tinha acabado, que eu era a pessoa mais inútil da vida, que tudo o que eu fiz não valeu de nada, [...]durante toda a temporada [...] me disseram que eu fui muito importante [...] ganhei a titularidade [...] exatamente quando eles ficaram sem atletas na posição, uma tinha machucado, outra não me recordo exatamente o que tinha acontecido, mas enfim, quando precisaram, eu estava ali, sabe?!”. [...] Terminei a temporada sendo campeã paulista com o elenco sub20, então, para mim foi, foi: “Como assim? O que que está acontecendo?”. É, fui embora para minha casa, voltei embora para casa; recebi algumas propostas para ir embora novamente, para jogar em outros clubes, né, mas eu não quis. Não quis, não sei te explicar o quão, nossa, assim, o quão amedrontador foi mesmo essa situação para mim, sabe?! Porque parece que eu sinto que depois dessa situação eu perdi..., eu perdi, de fato, uma parte de mim, sabe?! Eu quase entrei em depressão depois dessa situação, acabou que eu abandonei o futebol, né, e eu já tinha começado a faculdade, né, e se eu quisesse continuar jogando eu teria que abrir mão da faculdade [...]. Enfim, minha mãe pesou muito na minha cabeça nessa hora, né, foi..., hoje eu agradeço a ela, na época eu não entendi, né, eu não aceitei não, para mim não, tanto que eu quase entrei em depressão, fui me enfiando em um buraco onde eu quase não consegui sair mais, porque não aceitava o fim, não queria esse fim, mas aí ela ficou na minha cabeça e tal e aí, enfim, larguei o futebol e decidi seguir com a minha faculdade (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022)²³.

A trajetória descrita por Giovana mostra por um lado toda a dedicação dela como atleta em cumprir com suas obrigações de treinamento, “*ralando*” como ela bem diz, treinando três vezes ao dia, e estudando a noite, por outro, o investimento do clube nas atletas que segue uma espécie de hierarquia, já que haviam mais de um alojamento e

²³ Por considerar um trecho bastante significativo desta entrevista, o mesmo encontra-se na íntegra no Apêndice III desta pesquisa.

as atletas eram direcionadas para um ou para outro segundo seu nível de importância para o clube. Assim que chegou à Ferroviária, Giovana foi acolhida no alojamento das atletas adultas de futsal, por isso treinava com a sua categoria de base, com a equipe de futsal adulta e aos poucos com a categoria principal do campo; com a convocação para seleção brasileira veio também a promoção para categoria principal e no final do ano, a mudança de alojamento, onde segundo a atleta a “*estrutura era mil vezes melhor*”.

A prática da andarilhagem possibilita a Giovana viver a práxis libertadora, firmada na ação-reflexão-ação, que se dá de modo contínuo e permanente, pois o ser humano é inconcluso e está em constante processo de *ser sendo* (FREIRE, 2021a). Inicialmente, sua fala versa pelo vislumbre de viajar de avião, hospedar-se em hotéis chiques, jogar em bons gramados, ter alguns jogos televisionados. Contudo, sua alegria é substituída pela dor de ter sido dispensada após um terem tido “excelente”, e associa esse episódio a experiência de inutilidade: “parecia que meu mundo tinha acabado, que eu era a pessoa mais inútil da vida”.

Ao dialogar em torno do que viveu, Giovana, exerce a denúncia e o anúncio, reflexões que fazem parte da busca e processo de humanização:

No momento em que o *Outro*[/a] pronuncia sua palavra, ele se re-vela, se descobre, em um duplo movimento de construção: para si mesmo (iluminando sua consciência) e para /com outros[/as]. Ao dizer, anunciar-denunciar sua negação, comunicar sua percepção, sua dor, sua emoção, sua paixão, seu sonho, sua luta, restaura a dimensão da humanidade que lhe tinha sido arrebatada, vai além da violência imposta pela não escuta, pela interdição do corpo, palavra, pelo não diálogo; o sujeito se narra, se constrói nessa narração, se re-vela e ao se re-velar provoca e gera aproximação, encurta distância, gera comunhão (comunidade), constroem-se pontes; a palavra é o contrário (oposto) da violência, restaura a relação subjetividade-subjetividade, ela aproxima o que estava distante na distância da invisibilidade, fora da possibilidade de ser compreendido, entendido, descoberto (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 67).

Apesar da dor de reviver esse momento, Giovana, também vivencia alguns dos mecanismos de defesa do ego que levam a conquista da autonomia e independência: negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização (KILOMBA, 2019). Quando Giovana relata sentir-se frustrada ela reconhece que lhe faltou oportunidades necessárias para satisfação, sente-se insatisfeita porque percebe que não tem as mesmas oportunidades que outras pessoas: a bolha que estoura no seu pé e a impossibilita de treinar, por exemplo, é atribuída ao fato de, sem dinheiro para comprar uma chuteira

melhor, ela adquire uma que não dura nada e passa a usar uma emprestada de uma colega, que, fica apertada em seu pé, no entanto “[...] era a minha única opção. Fui usar a chuteira, no que eu fui usar eu acho que eu usei uma ou duas semanas e aí me deu uma bolha, abriu uma cratera aqui atrás do meu pé”; a condição financeira de Giovana não lhe garante oportunidades de adquirir uma chuteira melhor.

Em seguida, Giovana vivencia a ambivalência de sentimentos e emoções que acompanham a frustração, tristeza, raiva, confiança e desconfiança, entre outros. Para logo após experienciar a reflexão em torno da identificação, que orienta a pensar com quem devo me identificar, aqui, é possível inferir a desconfiança, ou melhor, a não confiança no opressor, representado pelo clube que averbou planos de continuidade de carreira com a atleta, assegurando que o trabalho continuaria por pelo menos mais dois anos, e em seguida a dispensou e ela fala: “[...] parecia que meu mundo tinha acabado, que eu era a pessoa mais inútil da vida, que tudo o que eu fiz não valeu de nada [...] durante toda a temporada [...] me disseram que eu fui muito importante [...] ganhei a titularidade [...] exatamente quando eles ficaram sem atletas na posição, uma tinha machucado, outra não me recordo exatamente o que tinha acontecido, mas enfim, quando precisaram, eu estava ali, sabe?!”. Sua fala expressa a necessidade de refletir em quem confiar, e para além de demonstrar esse “*quem*”, de modo implícito indica em quem Giovana não mais confiará.

A violência, o trauma, por assim dizer, vivido por Giovana, que em sua fala relata: “eu perdi, de fato, uma parte de mim, sabe?! Eu quase entrei em depressão [...]”, deixou marcas irreparáveis, fazendo, inclusive, com que ela abandonasse o futebol por um tempo, ao mesmo tempo, que despertasse nela o sentimento de incompreensão, a necessidade de reflexão em torno de sua experiência, tão importantes na práxis libertadora.

Para o clube as atletas são como matérias-primas, têm um valor mercadológico, são negociadas, ou descartadas segundo esse valor. Para o opressor que se sente no direito de possuir o outro, a oprimida é objeto de posse e tem valor enquanto lhe é útil, apenas.

Mas, para além de toda a dor e sofrimento que nascem desse processo de desumanização, é possível identificar processos educativos como o apoio, a alteridade, a superação, o enfrentamento. Pois nas diversas histórias compartilhadas, nos deparamos com situações de ajuda, apoio e cuidado entre as atletas, desde o simples ato de cozinhar umas para as outras, aos de ajudar no dia a dia compartilhando, como é o caso de Tereza,

seu kit de higiene com quem não tinha condições, praticando o exercício de se colocar no lugar da outra; aprendendo a superar os obstáculos, sejam eles oriundos de uma lesão, da falta de comida, das demandas de treinamentos, ou de más condições de moradia. A superação e o enfrentamento, por sua vez, transcendem quase toda a trajetória de todas as participantes, que constantemente são desafiadas a lidar com problemas reais que lhes são apresentados.

4.4 Cuidado mútuo e unidade na diversidade: “ah, eu não tinha medo porque tinha um monte de menina, né.”²⁴

Alguns excertos das notas de campo indicam o exercício da unidade na diversidade entre as jovens atletas, que em diversas situações se articulavam para juntas resolver os problemas reais que faziam parte da realidade delas naqueles momentos específicos, como podemos observar a seguir:

Pesquisadora: E como era a rotina? Porque você falou que treinava de manhã e à tarde e ia na escola a noite!

Luana: E a nossa escola era bem longe. Aí tinha tipo uns passes de ônibus. A gente ganhava dez passes, que era para ir cinco dias e voltar, só que a gente tinha um mês para ir [...] aí as vezes a gente tinha que sair uma hora antes para chegar na escola a tempo, ou então, a gente tinha que tomar banho lá no treino e ir direto do treino, porque até a gente voltar para casa, não dava tempo.

Pesquisadora: E aí, ia sem comer?

Luana: Ia sem comer. Aí o que a gente fazia? A gente pegava esses dez passes e vendia para comer alguma coisa na escola quando estava com muita fome. A gente preferia andar, porque a gente não tinha dinheiro, aí a gente vendia os passes por dois e cinquenta cada e comia (risos).

Pesquisadora: (Risos) É, já iam dando um jeito, né?

Luana: Risos. É, mas era difícil [...].

Pesquisadora: E, Luana, ainda sobre a venda dos passes para comprar as comidas, como vocês tiveram essa ideia, você se lembra? [...]

Luana: [...] sempre fica uns carinhas vendendo os passes porque os passes eram tipo umas moedinhas [...]. E eles ficavam vendendo, então a gente falava: “Ah, vamos vender também para gente comer!”, aí a gente vendia para comprar salgado, alguma coisa assim.

Pesquisadora: Ah, entendi.

Luana: Só que a gente vendia fácil.

Pesquisadora: Vendia?

Luana: É, mas só tinha dez! (risos)

Pesquisadora: Hahaha. É que era muito pouco. Hahaha.

Luana: Hahaha.

²⁴ Fala de Natália.

Pesquisadora: [...]. É, mas não é fácil, né, Luana?
 Luana: Não é. E depois tinha que andar, dava quase uma hora andando para chegar em casa.
 Pesquisadora: E a volta era a noite, né?
 Luana: É.
 Pesquisadora: Nunca aconteceu nada?
 Luana: Não, nunca aconteceu nada, mas a gente sempre andava em quatro, cinco, né. (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022)

Luana e as colegas de treino vendiam os passes para comprar salgados ou alguma coisa para comer e juntas iam e voltavam da escola: “a gente sempre andava em quatro, cinco, né.” (NOTA DE CAMPO4, DEZ, 2022). Essa foi a forma encontrada pelo grupo de resolver o seu problema, apesar das diferenças que certamente existiam entre elas, olhar para as semelhanças era o que fortalecia o grupo, afinal, eram todas adolescentes vivendo fora de casa, em um contexto de empréstimo, buscando se firmarem como atletas de futsal, todas dividiam o mesmo quarto, compartilhavam das mesmas dificuldades e angústias, seja em relação a alimentação ou ao deslocamento até a escola, que era bem distante do alojamento. Ao viver todas essas experiências, estabeleciam relações de confiança, se abriam a outra, dialogavam, se construía, refletiam, se cuidavam mutuamente, partilhando de um estar com a outra, de viver com a outra e fazer junto com a outra (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

O movimento, que a priori parte de individualidades que olham para suas semelhanças, tem a ver com o empoderamento individual, inicialmente, mas possivelmente coletivo no futuro, uma vez que:

O empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientes atuantes dentro do processo de empoderamento.
 É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e se desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas (BERTH, 2020, p.54)

Talvez, não se possa afirmar sobre a conscientização do conceito de unidade na diversidade pelo grupo, mas não há como negar que elas se percebiam mais fortes, se unidas e isso por si só já é muito significativo, porque se são capazes de se reconhecerem como semelhantes, tão logo se conhecerão como coletividade, pois:

[...] que a unidade na diversidade tem de ser a eficaz resposta dos interditados e das interditas, proibidos de ser, à velha regra dos poderosos: *dividir para reinar*. Sem unidade na diversidade não há com sequer as chamadas *minorias* lutarem [...] pelos direitos mais fundamentais, mais, se se pode dizer, mínimos, quanto mais superar as barreiras que as impedem de “ser si mesmas” ou “minorias para si”, umas *com* as outras e não umas *contra* as outras (FREIRE, 2021b, p. 208-209).

A união das atletas de futsal também é percebida no relato de Natália:

Natália: Então, eu cheguei lá, aí eu passei no teste, né, e minha mãe viu o alojamento, que era assim [...] um subsolo (no final da quadra, dentro do ginásio) e nesse subsolo era onde era o alojamento [...].

Pesquisadora: E assim, como aqui. Aqui é um ginásio e a gente tranca a entrada (uma única porta) com o cadeado. E lá, como era?

Natália: Lá era um portão.

Pesquisadora: Um portão?

Natália: É, era um portão. Era tipo, como se você entrasse em um beco... aí tinha um portão e depois era a quadra.

Pesquisadora: Ah, tá entendi. Como se fosse o Milton (Milton Olaio é o nome de um ginásio de esportes em São Carlos), por exemplo, só que o Milton é bem grande, mas tem um portão, para depois chegar na quadra (como se o ginásio fosse cercado e quando você adentra ao cercado você tem livre acesso a estrutura do ginásio).

Natália: Isso, isso. Só que era bem estreito o lugar.

Pesquisadora: Entendi. Você não tinha medo?

Natália: Ah, eu não tinha medo porque tinha um monte de menina, né. Mas, de noite, eu lembro até que quando a gente ouvia algum barulho de madrugada e juntava todo mundo. Teve uma vez que nós ouvimos um barulho, um barulho estranho de pau batendo na porta, sabe? Porque, olha só, a gente morava na quadra, e o nosso quarto não tinha banheiro, não era uma casa, né?! E aí a gente ia tomar banho no vestiário.

Pesquisadora: Em outro lugar?!

Natália: É, no vestiário. No banheiro da quadra, e aí, olha só, a quadra ficava o dia inteiro aberta, e aí para nós tomarmos banho? Eu lembro que nem fechava a porta do banheiro.

Pesquisadora: Nossa.

Natália: E aí você fechava a porta e colocava um pau até na parede assim (risos), e tomava banho.

Pesquisadora: Por que geralmente tinha alguém usando a quadra?

Natália: É, podia entrar qualquer um lá e usar o banheiro da quadra.

Pesquisadora: Nossa, era difícil hein?!

Natália: Era. (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022)

Natália relata a estrutura do alojamento em que moravam ela e mais algumas atletas na época, por volta de 2012, quando saiu de casa pela primeira vez. O episódio mostra novamente o processo educativo de se apoiarem mutuamente, diante de situações

que revelam a desumanização, como a de ouvir barulhos a noite enquanto dormiam sem segurança; o ginásio onde moravam era de livre acesso ao público e por isso não era seguro, já que não havia qualquer controle de acesso e as meninas eram menores de idade, não havia um/a responsável pelo grupo. Assim, quando surgia qualquer problema elas precisavam resolver, e a forma desempenhada pelo grupo foi no apoio umas às outras, na união, que significava mais força.

Não podemos deixar de denunciar a gravidade desse tipo de situação de precariedade à qual essas meninas eram expostas. As violações de direito são flagrantes, no que se refere à falta do mínimo de dignidade em relação à moradia, alimentação, segurança, higiene, educação etc. Em um simples exercício hipotético, poderíamos questionar gestores/as e equipes técnicas ligadas ao esporte sobre como avaliariam se suas filhas menores de idades estivessem vivendo nessas condições.

Ainda no que tange a estes processos de desumanização, o excerto da entrevista com Gisele mostra uma situação de assédio e abuso de poder exercida pelo irmão do treinador:

Pesquisadora: E acabou por que será, Gisele?

Gisele S.: O treinador ia ter filho, então, ele meio que quis dar uma afastada, e o irmão dele que cuidava das coisas, a gente não gostava muito dele, sabe?!

Pesquisadora: Ahn.

Gisele S.: Era meio, sei lá. Tinha dia que ele bebia e então fazia uns comentários desnecessários. Ele, acho que ele..., não sei se ele era afim de uma menina do time, então isso aí começou a confundir, e aí tinha dia que a gente ia sair só nós, e ele aparecia lá. Então começou a confundir tudo, e não sei se isso foi dando muito rolo e chegou em pessoas maiores lá e acabou o time. Aí foi onde todo mundo saiu, uma para cada lado. Aí depois disso eu fui para o Kindermann; depois do Kindermann, que eu já contei a história, daí eu fui para São José dos Campos. [...].

Pesquisadora: Gisele, quais as maiores dificuldades que você enfrentou para jogar futsal? [...].

Gisele S.: [...] acho que no começo foi o preconceito, um pouco, desse negócio de menino não pode jogar com menina, ou então, de menina não pode jogar bola. Essa questão de treinadores, igual a questão que eu passei em Balneário de achar que tem certo poder pela gente só por achar da gente ser mulher e ele homem, sabe?! Acho que isso aí as vezes tem, e acho que eles não medem; não media o jeito que conversava com a gente por ele ser homem e a gente ser mulher, eu acho que ele pensava dessa forma, não tem explicação. A questão da comida também eu sofri um pouco porque faltava, né.

[...] Pesquisadora: E quando você fala dessa relação de abuso pelo fato de ser homem e vocês mulheres, como você relatou essa história do cara que era irmão do treinador que teve um rolo, de ter ido atrás da menina. Era neste sentido de assédio, ou de cobrança?

Gisele S.: Sim. Era, ele gostava dela, sabe?! A gente sentia que tinha um sentimento, alguma coisa assim e aí a gente achava que ele passava um pouco dos limites, sabe?! Então isso mostrava que talvez ele abusasse um pouco do poder dele, né?!

Pesquisadora: Ah, entendi. E isso era só com ela?

Gisele S.: Sim, era com ela, porque eu acho que ele tinha, ele gostava dela, só que as vezes a forma como falava, olhava, sabe?! Tinha certos olhares e a gente sentia certo desconforto.

Pesquisadora: Sim, sim.

Gisele S.: Acho que era mais isso (NOTA DE CAMPO 7, DEZ, 2022).

A fala de Gisele reflete o posicionamento das colegas de equipe em solidariedade e apoio a uma delas que sofria com as investidas do irmão do treinador, ao relatar sobre o fato de combinarem entre elas de saírem juntas, o faz entonando a voz, querendo indicar, enfatizar que era para ir só elas, as atletas, sugerindo um ambiente seguro, no entanto, serem surpreendidas com a aparição do irmão do treinador era algo que incomodava todo o grupo. Esse incomodo coletivo, mostra preocupação e união do grupo a fim de se protegerem de situações desconfortáveis e inconvenientes.

Pode se dizer que o cuidado mútuo emerge como um processo educativo decorrente desse contexto, em que as mulheres atletas articulam estratégias de proteção, aqui retratada no sair juntas para proteger a amiga de um assédio ou abordagem amorosa indesejada e inapropriada, se dispondo a estar com a outra, vivendo com a outra, se solidarizando no encontro face a face que pressupõe afeto, mútua disponibilidade e liberdade de pessoas em irem ao encontro do/a outro/a, no reconhecimento do/a outro/a como outro/a e no respeito a sua exterioridade (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

A unidade na diversidade também pode ser observada na fala de Tereza, no trecho que segue:

[...] A minha competição, os meus adversários são apenas lá dentro das quatro linhas [...]. Como eu já passei por muitos times, e a gente sabe que tem lugares que não é todo mundo que tem a mesma coisa, que ganha a mesma coisa, então eu já joguei em time, quando eu estava em Bebedouro mesmo, eu ganhava uma coisa e tinha meninas que as vezes não ganhava praticamente nada, e a gente ainda tinha uma ajuda, assim de farmácia, então, às vezes, o quite de farmácia que eu pegava para mim, que era para ser meu, não era meu, porque eu dava para outra pessoa, porque eu sabia que ela não tinha condição de comprar. Então, acho nessa parte que a gente tem que ser um pouco coração também, não muito, porque as vezes também as pessoas abusam, né. Mas em questão de competitividade mesmo eu sou mais aqui dentro, fora eu sou zen (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

A atleta enxerga a competição com as adversárias apenas dentro de quadra e justifica ao fato de já ter experienciado muita coisa, ter passado por muitos times e certamente enfrentado muitas adversidades. Aqui, talvez, possamos ter um exemplo do exercício da objetivação do mundo, do distanciar-se dele, para então, enxergar o mundo diante de sua subjetividade, e posteriormente retorna-se a ele, consciente de que sendo ela atleta mulher, fora das quatro linhas deve comumente passar por desafios semelhantes aos de suas adversárias; aqui, Tereza olha para as suas semelhanças e despreza as diferenças, porque sabe que isso é mais valioso, porque juntas são mais fortes.

Natália, de forma semelhante, atribui a existência do futsal de mulheres à união e resistência das atletas mesmo diante de tantas adversidades:

Natália: Para mim o que pesou mais foi a questão familiar mesmo. De “não vou ligar para minha mãe se não ela vai me mandar embora” e de ter que passar por tudo isso sozinha. As vezes ficava com vontade de alguma coisa, não ter o que comer e não ter para onde correr. Mas assim, disso que você falou aí agora, eu acho que desde quando eu pratico futsal, eu nunca vi, hoje em dia você pode até ver, mas não vi ninguém fazendo mais pela modalidade do que as próprias atletas. Se a gente decidisse não passar por tudo isso sozinha, de guardar as coisas, isso nem ia existir. Porque é muito desvalorizado, tem muita coisa errada (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022)

Natália acredita que o futsal de mulheres existe porque atletas mulheres fazem muito pela modalidade, apesar de sua fala de dor, na qual a representação do “fazer muito” se associa à “guardar as coisas”, a “passar por tudo isso sozinha”, ela visualiza a coletividade de mulheres atletas agindo em comunhão, na luta por existir enquanto atletas de futsal; o termo “sozinha” faz mais referência à distância em que se encontram de familiares e mães, que de estarem literalmente sozinhas, pois na verdade, sempre estiveram juntas de suas “iguais”, outras mulheres atletas de futsal.

4.5 Formação da consciência crítica: “se você me perguntar de sonho, eu não consigo voltar pro futebol, porque eu já não vejo que ele vai me proporcionar muita coisa, além do prazer que eu sinto de viver isso”.²⁵

²⁵ Fala de Giovana.

As trajetórias de vida das participantes desta pesquisa indicam a prática social da andarilhagem, marcada pelo movimento constante de ora estar em um clube e ora em outro; nestas idas e vindas percorrem caminhos que as desafiam e aos poucos vão se despertando para a consciência crítica.

Distanciando-se de seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem [ser humano] se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente a sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir o seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra (FIORI, 2021, p.20).

Essa consciência de mundo e de si como bem descreve Fiori não surge no vazio, mas se constrói no reconhecimento do sujeito como ser histórico que se faz vivendo sua história, ao mesmo tempo que faz a história. Em algumas situações esse processo se dá a partir da dor que acompanha as experiências vividas:

Pesquisadora: Giovana e o seu sonho. Qual é seu maior sonho?

Giovana: Hoje?

Pesquisadora: Hoje.

Giovana: Ter estabilidade profissional. Acho que vai fugir um pouquinho [...], mas hoje eu já não tenho mais, não tenho mais... é..., eu não me vejo mais sendo atleta por muito tempo, sabe?

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: Eu não tenho mais comigo aquela coisa: “Nossa, eu quero porque, sei lá, eu quero chegar na seleção brasileira de futsal, ou eu quero..., não.” Já, não. Desde quando eu vim para cá, já na verdade. Assim, lá em dois mil e dezessete para dois mil e dezoito que eu perdi já isso, sabe?!

Pesquisadora: Entendi.

Giovana: Que tiraram de dentro de mim, essa questão. De lá para cá, eu tenho muita preocupação, eu sempre tive comigo isso de eu me formar, né?!

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: Tanto que um dos motivos para que eu viesse para cá, era isso, né. Buscando isso, conseguindo conciliar o futebol com a faculdade era, né, o meu maior sonho e terminar a faculdade era o meu sonho. Até agosto de dois mil e vinte e dois o meu maior sonho era terminar a minha faculdade, risos.

Pesquisadora: Ahan.

Giovana: E aí eu terminei, né?! Consegui ter esse respaldo de vocês e tal e aí foi um alívio muito grande. E agora eu não sei se eu falho nessa questão sabe? Mas de acordo com as demandas que eu venho tendo, das obrigações que eu venho tendo, eu só procuro mesmo me desenvolver

dentro da área na qual eu trabalho. Não foco mesmo nisso, né, claro que tem toda a área do futebol, porque eu ainda vivo isso, né?!

Pesquisadora: Sim.

Giovana: Mas se você me perguntar de sonho, eu não consigo voltar pro futebol, porque eu já não vejo que ele vai me proporcionar muita coisa, além do prazer que eu sinto de viver isso (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Giovana sofre com a dispensa do clube em que viveu o seu melhor momento profissional, sendo inclusive convocada para compor o elenco da categoria de base da seleção brasileira, a época. Lidar com o auge de sua carreira e o fracasso ao ser dispensada foi traumatizante para a atleta, no entanto, passar por tudo isso, fez com que ela desenvolvesse um olhar mais crítico diante dos fatos; a partir do momento em que ela se distancia da situação e olha de fora, enxerga todo o seu esforço, que se fez a duras penas ao longo de anos, bem como o seu descarte, a inutilidade da atleta dispensada, sem qualquer conversa que justificasse aquilo, que a desse condições de compreender as razões de ser. Giovana ao distanciar-se de sua realidade, ao objetivar seu mundo, toma a decisão de escolher outro rumo para sua vida, mesmo sendo, no momento da pesquisa, ainda uma atleta profissional, seus objetivos vertiam para a realização profissional a partir de sua formação em educação física. Neste ponto, Giovana visualiza a prática profissional do futsal como algo que contribui para realização do sonho de se formar, ela assume para si a sua vida ao passo que inverte os valores das coisas em busca dos seus interesses, não é mais o clube que oferece a bolsa de estudos e mais uma ajuda de custo em troca do profissionalismo da atleta, mas ela que oferece o seu trabalho profissional como atleta a fim da formação no ensino superior. Giovana passa a utilizar o futsal para conquistar seu objetivo, assume para si a sua vida, e não se permite mais ser utilizada pelo clube, por mais que seja uma troca, ela tem consciência disso e age com a consciência de quem sabe o que quer.

Pode-se dizer que ao vivenciar os mecanismos de defesa do ego, Giovana, alcança um estado de reparação, que leva a descolonização e conseqüente conquista da autonomia e independência, “isto é, internamente não se existe mais como a/o ‘Outra/o’, mas como o eu. Somos eu, somos *sujeito*, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade” (KILOMBA, 2019, p. 238).

Natália também vê seu sonho associado à conclusão da graduação:

Pesquisadora: Natália, e qual é o seu maior sonho?

Natália: Nossa, Aninha, eu acho que eu realizei agora, recentemente. Me formar. Acho que eu, era meu maior sonho porque eu sempre amei muito o futsal, amo. É a coisa que eu mais amo na vida, de fazer, e eu queria poder tirar alguma coisa de bom, não só coisas ruins, né, porque a gente sabe que é difícil, mas eu queria tirar algo de bom, que eu podia falar: não, aquilo lá eu desfrutei do futsal, que foi eu me formar agora. Acho que eu consegui realizar (NOTA DE CAMPO 5, DEZ, 2022).

Ao falar: “*eu queria tirar alguma coisa de bom, não só coisas ruins, né, porque a gente sabe que é difícil*”, Natália demonstra entender a dificuldade em viver profissionalmente do esporte, ela se distancia do momento vivido, e olha de fora, para retornar depois, com um olhar mais crítico, e vislumbra um futuro com maiores possibilidades com a formação educacional; como se ela tivesse desfrutado de muita coisa boa, mas que não possui valor material, por exemplo, mas sim afetivo, e para desfrutar disso ela também tivesse passado por situações ruins, contudo, a conquista de bens materiais, ela parece atribuir a um outro tipo de trabalho, até porque, desde que voltou a São Carlos, em 2018, Natália trabalha, estuda e é atleta de futsal.

Giovana, também, realiza o mesmo exercício de objetivação do seu mundo ao rememorar as dificuldades que enfrentou com relação à alimentação em um momento de sua vida:

E era basicamente almoço e janta; fruta era uma vez por semana que eles davam para gente e ainda olhe lá. Acho que foram raras as vezes que eu comi fruta quando eu morei na casa do futsal. Porque eu não sei como era o salário lá, eu sei que eu ganhava cem reais no primeiro ano, as outras meninas eu não sei, mas a alimentação era muito precária, muito precária, muito, muito, muito (faz sinal de negação com a cabeça – C.O.). Eles exigiam rendimento, mas não davam o suporte necessário, sabe? É, então para um time, né, e a estrutura que eles têm lá, deixam muito a desejar. Então a gente passou por muitas dificuldades nessa época lá, muita, muita, mesmo, mas a maioria das meninas eram novas, sabe? Então estava tudo naquela, era aquela sede, então a gente acaba aceitando tudo o que vem pela frente, porque a gente está lutando por aquilo que a gente quer, né, então [...]. A gente não quer voltar embora para casa, então a gente aceita aquilo que eles dão para gente; e era basicamente almoço e janta e era isso que a gente tinha, quando tinha, né (NOTA DE CAMPO 6, DEZ, 2022).

Para Giovana o clube deveria assumir a responsabilidade de oferecer condições muito melhores de alimentação, ainda mais, por se tratar de um clube consolidado no futebol de mulheres, mas atribui à idade das atletas e ao contexto que viviam, tentando realizar um sonho, o fato de continuarem ali. A compreensão deste contexto, no entanto, é possível pela prática do exercício de distanciar-se do momento

vivido, objetivando o seu mundo, olhando de fora, para depois retornar, na intersubjetividade consciente e enxergar com criticidade a realidade vivida.

Além disso, há que considerar que naquele momento, fazia um ano de andarilagem, e apesar de já haver experienciado muitas coisas, de ter conhecido pessoas, vivenciado a intersubjetividade presente no diálogo que aproxima, ainda era jovem e encontrava-se imersa na condição de oprimida que se encontra aderida ao opressor; há que considerar ainda que como seres humanos estamos e somos permanentemente ser sendo (FREIRE, 2021a), assim, ao continuar sua andarilagem, muitos outros encontros vieram, e tudo o que viveu foi importante para a construção da Giovana de agora:

A partir das experiências de vida, da construção de conhecimentos, compreensões, entendimentos sobre o modo de ser e viver, lutar e resistir que de si próprios – e de suas realidades – tecem mulheres e homens latino-americanos, delineiam-se os referenciais que direcionam o seu andar acomodado ou crítico. Esses referenciais vão também se refazendo e re-significando no processo de diálogo, comunicação e interação dos seres humanos entre si e no mundo (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p.69).

Na sequência apresentamos um excerto da entrevista com Luana que também expressa essa consciência crítica no que tange os seus projetos profissionais:

Pesquisadora: E, Luana, você está fazendo administração, né? Você não quis terminar educação física? (Luana faz sinal de negação com a cabeça). Tá, desistiu, mudou... E você está gostando de administração? Luana: É, porque eu gosto muito de cálculo e a educação física nunca foi muito a minha praia. Eu fazia mais porque era a bolsa que tinha lá na época quando eu comecei em Uruguaiana. Na verdade, eu queria engenharia civil, mas eu preferi começar com algo mais acessível caso eu pare de jogar para eu pagar, né, é óbvio, risos, que é a administração (NOTA DE CAMPO 4, DEZ, 2022).

A resposta de Luana aponta para uma consciência crítica que envolve muito do que já experienciou em sua trajetória até aqui, como por exemplo a migração de tempos em tempos, buscando se firmar profissionalmente como atleta de futsal. A escolha pelo curso de administração ao invés de engenharia civil, se dá porquê, consciente deste cenário de instabilidade, Luana avalia que engenharia civil é um curso mais caro, no qual ela teria poucas possibilidades de dar continuidade caso perdesse a bolsa de que dispõe e fosse dispensada. Embora essa consciência crítica expresse um processo educativo importante no sentido de orientar seu projeto de vida e profissional, não podemos nos

furtar também de analisar criticamente a condição desumanizante que impede que essas jovens atletas cumpram com sua vocação ontológica de *ser mais* que seria a realização plena podendo viver do seu trabalho com o futsal. A insegurança vital com a qual precisam conviver e se conscientizar para sobreviver com o mínimo de dignidade as impede muitas vezes de esperar inéditos viáveis no contexto da prática profissional do futsal.

4.6 Das situações-limite aos atos-limite: “Eu não vou no jogo hoje, eu não quero mais ficar aqui; muito obrigada pelo mínimo que você fez”.²⁶

Em diversos momentos de suas vidas, as participantes desta pesquisa se deparam com situações-limite, as quais funcionam como barreiras, que devem ser compreendidas como possíveis de serem superadas, e não como limitantes (FREIRE, 2021a). Contudo, em muitas ocasiões, na condição de oprimidas, imersas na condição de opressão, aderidas ao opressor, as enxergam como limitantes, como se nada pudesse ser feito para mudar tal realidade, tomada como fatalista.

Superar as situações-limite passa necessariamente pelo processo de conscientizar-se de sua condição de oprimida, de enxergar-se como vítima e agir, lutar pela mudança desta realidade; neste percurso, a oprimida objetiva o seu mundo, distanciando-se dele, buscando olhar de fora para enxergar com nitidez o que se vive, e depois retorna para o seu mundo, com reflexões que vão orientar novas ações ou atos-limite, em uma práxis que leva a libertação, possibilitando vislumbrar o inédito viável.

Nesta pesquisa, algumas participantes conseguiram superar suas situações-limite em determinados momentos de sua vida, outras, talvez ainda estejam no processo, desenvolvendo suas consciências críticas e talvez armazenando forças para então, de fato superar essas situações ou, no limite, reconhecendo-se na condição de oprimidas com poucas condições de superar essa condição, abrirem mão de seus sonhos e buscarem alternativas outras que rompam ao menos parcialmente com o ciclo de opressões vividas no futebol, reconvertendo seus projetos para outros campos profissionais, como evidenciado nos relatos dos episódios anteriores.

²⁶ Fala de Gisele.

A passagem a seguir, extraída de parte da entrevista com Tereza (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022), traz um episódio de superação de situações-limite, vivenciado pela atleta:

Tereza: Mas isso eu já tinha uns vinte, vinte e um anos, mais ou menos. Mesmo eu tendo o suporte todo da minha família, acho que isso é uma coisa que... que me desanimou muito, me deixou bem para baixo, me desanimou. As vezes eu sentia vontade de falar assim: “Não, não quero isso para mim.”, você sente um pouco de medo de ir para outros lugares e as vezes acontecer a mesma coisa, mas de tudo mesmo, de tudo, eu acho que a fome é o que mais me baqueou. Mas eu só saí da onde eu estava, voltei para o clube anterior, porque era como se fosse um empréstimo, né, e aí eu falei que eu não queria ficar mais ali, que aquilo não era para mim. Então, mesmo que era um time de camisa grande, que tinha suporte, mas não valeria a pena.

Pesquisadora: E por quanto tempo você ficou lá?

Tereza: Seis meses.

Tereza: Eles não queriam que eu fosse embora, eles falavam que iriam mudar, que estavam passando por um momento, mas as pessoas que estavam ali já vinham dizendo que aquilo era uma coisa que já vinha de longo prazo. Então, às vezes, eles levavam alguma coisa e deixavam a desejar outras, e aí eu realmente não quis e eles falaram “então, se você não quer, tudo bem.”, mas eles fizeram de todo o custo para eu ficar e eu não quis ficar, porque para mim não estava sendo agradável, porque eu não conseguia desenvolver aquilo que eu tinha que desenvolver, eu não conseguia dar aquilo que eles estavam querendo mais, porque eu não estava conseguindo, fora de quadra, aquilo estava me afetando, porque você não ter uma comida saudável, você não comer direito, ou, as vezes, você nem ter o que comer, não tem como um atleta render. Então, eu falei: “não, não quero, não quero e não quero!”

Ao rememorar a situação de ter passado fome, Tereza se mostrou revoltada, sua fala era com muita entonação ao relatar que não conseguia render o que eles queriam, pois não tinha comida, não comia direito. Tereza é uma atleta super disciplinada, com relação a alimentação ela gosta de arroz, feijão; não come pizza, não come lanches, não toma refrigerante. [...] (C.O.) (NOTA DE CAMPO 3, NOV, 2022).

Neste trecho, Tereza expõe toda a fragilidade que sofreu por conta da falta de alimentação e sua revolta, bem como sua atitude em falar: “*não, não quero, não quero e não quero!*” e vir embora antes de concluir o contrato, já que ela havia sido emprestada pelo período de um ano e ficou quase seis meses, mostra que “deu um basta” na situação, que não se faz em uma simples desistência, mas no reconhecimento consciente de que ela estava entregando o que havia prometido e o clube não, muito embora, se mostrasse descontente e insatisfeita com seu rendimento, Tereza, sabia que isso era fruto da falta de alimentação que deveria ser de responsabilidade do clube. Outro ponto a destacar neste

episódio diz respeito à fala: “*Eles não queriam que eu fosse embora, eles falavam que iriam mudar, que estavam passando por um momento... [...] eles fizeram de todo o custo para eu ficar e eu não quis ficar*”, que indica que o clube ainda tentou negociar com Tereza, a qual não aceitou, porque dialogando com outras pessoas já sabia que essa era uma fala mentirosa, de um opressor que tenta ludibriar o/ oprimido/, buscando mantê-lo/a preso/a a ele, enquanto o/a suga ao máximo possível. A tomada de consciência crítica de Tereza faz com que ela transforme aquela situação-limite, que o clube tentava apresentar como fatalista e ao mesmo tempo transitória, em um percebido destacado que a provoca no sentido de decidir pelo ato-limite de se desligar do clube, rompendo com o ciclo de opressão.

Vale destacar, também nessa passagem, a importância do diálogo que se estabelece entre Tereza e os/as outros/as: “*eles falavam que iriam mudar, que estavam passando por um momento, mas as pessoas que estavam ali já vinham dizendo que aquilo era uma coisa que já vinha de longo prazo*”, e a leva para um campo de reflexão a respeito de quem confiar, em quem acreditar, gerando identificação, um passo importante na conquista da autonomia e independência (KILOMBA, 2019).

Com Gisele também aconteceu um episódio que revela o rompimento de um ciclo de opressão por meio do reconhecimento da situação-limite que foi tensionada por um ato-limite:

Gisele S.: [...]. Eu fui para São José dos Campos agora, porque eu decidi que eu não queria mais ficar lá em Santa Catarina, estava muito longe da minha casa, a minha avó ficou doente, então. Aí eu decidi ir para um lugar que era mais perto de casa, sabe?!

Pesquisadora: Em São José era futsal?

Gisele S.: Futsal, aí eu voltei para o futsal.

Pesquisadora: E aí como era lá? Como foi?

Gisele S.: Nossa, lá... foi um ano que eu mudei muito. Eu cheguei lá eu perdi dez quilos. Eu estava assim..., nossa, meu ano, fisicamente, fui muito bem fisicamente, e eu estava jogando muito, treinando muito, muito bem. Não sei se foi porque eu vim do Kindermann e eu vinha com uma motivação a mais, sabe? Depois de tudo o que eu passei. Só que o treinador lá, não dava. O treinador lá tinha a panela dele e era a panela dele que jogava. Nossa, eu briguei... [...]. Então, assim, a gente chegava lá, a gente jogava bem, jogava bem, e ele não dava oportunidade, não dava oportunidade. Aí chegou um jogo que ele me deu oportunidade, aí eu entrei, fiz gol; no outro jogo ele me deu oportunidade, eu entrei, fiz gol; aí começou a vim os outros jogos e ele não me colocar, foi onde eu fiquei muito brava. Aí eu cheguei para ele e chamei a Re, a Re era muito minha amiga e falei: “Eu não estou aguentando, eu vou ter que falar com ele, porque eu não acho certo isso. Isso é muito errado, se eu não estivesse treinando bem e não jogando

bem.”, eu perguntava isso para ela: “Se eu não tiver, você pode me falar, se eu tiver errada.”, aí ela me ajudava, sabe? A falar, ela me ajudava bastante, assim: “Não, pode mandar. Você está certa.”, aí eu cheguei e mandei mensagem para ele, falei assim: “Olha, não acho certo o que você está fazendo! Eu me dedico, eu treino, estou correndo igual uma louca naqueles testes de velocidade (eu sempre estava na frente), então, não adianta a gente se esforçar se você não dá oportunidade. Isso é errado.”. Tinha um jogo no dia, eu falei: “Eu não vou no jogo hoje, eu não quero mais ficar aqui; muito obrigada pelo mínimo que você fez.”, desse jeito, Aninha, desse jeito. [...]. “E eu tenho a minha faculdade aqui (porque eu tinha a faculdade), e eu vou terminar a minha faculdade aqui até o final do ano e depois eu vou embora. Você nem é capaz de tirar essa bolsa de mim, porque é o mínimo que você faz, o que você fez está errado, eu não concordo, espero que você não faça com mais nenhuma menina aqui, porque ninguém merece passar por isso.”, nossa, eu descasquei ele, e ele pegou e falou assim para mim: “Vamos conversar, estou te esperando no jogo.”; não fui no jogo, eu não fui no jogo. Aí foi onde eu arrumei as minhas coisas e falei com o meu tio, que mora lá. [...]. Eu falei: “Olha, Gu (eu chamo ele de Gu), aconteceu isso, isso, e isso, eu não quero mais ficar aqui, eu vou ficar aí se eu puder (me convidou para ficar na casa dele) até eu acabar o ano na faculdade.”, porque nem na casa atleta eu queria ficar.

Pesquisadora: E isso era em que época do ano?

Gisele S.: Isso era na metade do ano, metade do ano.

Pesquisadora: Ah, tá.

Gisele S.: Aí eu peguei e falei isso tudo para ele e ele falou: “Não. Vamos conversar, eu preciso conversar com você, não é assim.”; “É assim sim, você já teve oportunidades de me colocar em jogo, vai sempre ser essa panela sua que vai jogar? Isso é errado. Então, vocês não deviam contratar mais atletas...”, nossa, falei um monte.

Pesquisadora: E ele falou o que?

Gisele S.: Ele ficava quieto e queria conversar comigo pessoalmente, eu falei: “Não quero, para mim chega.”, não deu, eu estava no meu limite. Aí eu falei: “E eu vou fazer a faculdade até o final do ano e você nem é doido de fazer alguma coisa e tirar essa bolsa de mim.”, aí eu bati de frente com ele, ele não fez nada, ele mandava mensagem e eu não respondia, eu peguei as minhas coisas e fui para casa do meu tio, arrumei as malas e fui para casa do meu tio. Foi um sofrimento. Por que? A nossa faculdade era em Pindamonhangaba, do lado de São José, e o que eu tinha que fazer? Eu tinha que ir de Blablacar para a faculdade. (NOTA DE CAMPO 7, DEZ, 2022).

A atitude de enfrentamento diante de uma situação injusta, mostra que Gisele saiu do imobilismo e agiu para mudar a sua realidade; o processo que percorreu indica o reconhecimento da situação de injustiça, que veio acompanhado de um investigar se de fato ela estava sendo coerente, quando Gisele chega para a amiga e pergunta se ela está errada, ela busca se certificar da realidade que está enxergando, buscar validar a sua verdade com quem divide quadra com ela, com quem se identifica, confia e está ao lado.

Na sequência ela parte para a conversa com o técnico, que, na verdade, vem carregada de seus sentimentos de injustiça. Nesse momento, Gisele faz frente a essa

situação-limite adotando uma série de atos-limite, se fecha para o diálogo, pois tem uma certeza e afronta o seu técnico, apresentando suas convicções. Além disso, exige a permanência como bolsista na faculdade; o técnico, contudo, manda mensagem tentando de alguma forma dialogar, se justificar, ou contornar a situação, mas Gisele é irreduzível e vai embora, termina o ano morando na casa de seu tio e viajando de caronas de aluguel para a cidade vizinha onde cursava graduação. Gisele negou para si a realidade que vivia, não aceitou as condições que ela considerava injustas, onde apenas algumas atletas jogavam e outras não, posicionou-se, pediu para que não mais praticasse injustiça com ninguém, se mudou, continuou a faculdade e no ano seguinte foi para outro clube, superando essa situação-limite.

Ao vencer essa situação limite, Gisele se liberta, torna-se sujeito para si, passa a ser dona de sua história, ser quem narra e quem é autora, assumindo a autoridade de sua própria realidade (KILOMBA, 2019).

4 ESPERANÇANDO “*SER MAIS*”

A pesquisa que se aproxima do fim está longe de encerrar-se, é na verdade uma semente que se planta, espera-se em solo fértil, e que possa germinar muitos outros estudos, olhares e pesquisas. Acreditamos conforme Dussel (2005), que a modernidade tal como é, que valoriza os bens materiais, que trata o ser humano como objeto, o qual tem sua força aplicada ao sistema capitalista neoliberal de produção, não deve se sustentar por muito tempo, pois vai contra a vocação ontológica do ser ao passo que é desumana e promove o *ser menos* ao invés do *ser mais*.

É tempo de mudar, é tempo de esperar, é tempo de dialogar, de construir valores que partam das exterioridades, da interculturalidade, da valorização dos/as excluídos/as, das oprimidas e oprimidos. A transmodernidade se faz também com pesquisas como esta, que parte do olhar daquelas que estão à margem e lutam com todas as suas forças por suas existências enquanto atletas de futsal.

Os processos educativos que emergem de toda a andarilhagem são diversos e as ensinam a “*ser mais*”: ao saírem de casa tão jovens aprendem a se virar sozinhas e a educar a saudade negociando entre o contexto de origem e os contextos de empréstimos, ou seja, a desenvolver a autonomia e independência, muito embora a dependência financeira frequentemente ainda exista por um bom tempo, neste “se virar” incluem o diálogo entre diferentes, o respeito, a tolerância, a partilha com as outras, a solidariedade, o cuidado, o acolhimento, a identidade, o amor. Nas dificuldades diversas, aprendem também a enfrentar, superam, resistem e desenvolvem a resiliência; no apoio se unem e descobrem a força na união, se enxergam como iguais e desconsideram diferenças.

A realização dessa pesquisa possibilitou a análise de episódios que contemplam a denúncia de processos desumanizantes vivenciados pelas mulheres atletas de futsal, passando por questões de moradia inadequada, falta de alimentação, relações de poder pautadas na antidualoogicidade; episódios que sinalizam para unidade na diversidade e contemplam a presença do cuidado mútuo que se desenvolve no andarilhar diante da experiência de tensões, inseguranças, sinalizando pela decisão da união das mulheres atletas em que se escutam, dialogam, enfrentam barreiras e obstáculos que lhes vão surgindo no caminho; passagens que apontam para o desenvolvimento da consciência crítica, da práxis libertadora de quem vive constantemente o estar-sendo, que em determinadas situações parecem enxergar com clareza a opressão que sofrem, mas em

outras ainda encontram-se aderidas ao opressor; episódios que apresentam a superação de atos-limites, ultrapassando situações-limite a partir da atitude de ruptura com situações opressoras, em que deixam de ser reféns e conquistam a liberdade de serem seres para si.

Esses processos educativos se associam à prática social da andarilhagem de mulheres que buscam consolidar carreiras profissionais com o futsal; as participantes, vindas cada uma de um canto, têm em comum a experiência de andarilhar em busca da realização profissional como atletas, todas passaram por diversos clubes, estiveram ora aqui, ora ali, sempre jogando futsal ou futebol, procurando alcançar “um lugar ao sol”. É deste contexto que emergem os diversos processos educativos apresentados, processos estes, que levarão consigo por onde forem, porque fazem parte de si, vão se constituindo de tal forma que aos poucos elas vão se aproximando da práxis libertadora, muito embora essa aproximação seja marcada por tensões, processos desumanizantes, como os diversos apresentados nesta pesquisa, mas que de alguma forma, contribuirão para a superação de situações-limite e da consciência ingênua, sem perder de vista que mesmo resistindo continuam sendo vitimadas por diferentes formas de opressão.

Realizar essa pesquisa é parte de um sonho que se quer motor da história (FREIRE, 2021b), que venha descortinar a realidade que envolve a andarilhagem de mulheres atletas de futsal no Brasil, que jogue luz às vivências apresentadas com tanta veracidade e amor pelas participantes nesta empreitada, para que possamos refletir sobre as formas de violência que percorrem as trajetórias de vidas de meninas e mulheres que sonham em se profissionalizar no futsal.

Que possamos refletir a respeito do futsal de mulheres que queremos: mais humano, mais justo, mais valorizado e respeitado. Que possamos nos conscientizar de que outros futebolis são possíveis e o mais importante é que eles permitam as pessoas “serem mais”, que possamos aprender que não há como estar em paz se a humanidade está sofrendo, não há como olhar para todo o percurso experienciado por mulheres que desejam tornar-se atletas profissionais de futsal e futebol, identificar inúmeras violências e normalizar isso. Não há como aceitar que as diferenças de gênero existam e façam parte da sociedade porque ainda somos educadas e educados às sombras do patriarcado; é preciso mudar, é preciso caminhar rumo a transmodernidade, denunciar os abusos, propor formas de minimizar os danos, corrigir as desigualdades por meio, principalmente de políticas públicas que fomentem os esportes praticados por mulheres, promovendo investimentos nesta área, é preciso mais estudos e pesquisas como esta, que olhem para as mulheres e as tragam para o jogo. É assim, pois que esperamos a prática do futsal

por meninas e mulheres que desejam profissionalizar-se neste esporte, ouvindo-as, escutando-as com atenção, trazendo-as para o jogo, porque o jogo só acontece com elas e por elas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Pólen, 2019. 152 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- ANDRÉ, Marli Eliza DA de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.47-112.
- BARREIRA, Julia. et al. Conmebol e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. In: MARTINS, M. Z.; WENWTZ, I. (Org). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para políticas públicas**. Curitiba: CRV, p.29-43, 2020.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen, 2019.184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
- BOTELHO-GOMES, Paula; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. **Equidade na educação: Educação Física e desporto na escola**. Lisboa: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed., rev. amp. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: ____ **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 29-44.
- DUSSEL, Enrique D. A conscientização em Paulo Freire. In: _____. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2007. p.434-443.
- DUSSEL, Enrique D. **Transmodernidad e interculturalidad** (interpretación desde la filosofía de la libertación). México City: UAM, 2005.
- DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. V.31, n. 1, jan/abr 2016. p. 51-73.
- FIORI, Ernani M. O fio condutor de um pensamento itinerante. In: ____ **Textos escolhidos: metafísica e história**. Porto Alegre: L&PM, 1991a. v. 1. p. 32-52.
- FIORI, Ernani M. Educação libertadora. In: ____ **Textos escolhidos: educação e política**. Porto Alegre: L&PM, 1991b. v.2. p. 83-95.

FIORI, Ernani M. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. p. 11-30.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários a prática educativa. 80ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Contribuições dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Org.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p 101-132, julho/dezembro de 1995.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no futebol: no campo e nas arquibancadas. **Direitos Humanos no Brasil**, p. 177-188, 2016.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W., SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014a, p. 29-46.

OLIVEIRA, Maria W.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas V.C; SOUZA, Fabiana R.; VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões teórico metodológicas. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014b, p. 111-141.

RIAL, Carmen Silvia. **Ludopédio**. Parte 2. Disponível em: [Entrevista com a professora Carmen Rial \(parte 2\) \(ludopedio.org.br\)](https://ludopedio.org.br). Acesso em 21 jan.2021.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Scientific_Electronic_Library_Online&oldid=65740009>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Joan Scott. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott—Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. 1989.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Giovana Capucim. **Mulheres impedidas**: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo. Rio de Janeiro: Drible e Letra, 2017. 246p.

SOUZA JÚNIOR, Osmar M. de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Ana Claudia F.; MARTINS, Mariana Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a prática**, v. 21, n. 1, 2018.

ANEXO I**PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFSCAR****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: PROCESSOS EDUCATIVOS NA VOZ DE MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL EM SÃO CARLOS

Pesquisador: ANA CLÁUDIA BIANCONI

Área Temática:

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Versão: 2

CAAE: 53675421.4.0000.5504

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Número do Parecer: 5.227.653



Continuação do Parecer: 5.227.653

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1847316.pdf	12/01/2022 15:16:33		Aceito
Outros	Carta_Resposta_Versao_2_Ana_Bianconi.pdf	12/01/2022 15:12:22	ANA CLAUDIA BIANCONI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Corrigido_Ana_Bianconi.pdf	12/01/2022 15:09:50	ANA CLAUDIA BIANCONI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Corrigido_Ana_Bianconi.pdf	12/01/2022 15:09:30	ANA CLAUDIA BIANCONI	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	Termo_anuencia.pdf	12/01/2022 15:08:58	ANA CLAUDIA BIANCONI	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Ana_Bianconi.pdf	15/11/2021 08:11:04	ANA CLAUDIA BIANCONI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 07 de Fevereiro de 2022

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Resolução 510/2016 do CNS)

Você, _____, está sendo convidada para participar da pesquisa sob o título “Processos educativos na voz de mulheres praticantes de futsal em São Carlos”, a qualquer momento antes da conclusão desta você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Os objetivos deste estudo são identificar quais são as práticas sociais e processos educativos que emergem das interações de um grupo de jovens mulheres atletas praticantes de futsal e analisar, compreender e descrever como essas práticas sociais e processos educativos se manifestam nas histórias de vida dessas jovens.

Sua participação neste estudo consistirá em conceder registro de observação em diários de campo e entrevistas gravadas para uso exclusivamente acadêmico. Os principais riscos com sua participação referem-se às situações de constrangimento e desconforto relacionadas ao compartilhamento de experiências da história de vida, sobretudo situações de violências e opressões que possam evocar experiências traumáticas. Cabe ressaltar, que serão tomadas providências para minimizar esses riscos, buscando criar ambientes acolhedores e dialógicos, deixando-a confortável para interromper e/ou suspender a entrevista sempre que julgar necessário. Os benefícios com a pesquisa se dão no sentido de contribuir para melhorias de políticas públicas de igualdade de gênero, além disso, sendo a pesquisa investigativa de caráter dialógico pode contribuir para reflexões que venham a fomentar a conscientização e valorização de suas experiências de resistência e nomear e denunciar experiências de opressão para então buscar a superação e o empoderamento destas e de outras mulheres futebolistas.

Salientamos que seu nome e da instituição a que está vinculado serão alterados garantindo sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar da mesma. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz,

Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Pesquisadora: Ana Claudia Bianconi

(RG: xxxxxx / CPF: xxxxxx Tel.: (xx) xxxxxxxx/ aluna regular do PPGE/UFSCar, orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior)

São Carlos, ____ / ____ / ____ .

Nome da Participante da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Diante das explicações presentes neste termo, você considera estar suficientemente informada a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade em participar?

() SIM

() NÃO

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de entrevista

1. Em um primeiro momento eu gostaria que você se apresentasse, então, contar um pouquinho, o seu nome, idade, cidade onde você nasceu, escola que você estudou, como é sua família, de modo geral.
2. Qual ou quais são suas primeiras lembranças com o futebol/futsal?
3. Na escola, você jogava futsal? Como era sua relação com o esporte na escola e quais as lembranças que tem das aulas de educação física?
4. Quando você começou a jogar futsal/futebol a sério? Conte um pouco sobre quando foi e como foi?
5. Qual ou quais as maiores dificuldades que enfrentou para jogar futsal?
6. Qual o seu maior sonho?
7. Como é a relação com sua família e amigos quando o assunto é jogar futsal?
8. Como você analisa a sua trajetória até aqui? Quais as maiores perdas e conquistas nesse caminho?
9. O que te faz permanecer no futsal?
10. Como você analisa a importância de homens e mulheres no universo do futsal/futebol, particularmente na sua vida?
11. Tem alguma coisa que gostaria de falar que não foi perguntada?

APÊNDICE III – TRECHO DE ENTREVISTA NA ÍNTEGRA

Giovana: Eu tinha dezesseis anos ainda, não tinha feito dezessete, eu já havia passado por lá antes, na..., ah, não era..., era teste e tal, mas tinha aquela questão que eles fazem de que se você quer ir treinar você tem que arcar, né; hoje eles tem casa, inclusive, para menor, né, mas na época, eles não tinham, né, na época que eu ia, então, eu tinha que sair de Porto Ferreira e ir para lá e voltar, e todo o gasto, né, para ir voltar no mesmo dia e aí era uma vez a cada quinze dias, treinava, voltava, enfim... Aí, em dois mil e dezesseis, não sei como, eles entraram em contato comigo, lembraram, lembraram assim, eu não sei se eles já tinham em mente, mas eles entraram em contato comigo, falaram que eles tinham duas vagas para, para menor de idade, né, na época eles não tinham casa para menor, mas eles tinham duas vagas para menor em aberto na casa do adulto e que eles queriam que eu fosse, se eu tinha interesse e tal, aí sem pensar duas vezes, né, e tal, risos.

Ana: Risos.

Giovana: Era, era o meu sonho, né. Sempre foi a referência, né, aqui no interior, a Ferroviária.

Ana: É.

Giovana: E desde muito novinha, como eu já tinha ido para lá algumas vezes, sempre quis muito ter essa oportunidade de estar no campo, de fato. Aí, quando eles me ligaram eu não pensei duas vezes, só avisei a minha mãe que eu iria, porque como eu já tinha saído de casa eu falei: “Olha, agora eu não volto mais para ficar, né.” Risos, aí, eles entraram em contato com ela também, pediram toda autorização e tal, enfim, toda a parte burocrática por ser menor de idade, né. Ela autorizou, ela e meu pai me levaram para lá, aí quando eu cheguei, inclusive, eles disseram que já estavam tentando há dois anos me levar, eu nem sabia de nada disso, mas que eles já estavam tentando há dois anos me levar, porque desde o primeiro contato que eles tiveram comigo, né, de eu ir treinar, eles gostaram de mim, viram em mim um certo..., enfim, para um futuro próximo eles acharam que eu ia render como atleta, então, eles acharam que deveriam investir naquele momento, né, e com a oportunidade de ter a vaga na casa eles decidiram me levar. Aí eu cheguei lá, no final de janeiro para o começo de fevereiro, aí logo em fevereiro eu completei dezessete anos. Eu acho que eu não cheguei a treinar um mês, não deu nem isso, eles já tinham uma competição que era o campeonato brasileiro sub20 marcado para final de fevereiro, começo de março. Aí eu treinei só com a base nesse..., nessa primeira situação, né, porque eu fui para compor o elenco da base.

Ana: Ahan.

Giovana: Da categoria de base do campo e ainda jogar o futsal pelo adulto, aí sim eu jogava o adulto pelo futsal. Eu tinha que estar dos dois lados.

Ana: Nossa.

Giovana: Treinava três vezes por dia.

Ana: E estudar?

Giovana: Estudava também, aí estudava a noite, era meu último ano, né, estava no terceiro do ensino médio, então, eu estudava a noite, não tinha treino mesmo, nem nada. Então, eu treinava de manhã, treinava na hora do almoço, treinava a tarde e aí, a noite, eu ia para escola. Aí eu treinei, fiz essa primeira participação no campeonato brasileiro, é, no campeonato brasileiro sub20, acho que a gente chegou a fazer, nessa primeira fase, acho que uns três, quatro jogos, não me recordo exatamente. E nessa primeira fase, foi lá no Centro Olímpico ainda, ele..., a comissão técnica do sub17 acompanhou; aí ao final dessa primeira fase ia sair uma convocação, eles estavam em período de preparação para o Sul Americano naquele ano, da categoria, né. Aí eles estavam observando algumas atletas e tal, né, daí foi onde eu ganhei a minha primeira convocação, né?!

Ana: No campo.

Giovana: É, que foi o tão esperado, com sei lá, não fazia nem dois meses que eu estava na Ferroviária, foi o meu primeiro campeonato que eu disputei e tal para categoria, né, e aí eles me convocaram, é... Aí eu fui para Seleção, fiquei o período de convocação lá, quando eu voltei, eu já voltei subindo para o principal, eles já me puxaram automaticamente para o elenco principal da Ferroviária.

Ana: Nossa. Para o profissional?!

Giovana: É.

Ana: Nossa.

Giovana: Porque até então, eu fui para a base, né. Aí com essa convocação..., é status, né, é status, sempre foi, a seleção brasileira sempre abriu o leque, né. E aí, de imediato, eu já cheguei, já fazendo parte do elenco principal, então, eu treinava com o principal, eu treinava com o futsal e treinava com a base.. Ainda continuei o treinamento com a base, isso não mudou nada, mas eu comecei a acompanhar o principal e nossa! Meu Deus! Na seleção eu já tive um..., já foi tudo muito diferente, né, na seleção, né, porque é outro nível, você pega meninas que vêm desde, desde um pouco antes, pelo menos, e eu naquele ano foi meu contato direto, né, de treinar campo e jogar campo, né,

até então, eu não tinha essa rotina, né, essa vivência, então eu passei um pouquinho apertado, mas naquela convocação em específico a seleção principal também estava, então, eu tive a experiência de tipo.

Ana: Nossa, que legal.

Giovana: Treinar com Formiga, Bruna Benites, Bia Zaneratto, enfim, muita menina que, né..., já muito mais velha e tal.

Ana: Ahan.

Giovana: Então elas me ajudaram muito, que a gente treinava junto, né, a gente teve alguns treinamentos que fizemos junto com elas, né, então me deram muitas dicas, né, muitos, enfim, muitos nortes ali para seguir mesmo, né, no campo, na minha posição que não era tão difícil, né, eu jogava de zagueira, não era tão difícil, né.

Ana: Ahan.

Giovana: Dentro de campo não era tão difícil, taticamente era só se posicionar, era só você entender algumas coisinhas, né.

Ana: Ahan.

Giovana: Aí tive muito essa ajuda delas, aí voltando do, da convocação né, que foi quando eu integrei a equipe principal, é, foi onde, de fato, eu comecei, né, tive que entender mesmo como funcionava, porque na seleção, eu fiquei lá o que? Vinte dias, eu acho. E aí os treinamentos dentro do, dentro da equipe mesmo, né, da Ferroviária, é..., não que é diferente, mas como eu posso dizer? Ah, eles já tipo, ah, a rotina deles ali já é voltada para as competições que eles vão disputar, né, então tem..., o treino já é de acordo com o adversário que você vai enfrentar, né, enfim, todo um contexto já que se vivia.

Ana: Ah, tá.

Giovana: E eu ralei para caramba, para caramba, acho que eu demorei uns dois meses para me adaptar, para conseguir relar na bola no treino, risos.

Ana: Risos.

Giovana: Porque, nossa, era muito diferente, muito diferente, as meninas dominavam e tocavam, dominavam e tocavam, eu ainda tinha dificuldade com domínio, né, porque o domínio é muito diferente, né, então.

Ana: Ahan. Porque a bola de campo parece que tem vida própria, né, risos.

Giovana: É, então, risos. Eu ainda tinha muita dificuldade com essa questão do domínio que era o início de tudo, né, então eu passei muito apertado, muito apertado, mas como eu treinava com a base, na base eu tinha a oportunidade de aprimorar, né, principalmente essas questões de fundamentos, então os fundamentos e posicionamentos

eu comecei a pegar mais na base, e aí como eu já treinava com o principal eu consegui transferir mais de um para o outro e aí foi ficando mais fácil, né. Mas esse meu primeiro ano foi muito difícil lá, muito, muito, muito difícil; eu só treinava com o principal, né, eu não fazia parte do elenco que competia, nem nada do tipo, não, era só treinar mesmo, então foi um período de adaptação que eu, assim, ralei para caramba porquê..., quando eu cheguei lá ainda..., no futsal é muito simples você dar um carrinho, né, tipo, você dá um carrinho, você já está de pé porque o espaço é curto, você já tem tempo de recuperar e tal, no campo..., eu cheguei no campo com esse costume de dar carrinho, de toda boa que surgir oportunidade você dar carrinho e ir, e isso e aquilo e tal; e eles me ensinaram muito a jogar em pé, sabe?

Ana: Ahan.

Giovana: Eles falavam: “Joga em pé, não tem que dar carrinho e isso e aquilo”, foram me dando alguns nortes, sabe?! Que eu fui pegando, que eu fui conseguindo trazer para dentro da prática mesmo, sabe? Treinos mais específicos ali, que eles passavam e depois desse primeiro ano, no segundo ano eles renovaram comigo, em dois mil e..., em dois mil e dezessete, né, eles renovaram comigo, aí eu havia terminado o ensino médio já; já não tinha mais essa preocupação, mas aí foi meu primeiro ano da graduação, eu tinha prestado o Enem no ano anterior, lá mesmo, eu tinha prestado, prestei o Enem, ganhei bolsa pelo Enem, né, porque eles não ajudavam com nada.

Ana: Não ajudavam?!

Giovana: Não, eles não davam... Eles ainda davam... era uma ajuda de custo que eles me pagavam, que foi cem reais que eu ganhei no primeiro ano. Eles davam cem reais por mês e o resto eu me virava, né, meus pais me ajudavam e aí no segundo ano eu passei a ganhar trezentos reais e trezentos reais ainda era o valor da bolsa que eu tinha, eu tinha todo o desconto que acho que era 75% de desconto, mas ainda eu tinha um tanto para pagar, da faculdade, entendeu?

Ana: Ah, entendi.

Giovana: Porque eu ganhei a bolsa pelo Enem, mas não foi 100%, foi 75.

Ana: Aí você usava a sua ajuda de custo para completar e terminar de pagar a mensalidade?!

Giovana: Na verdade, na verdade, minha mãe me ajudou muito nesse primeiro ano, foi ela quem pagou o ano inteiro para mim da faculdade, todo mês ela pagava, porque...

Ana: Não dava, né?

Giovana: Não tinha condições, entendeu!? Para você comprar um shampoo, um condicionador, e as suas necessidades básicas, já acabava o dinheiro. Male má tomava um açaí por mês né. Saía com as meninas para comer alguma coisa diferente, mas não era suficiente.

Ana: E lá na Ferroviária tinha o alojamento e vocês almoçavam lá? Tinha alguma pessoa responsável junto? Porque você estava no..., você foi para ficar na casa do adulto, né?!

Giovana: Fui. Só que na do futsal, não tem nada de ligação com o campo, no primeiro ano que eu estive lá.

Ana: Ah, tá.

Giovana: É, não tinha uma pessoa que..., a responsável era uma das atletas que naquele ano ela estava machucada, era uma atleta de confiança, já estava com eles fazia tempo; na época ainda não era Ferroviária, né, o futsal era Fundesporte, era Tradição Fundesporte.

Ana: Era Fundesporte?!

Giovana: Era alguma coisa desse tipo aí, e ela estava machucada, já era uma atleta antiga da casa, e ela era meio que responsável assim, que tomava conta ali, quando ela não estava treinando, nem nada, ela tinha mais tempo em casa, então ela meio que ficava responsável pelas menores e a alimentação era marmita, assim. Eles mandavam, não sei como chama, sabe aquelas de alumínio que vai...

Ana: Ah, que vem montadas e você vai desmontando para pegar a comida?

Giovana: É, exato. Aí vinha uma com arroz, uma com feijão, mistura e tal; e a gente era em, sei lá, acho que na época nós chegamos a ficar em sete, oito, nove meninas, não me recordo exatamente, e tinha que dar para todo mundo. E ia uma daquela para o almoço e uma pra janta, né.

Ana: Ahan.

Giovana: Mas tinha dia que não dava, que a comida não era o suficiente para todo mundo, porque né você conviver com outras pessoas, enfim, tem pessoas que não sabe o espaço do outro, enfim, aí tem essa questão de não saber dividir também. Mas, enfim, eu que treinava com o adulto do principal, a gente treinava sempre de manhã, tipo, acho que era das nove as onze, aí saía as onze horas e o ônibus levava todo mundo para casa do, do campo mesmo, e eu tinha que sair da casa do campo e voltar para casa do futsal, nessa hora que eu chegava em casa, já era tipo, meio dia e tinha dia que já não tinha mais comida.

Ana: Já tinham comido.

Giovana: As meninas já tinham comido, é.

Ana: Nossa.

Giovana: E aí já não tinha o que fazer, entendeu? É, também tinha dia que vinha comida estragada, não era da melhor qualidade, sabe?

Ana: Nossa.

Giovana: E era basicamente almoço e janta; fruta era uma vez por semana que eles davam para gente e ainda olhe lá. Acho que foram raras as vezes que eu comi fruta quando eu morei na casa do futsal. Porque eu não sei como era o salário lá, eu sei que eu ganhava cem reais no primeiro ano, as outras meninas eu não sei, mas a alimentação era muito precária, muito precária, muito, muito, muito (faz sinal de negação com a cabeça – C.O.). Eles exigiam rendimento, mas não davam o suporte necessário, sabe? É, então para um time, né, e a estrutura que eles tem lá, deixam muito a desejar. Então a gente passou por muitas dificuldades nessa época lá, muita, muita, mesmo, mas a maioria das meninas eram novas, sabe? Então estava tudo naquela, era aquela sede, então a gente acaba aceitando tudo o que vem pela frente, porque a gente está lutando por aquilo que a gente quer, né, então...

Ana: É.

Giovana: A gente não quer voltar embora para casa, então a gente aceita aquilo que eles dão para gente; e era basicamente almoço e janta e era isso que a gente tinha, quando tinha, né!

Giovana faz uma denúncia das péssimas condições de alimentação, conta ainda que participava de três treinos por dia, um com a equipe principal, um com a base e outro com o futsal, era uma carga alta de trabalho, bem alta; estudava a noite e muitas vezes não tinha o que comer, além de contarem apenas com almoço e a janta. A ajuda de custo que recebia era irrisória, cem reais no primeiro ano e trezentos no segundo, quando já estava com a equipe profissional. Particularmente, não imaginava que isso tivesse acontecido na Ferroviária, que há tempos já é um clube de referência na modalidade, inclusive com certificado de clube formador, no entanto, imagino que na atualidade os problemas sejam menores, mas é preciso ficar atenta. Giovana fala que como não queriam voltar embora para casa, aceitavam aquilo que lhes era oferecido, indicando que não era uma realidade escolhida por elas, no sentido de ser algo bom, mais parece o preço que se paga por algo que se deseja, como algo ruim, algo que elas superavam em busca de um sonho. (C.O.)

Giovana: Só que aí no segundo ano, como eu já fazia parte do elenco principal, eu deixei de fazer parte do futsal e eles me levaram para casa do campo, porque lá de fato era muito melhor, né, mil vezes melhor, a estrutura que eles davam era melhor, tanto que, até mesmo por conta das jogadoras, né.

Ana: Sim.

Giovana: Tinha jogadora de seleção lá, na época. A Ferroviária ainda era referência, né, não tinha ainda o Corinthians, não tinha os times que tem hoje, a Ferroviária ainda era referência, né, então muitas meninas que eram da seleção, estavam lá. Então, eles davam uma estrutura maior, tinha cozinheira para fazer almoço e janta, fruta ia um dia sim, um dia não, chegava fruta na casa; a casa era muito maior também, até porque vivíamos em quase vinte meninas na casa.

Ana: Nossa, quantas.

Giovana: Mas aí, a estrutura que eles ofereciam era totalmente outra, é um dos motivos pelo qual me mudaram para lá foi esse, né, viram que não ia ter como eu ter um certo rendimento, vivendo nas condições que a gente vivia na outra casa, né.

Ana: Sim.

Giovana: Aí eles passaram eu e mais duas meninas que eram da minha idade, também; nós três fomos para casa do principal. Aí, lá eram as mil maravilhas, né, não tinha do que reclamar quanto a isso, eu já estava numa, não progressão boa, né, mas já tinha passado um ano em que eu tinha vivenciado toda..., tinha ganho, a gente ganhou o campeonato estadual inclusive, que foi meu primeiro ano lá, em dois mil e dezesseis. A gente ganhou um campeonato estadual com a base, nós tivemos uma boa perspectiva, né, no decorrer do ano, a gente tinha jogado o campeonato brasileiro, não chegamos muito longe, mas a gente chegou até as fases finais; não chegamos na final, mas chegamos as fases finais, né.

Ana: Ahan.

Giovana: Enfim, como tinha tido um ano bom, tinha adquirido experiência já, já tinha viajado de avião, coisa que eu nunca tinha feito antes, né, porque se você joga campeonato brasileiro, você joga em todos os estados, então já tinha a vivência de ir, viajar, ficar em hotel, e ficar em hotel super massa, né.

Ana: Top.

Giovana: Que você vê tudo o que você imagina, que você come as melhores comidas, né, tem as melhores vistas de jogos, nos melhores gramados, né, enfim, tinha tido essa vivência, né, então eu estava já mais ali habituada, né, ao espaço e tal..., tanto

que foi o melhor ano que eu tive na minha vida no campo, né, porque nesse ano de dois mil e dezoito, dois mil e dezessete, eu jogando na equipe principal, não só treinando, começando a fazer parte do elenco que competia, né, comecei a disputar a vaga, comecei a incomodar um pouquinho, né, as meninas mais velhas que estavam jogando, consegui titularidade, fui crescendo, joguei o Campeonato Paulista, joguei o Campeonato Brasileiro, fiz parte do elenco que ia para Libertadores, fui cortada no final, não fui, mas estava dentro do elenco que ia para Libertadores, então tive um ano muito..., muito, assim, extraordinário, sabe?! Dentro das demandas que eles passavam para gente.

Ana: Ahan.

Giovana: Vinha numa crescente muito boa, emagreci, nunca pesei na minha vida sessenta e nove quilos.

Ana: Nossa!

Giovana: Lá eu cheguei a pesar sessenta e nove quilos porque eles eram muito em cima, sabe, com essa coisa, como tinha todo o acompanhamento, né, tinha tudo, fisioterapia, tinha é, nutricionista, tinha tudo. Tudo, tudo, tudo, então no começo do ano a gente sempre passava por avaliações, né, e já faziam lá todos os testes, exames: “Olha você precisa disso, disso e disso, e você tem que chegar nisso!”, e se não chegar não joga, e não joga, não joga mesmo.

Ana: E não joga? E não adianta chorar.

Giovana: Não. Peso era um dos principais quesitos que eles batiam em cima: “Se não tiver isso aqui, você não vai jogar.”, se duvidar você não vai treinar também, você vai para academia, você vai fazer academia: “Se vira.”

Ana: Nossa.

Giovana: Aí foi onde eu cheguei a pesar sessenta e nove quilos, fiquei muito, muito magra, mas eu acho que foi um dos melhores anos, uma das melhores temporadas fisicamente falando, sabe?!

Ana: Ahan.

Giovana: Porque jogar um jogo de noventa minutos.

Ana: Nossa, é pesado.

Giovana: No primeiro jogo eu quase morri do coração, achei que eu não ia conseguir suportar tudo, né, enfim, mas aí fui conseguindo criar, né, essa resistência física, e tal, né, até porque antes do ano anterior eu nunca tinha tido treinamentos tão específicos quanto, né.

Ana: Ahan.

Giovana: O treinamento físico, né, zagueira fazer treinamento físico para zagueira, tempo de bola, isso e aquilo, enfim. Aí eu comecei a fazer muito mais parte da rotina das meninas em si, né, de competição e isso e aquilo, viajei para muito mais lugares, joguei contra muito mais times, né, principal, porque no ano anterior tinha jogado só o sub20, né.

Ana: Era base.

Giovana: É. Aí comecei a jogar contra as meninas que tinham nome, né, assim, você olha para o outro lado do campo e você vê que a outra está ali, né, (eleva a sobrancelhas, se anima ao falar – C.O.) comecei a ter essas referências maiores, né, assim, tipo, na minha frente, comecei a aparecer na televisão porque na época o Sport-TV, era pouco, mas ainda o Sport-TV televisionava algumas partidas, as mais importantes, não eram todas, né.

Ana: Ahan.

Giovana: Mas aí comecei a ter uma visibilidade maior, começaram a me enxergar, comecei a receber propostas de outros times, em meio de temporada já tinha time vindo falar comigo. Eu nunca tive empresário e nem nada do tipo, então era sempre esse contato direto; já comecei a receber alguma coisa desse tipo, então como eu nunca tinha vivido para mim era: “Nossa!”, tudo muito né, tudo muito novo.

Ana: Ahan.

Giovana: Aí, no final não, acho que no meio de dois mil e dezessete, eu super bem, super, mas muito bem, eu machuquei e perdi uma convocação para seleção sub20 e era ano de preparação para o mundial, eu tinha mais dois anos, né, é, e eu só fiquei sabendo depois, mas eles já, já estava tudo certo, eles iam me levar e eu machuquei, perdi a oportunidade, eles entraram em contato comigo, falaram, tudo, fiquei super desesperada, super, chorei horrores, achei que o mundo ia acabar, mas enfim, acredito também que não era para ser, acabei não dando a sorte, né, aí acabou passando e esse foi o meu último ano também no campo, como profissional, eles me mandaram embora no final do ano. Ah, ainda neste mesmo ano, eu jogava principal e jogava sub20, nós fomos campeãs paulista sub20, com..., basicamente metade do elenco sub20 era base mesmo, as meninas menores, né, e metade era as que compunham o elenco principal, e a gente foi campeã invictas, fizemos uma campanha excelente e eles mandaram metade do time embora e eu fui uma das...

Ana: Nossa.

Giovana: Que eles simplesmente: “Olha, muito obrigado, você não é mais útil para gente!”, não foi assim, exatamente com essas palavras, mas foi como se fosse.

Giovana fala com muita dor, quase engasga para falar que não se sentia mais útil para a equipe. A sensação é de descarte, de inutilidade, de não valorização. Aqui me lembro de Paulo Freire, novamente, no que se refere a crueldade do opressor, da objetificação do ser humano oprimido que tem seu valor apenas enquanto serve ao opressor. (C.O.)

Giovana: Essa foi uma das maiores frustrações que eu tive na minha vida, até porque neste mesmo ano, quando eu já, eu tinha recebido proposta para sair de lá, eu cheguei neles, falei que eu tinha recebido proposta para sair, e eles me disseram que não, que não era para eu sair, que eles queriam que eu ficasse, que eu poderia ficar tranquila porque o plano de carreira que eles tinham para mim ainda durariam mais dois, três anos, pela minha idade, né. E eu falei: “Não, beleza, né. Ok.”, não ganhava nada, mas estava feliz, estava fazendo faculdade, estava...

Ana: Estava super bem, né?!

Giovana: É, entendeu? Eu estava numa fase muito extraordinária dentro de campo, e aí eu falei: “Ok.” Assim que me mandaram embora eu fiquei...

Ana: Muito sem chão, né?!

Giovana: Sem chão, sem chão.

Ser dispensada no que Giovana considerava o melhor momento da vida profissional de Giovana foi sentido demais por ela. Ficar sem chão representa muito o abandono o não ter apoio, sustentação, cair. E sem ter uma explicação para ela, sem fazer sentido, sem esperar, depois de já ter recusado algumas propostas acreditando na fala da comissão que garantiu que tinham um plano de carreira para lhe oferecer por alguns anos ainda. É muito triste e acredito que esse modelo de formação que, de certa forma se aproxima do masculino, acaba objetificando as pessoas e transformando as atletas em mercadorias que podem ser trocadas e descartadas a qualquer momento. Acho isso uma falha grotesca e que o futebol de mulheres e também futsal precisam pensar em um outro modelo, por mais que a competição exija das atletas alta performance, é preciso entender e tratar as meninas e mulheres como seres humanos e não cair na armadilha de mercantilizar as jogadoras. (C.O.)

Ana: Giovana, e sobre a sua lesão, que lesão foi? Você acha que foi por isso? Que foi isso que influenciou?

Giovana: Aninha, não foi nem tipo lesão, de tipo lesão mesmo. Sabe o que aconteceu?

Ana: Ahn.

Giovana: Na época, eu sempre fui muito pobre, eles não pagavam muita coisa e eu quase não tinha dinheiro para comprar uma chuteira boa, por exemplo, entendeu?

Ana: Ahan.

Giovana: Porque uma chuteira boa, na época, né, você apagava o que? Quatrocentos, quinhentos reais uma chuteira boa; agora deve estar muito mais, e eu nunca tive condições de fato, né. E na época, eu lembro que eu comprei uma chuteira na Netshoes, péssima, horrível, acho que eu paguei cem reais e não durou um mês e estourou tudo e eu não tinha condições de comprar, mesmo, sabe? E tinha uma menina que ela, ela tinha uma que estava grande no pé dela, mas que ainda o pé dela era menor que o meu, mas que ela não estava usando a chuteira, que eu fui por no pé e deu tipo assim, que os meus dedos ficavam, sabe? (fez gestos com as duas mãos em sinal de apertar uma mão na outra – C.O.)

Ana: Espremidinho.

Giovana: Apertadíssimo, mas que ela falou assim: “Se você quiser usar, pode usar.”, e era a minha única opção. Fui usar a chuteira, no que eu fui usar eu acho que eu usei uma ou duas semanas e aí me deu uma bolha, abriu uma cratera aqui atrás do meu pé, sabe?!

Ana: Ahn.

Giovana: Uma bolha que eu não lembro se era atrás, ou era do lado, só sei que essa bolha me deixou de cama.

Ana: Nossa Senhora.

Giovana: Me deixou de cama, fiquei com febre, é, perdi o apetite, muita coisa, sabe?! Fiquei muito mal mesmo, tive que tomar benzetacil, época e tal, fiquei uma semana, quase duas semanas sem treinar e foi exatamente nessa semana a convocação.

Ana: Nossa.

Giovana: Que aí a delegação da seleção, né, foi lá, a sub20, foi até Araraquara. Eles foram até lá, e aí eles foram para tipo ver, né, conversar com a gente, né e tal, porque eles me levariam e levariam mais duas ainda do elenco. E eu não treinei.

Ana: Nossa.

Giovana: E eu não treinei, não participei, né, da atividade que eles propuseram e tal, e eles falaram que então não me levariam, que eles não, eles não, eles,

é, pelo que eles falaram, né, também não sei se era conversa fiada, mas..., que eles precisavam, né, me ver e tal, de fato, apesar de já terem visto em jogos, isso, isso e aquilo, eles queriam que eu passasse pelas atividades que eles estavam propondo ali e tal, e que eu tinha que participar, porque se eu não participasse, eles não teriam dados concretos para justificar minha convocação, entendeu? Porque outras meninas, inclusive as que iam comigo, né, e foram, elas participaram. E que se eu não participasse e eles me levassem, eles falaram que não seria justo.

Ana: Ah.

Giovana: Enfim. E foi isso, não foi nem lesão, sabe?

Ana: Ahan.

Giovana: Eu nunca tive lesão jogando,

Ana: Que bom!

Giovana: O máximo que eu tive foi estiramento na coxa jogando uma vez, mas não foi nada grave, eu fiquei uma semaninha na fisio e já melhorei.

Ana: E aí, Giovana, depois disso, quanto tempo você levou para recuperar dessa bolha? Você terminou o ano normal?

Giovana: Foram duas semanas. Foram quinze dias, duas semanas.

Ana: Nossa. Ah, que droga, hein.

Giovana: É. Mas tipo, foram duas semanas sem treinar, sem comer, totalmente debilitada, sabe?! Fiquei muito mal, muito mal mesmo. Nunca tinha acontecido aquilo comigo, foi bem estranho, sabe?!

Ana: Ah, tá, ahan.

Giovana: Mas, enfim, acabou acontecendo justo nesse período, aí, depois que, que, depois que eu consegui me recuperar e que eu já conseguia colocar a chuteira de novo, aí eu voltei a treinar e vida que segue.

Ana: Vida que segue.

Giovana relata que a bolha foi causada por usar uma chuteira menor que o tamanho do seu pé, pois ela não tinha dinheiro e condições de comprar uma chuteira nova e boa. Por esse ocorrido ela acaba perdendo uma convocação e talvez mais oportunidades. No entanto o clube não oferece um respaldo para as atletas que passam por isso, apenas oferece uma ajuda de custo que é bem baixa e alimentação, mas as cobranças não são nada baixas, desde as exigências nos treinamentos às obrigatoriedades de se alcançar padrões e metas físicas. O opressor oferece o mínimo ao oprimido e exige o máximo em troca, e faz isso com primazia, colocando se em um discurso de ser muito generoso e o

oprimido quando, por qualquer motivo reclama, é ingrato – falsa generosidade. Essa prática de violência ainda é muito comum nos clubes de futebol e futsal, em muitas situações, inclusive, as atletas não abrem a boca, pois isso pode lhes custar o “emprego”, em outras se quer percebem essa situação, ou se convencem de que lhes dão muito, que muitas meninas gostariam de estar ali, introjetam o discurso do opressor e o tomam como verdade. (C.O.)

Ana: Então não foi algo que comprometeu o seu rendimento?

Giovana: Não. Em momento algum, não. Isso nunca aconteceu.

Ana: E como você lidou com isso, sabe? Com essa frustração depois, no final? O que você fez?

Giovana: Eu nunca havia sido dispensada, né, de um lugar, nunca havia sido assim, mandada embora, e tipo assim, falar tchau, obrigada e tal, ainda mais depois de recusar algumas propostas, então parecia que meu mundo tinha acabado, que eu era a pessoa mais inútil da vida, que tudo o que eu fiz não valeu de nada, que todo o meu esforço de fato, né, durante toda a temporada, no final, inclusive ao longo do ano me disseram que eu fui muito importante, que quando eu ganhei a titularidade, né, foi exatamente quando eles ficaram sem atletas na posição, uma tinha machucado, outra não me recordo exatamente o que tinha acontecido, mas enfim, quando precisaram, eu estava ali, sabe?!

Ana: Ahan.

Giovana: E foi onde eu consegui ganhar a sequência, né, de jogos que eu ganhei, enfim, terminar a temporada também. Terminei a temporada sendo campeã paulista com o elenco sub20, então, para mim foi, foi: “Como assim? O que que está acontecendo?”. É, fui embora para minha casa, voltei embora para casa; recebi algumas propostas para ir embora novamente, para jogar em outros clubes, né, mas eu não quis. Não quis, não sei te explicar o quão, nossa, assim, o quão amedrontador foi mesmo essa situação para mim, sabe?! Porque parece que eu sinto que depois dessa situação eu perdi..., eu perdi de fato uma parte de mim, sabe?! Eu quase entrei em depressão depois dessa situação, acabou que eu abandonei o futebol, né, e eu já tinha começado a faculdade, né, e se eu quisesse continuar jogando eu teria que abrir mão da faculdade porque, por exemplo, eu recebi proposta para ir para São Paulo, como que eu ia transferir daqui, se eu tinha bolsa aqui, na época era na UNIP de Araraquara, né, tina toda essa questão em jogo. Como que eu ia jogar daqui, jogar lá para São Paulo onde uma bolsa de faculdade, é, era quase dois mil reais e eles não me pagariam isso, e eles não me dariam isso, eu ia ter que

arcar, eu não ia ter condições de arcar, então ia só jogar, não ia mais estudar. Enfim, minha mãe pesou muito na minha cabeça nessa hora, né, foi..., hoje eu agradeço a ela, na época eu não entendi, né, eu não aceitei, não, para mim não, tanto que eu quase entrei em depressão, fui me enfiando em um buraco onde eu quase não consegui sair mais, porque não aceitava o fim, não queria esse fim, mas aí ela ficou na minha cabeça e tal e aí, enfim, larguei o futebol e decidi seguir com a minha faculdade.

Giovana cita que perdeu parte de si quando foi surpreendida com a dispensa e teve que lidar com a frustração de voltar para casa e abandonar o futebol para seguir com a faculdade. Um relato muito forte, que expressa muita dor e principalmente por não achar ou receber qualquer devolutiva que justificasse a dispensa. Em todas as outras situações Giovana enfrentou a mãe e seguiu menos nesta, pois no fundo, enxergou a insegurança que envolvia a vida profissional de uma atleta, e desejando continuar com os estudos ela precisaria do apoio da mãe, já que sozinha não conseguiria, então ela enfrentou também a situação de não poder fazer nada para continuar jogando e aceitou o conselho da mãe. O universo de insegurança que se estabelece na vida das atletas de futebol e futsal é muito grande, dificilmente elas têm amparo em situações de lesão; os contratos, na sua maioria são temporários e muitas vezes, se quer assinados, há apenas o compromisso firmado em palavras que nem sempre é cumprido e a todo final de temporada as atletas sofrem e não sabem se vão ou não continuar no clube. Isso dificulta também a questão dos estudos, pois no futsal é mais comum, por exemplo, a concessão de bolsas de estudos em faculdades, contudo como há muita incerteza com relação a permanência duradoura no clube, geralmente as meninas levam anos para conseguir concluir os estudos, pois uma hora precisam trancar a matrícula, em outra transferem e perdem equivalências, ou ficam sem estudar por um tempo, enfim, é bem incerto e traz muitas dificuldades para as atletas. (C.O.)